

DIVISÃO
REGIONAL
DO
BRASIL
EM
MESORREGIÕES
E
MICRORREGIÕES
GEOGRÁFICAS

VOLUME 2 - TOMO 1

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE
DIRETORIA DE GEOCIENCIAS - DGC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DEGEO

DIVISÃO DO BRASIL
EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
VOLUME 2 - TOMO 1 - REGIÃO NORTE

RIO DE JANEIRO
1991

**FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**

PRESIDENTE
Eduardo Augusto Guimarães

Diretor-Geral
José Guilherme Almeida dos Reis

ORGÃOS TÉCNICOS SETORIAIS

DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS
Mauro Pereira de Mello

DIRETORIA DE INFORMÁTICA
Nuno Duarte da Costa Bittencourt

DIRETORIA DE PESQUISA
Lenildo Fernandes Silva

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES
Nélson de Castro Senra

ISBN 85-240-041-0 v 2 t 1

DIRETORIA DE GEOCIENCIAS

Mauro Pereira de Mello - Diretor
Marilourdes Lopes Ferreira - Diretora Adjunta

Departamento de Cartografia
José Roberto Duque Novaes
Departamento de Geografia
Solange Tietzmann Silva
Departamento de Geodésia
Fernando Augusto de A. Brandão Filho
Depto de Recursos Naturais e Estudos Ambientais
Luiz Góes Filho
Departamento de Estudos Territoriais
Fernando Rodrigues de Carvalho
Departamento de Documentação e Informação
Angelo José Pavan
Núcleo de Planejamento e Organização
Antonio Ferreira Antunes
Gerência de Suporte Administrativo
Florianos dos Reis Barbosa

**DIVISÃO DO BRASIL EM
MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS**
Volume 2 Tomo 1 - Região Norte

Joil Rafael Portella - Editor
Miguel Guimarães de Bulhões - Co-Editor

Arte e Capa
José Lincoln Barbosa Leite
Copidesque
Alice Leite de Lima
Edição de Textos
Sérgio Medeiros de Lavour
Editoração e Correção de Textos
André Luís da Silva Almeida
Zuleica da Costa Veiga

Impressão e Encadernação
Fernando Motta Lima Cascon
Fernando Sacramento da Conceição
Jesus de Souza Balão (Supervisor)
Jorge Carlos Moraes
Luiz Carlos da Silva
Paulo Roberto Muniz Rosa

Divisão do Brasil em mesorregiões e microrregiões / Fundação
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Departa-
mento de Geografia - Rio de Janeiro : IBGE, 1990

v

Conteúdo : v 1 [Brasil] - v 2 t 1 Região Norte -

ISBN 85-240-0399-5 (obra completa)

1 Brasil - Divisões territoriais e administrativas 2
Brasil - Mesorregiões 3 Brasil - Microrregiões I IBGE
Departamento de Geografia.

IBGE CDDI Dep de Documentação e Biblioteca
RJ-IBGE/91-29

CDU 35 071 55(81-0)

APRESENTAÇÃO

Dando continuidade à obra Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas, o Departamento de Geografia traz à divulgação o segundo volume dessa obra, contendo textos de caracterização dos espaços meso e microrregionais identificados em cada Unidade Federada e já divulgados no primeiro volume

Os textos, ora apresentados, procuram dar conta das especificidades que processos econômicos, sociais e políticos, de ampla determinação, assumem nas Unidades Federadas, conduzindo a formas diferenciadas de organização espacial. Em nível mesorregional, a caracterização efetuada resgata a particularidade dos processos de ampla escala e focaliza os aspectos fundamentais da organização produtiva, da vida de relações e dos condicionantes físicos, ressaltando a identidade regional dos recortes espaciais individualizados. Em nível microrregional, foram privilegiadas, no contexto descritivo, especificidades da estrutura produtiva e da interação espacial, aspectos, em si mesmos, identificadores dos segmentos microrregionais.

A exemplo de trabalhos precedentes acerca de divisão regional, o segundo volume contempla, também, a atualização cartográfica municipal, bem como viabiliza, através de quadros comparativos, estabelecer o confronto da atual divisão regional com aquela que a precedeu.

O segundo volume da Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas será apresentado em cinco tomos correspondentes às macrorregiões vigentes no País.

Solange Tietzmann Silva
Chefe do Departamento de Geografia (DEGEO)

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES
E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

EQUIPE TÉCNICA

Supervisor: *Aluizio Capdeville Duarte*

Gerente: *Onorina Fátima Ferrari*

Autores:

Adma Hamam de Figueiredo
Aluizio Capdeville Duarte
Ana Maria Fernandes da Costa
Cesar Ajara
Eliane Ribeiro da Silva
Estácio Ramos de Arruda
Francisco Felipe Filho
Lourdes Manhães de Mattos Strauch
Lúcia de Oliveira
Miguel Guimarães de Bulhões
Onorina Fátima Ferrari
Sindó Rubim Rios
Sônia Bastos de Souza
Sueli Caetano de Araujo
Suely Sarmiento Rebello
Suzi de Mattos

Apoio Técnico-Operacional

Estatístico

Alice Dora Vergara Gomes da Silva
Geraldo Simões Souto

Cartográfico

Angelo Dias Maciel
Pedro Marcílio da Silva Leite

Elaboração de Quadros Comparativos

Roberto de Castro Nóbrega Barrucho

Elaboração de Tabelas e Mapas

Alfredo dos Santos Cunha
Angelo Jorge Ferreira Pereira da Silva
Maria José da Cunha Teixeira de Araújo
Nelice Rezende Barbosa
Regina Célia da Silva Alonso
Regina Domingues Barbosa
Zélia Guedes de Moraes

Processamento de Textos

Jacinto Botelho Freire
Maria Ieda Silveira Antunes
Sergio Medeiros de Lavor

MESORREGIÕES E MIGRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

RONDÔNIA

AUTOR: MIGUEL GUIMARÃES DE BULHÕES

- MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS -

11-RONDÔNIA-RO

11 01 - Madeira-Guaporé

11 01 001 - Porto Velho

- 1 Porto Velho
- 2 Vila Nova do Mamoré

11 01 002 - Guajará-Mirim

- 1 Costa Marques
- 2 Guajará-Mirim

11 02 - Leste Rondoniense

11 02 003 - Ariquemes

- 1 Ariquemes
- 2 Machadinho d' Oeste

11 02 004 - Ji-Paraná

- 1 Jaru
- 2 Ji-Paraná
- 3 Ouro Preto do Oeste
- 4 Presidente Médici

11 02 005 - Alvorada d' Oeste

- 1 Nova Brasilândia d' Oeste
- 2 São Miguel do Guaporé
- 3 Alvorada d' Oeste

11 02 006 - Cacoal

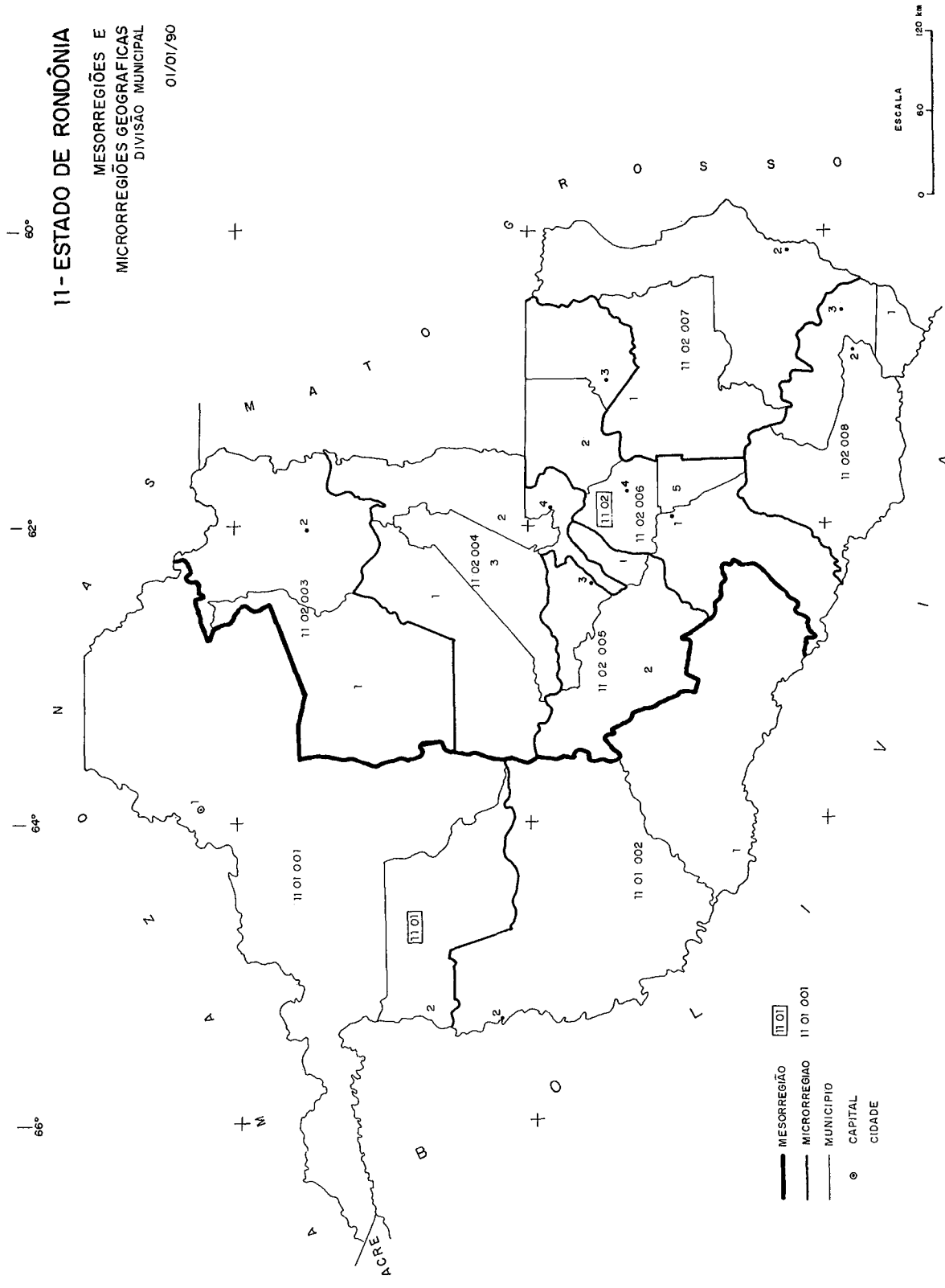
- 1 Alta Floresta d' Oeste
- 2 Cacoal
- 3 Espigão d' Oeste
- 4 Rolim de Moura
- 5 Santa Luzia d' Oeste

11 02 007 - Vilhena

- 1 Pimenta Bueno
- 2 Vilhena

11 02 008 - Colorado do Oeste

- 1 Cabixi
- 2 Cerejeiras
- 3 Colorado do Oeste



QUADRO COMPARATIVO DAS MESORREGIÕES E RESPECTIVAS MICRORREGIÕES

ESTADO DE RONDÔNIA

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MESORREGIÃO PORTO VELHO (01) Microrregião de Porto Velho MESORREGIÃO LESTE DE RONDÔNIA (92) Microrregião de Ji-Paraná Microrregião de Vilhena Microrregião de Colorado do Oeste	MESORREGIÃO MADEIRA-GUAPORÉ (11 01) Microrregião de Porto Velho Microrregião de Guajará-Mirim MESORREGIÃO LESTE RONDONIENSE (11 02) Microrregião de Ariquemes Microrregião de Ji-Paraná Microrregião de Alvorada d'Oeste Microrregião de Cacoal Microrregião de Vilhena Microrregião de Colorado do Oeste

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

QUADRO COMPARATIVO ENTRE A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS,
E A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS,
SEGUNDO A COMPOSIÇÃO POR MUNICÍPIOS

ESTADO DE RONDÔNIA

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
PORTO VELHO (001) Costa Marques Guajará-Mirim Porto Velho	PORTO VELHO (11 01 001) Porto Velho Vila Nova do Mamoré
	GUAJARA-MIRIM (11 01 002) Costa Marques Guajará-Mirim
	ARIQUEMES (11 02 003) Ariquemes Machadinho d'Oeste
JI-PARANA (369) Ariquemes Cacoal Jarú Ji-Paraná Ouro Preto do Oeste Presidente Médici Rolim de Moura	JI-PARANA (11 02 004) Jaru Ji-Paraná Ouro Preto do Oeste Presidente Médici
	ALVORADA d'OESTE (11 02 005) Alvorada d'Oeste Nova Brasilândia d'Oeste São Miguel do Guaporé
	CACOAL (11 02 006) Alta Floresta d'Oeste Cacoal Espigão d'Oeste Rolim de Moura Santa Luzia d'Oeste
VILHENA (370) Espigão d'Oeste Pimenta Bueno Vilhena	VILHENA (11 02 007) Pimenta Bueno Vilhena
COLORADO DO OESTE (371) Cerejeiras Colorado do Oeste	COLORADO DO OESTE (11 02 008) Cabixi Cerejeiras Colorado do Oeste

11 01 - MESORREGIÃO MADEIRA-GUAPORÉ

O transporte fluvial e o extrativismo vegetal, ainda presentes, apesar de várias transformações em curso, e um quadro natural onde se destaca a floresta úmida amazônica de várzea e de terra firme, são elementos tipicamente amazônicos desta mesorregião, que se identifica com a bacia do Alto rio Madeira e com a parte nacional das bacias do Baixo rio Mamoré e do Medio-Baixo rio Guaporé

Embora, no século XVII, alguns desbravadores já tivessem percorrido este território, sua ocupação se deu definitivamente a partir do início do século XVIII, através não só da penetração de bandeirantes paulistas vindos de Cuiabá, à procura de ouro, como também de diversas entradas que, partindo de Belém, tinham como objetivos participar do comércio da prata andina, ligar a Amazônia às minas mato-grossenses e desbravar a região

No final do século XIX e início do século XX, a extração da borracha atraiu para o Alto-Madeira, grupos de migrantes, especialmente nordestinos, que consolidaram uma ocupação ainda esparsa, mas que se tornou mais efetiva a partir da construção da Estrada de Ferro Madeira - Mamoré e o consequente estabelecimento e núcleos ao longo do seu traçado, dando origem, inclusive, às cidades mais tradicionais do Estado: Porto Velho, a capital, e Guajará-Mirim, respectivamente, ponto inicial e final da ferrovia

A crise da borracha frustrou a expansão do povoamento numa região que tinha, por base econômica, o extrativismo vegetal, ainda que a partir da década de 40, o governo tenha intervindo não só com a regularização política da área (criação do antigo Território do Guaporé) como também com o estabelecimento de colônias agrícolas ao longo do eixo ferroviário

O isolamento da região, porém, não favoreceu o desenvolvimento da agricultura que permaneceu restrita à pequena lavoura de alimentos, destinados ao consumo regional

Somente a partir da década de 60, com a construção da atual rodovia BR-364 e mais tarde as BRs - 317 e 425 é que surgiram perspectivas de modificação na economia local, com a chegada de novos capitais e grandes levadas de migrantes, observando-se, todavia, uma série de problemas gerados pelo convívio das novas atividades com as tradicionais, já existentes

Ainda assim, até a metade da década de 80, a coleta da borracha, da madeira e da castanha-do-pará ainda prepondera e só mais recentemente é que modificações estão se fazendo notar com mais intensidade, na economia local

De fato, ao lado do extrativismo vegetal ainda importante, o recrudescimento da mineração do ouro e da cassiterita, a regularização da pesca em colônias, o estabelecimento de fazendas de gado em áreas de antigos seringais e o surgimento de novos cultivos como o do café, são alguns dos exemplos da nova dinâmica da região, que tem Porto Velho não só como capital do Estado como também uma capital regional cuja influência está em franca expansão, apoiada em parte na expectativa da produção de energia elétrica pela usina de Samuel que irá suprir uma forte demanda reprimida desta energia

A atividade agrícola, porém, necessita de consideráveis investimentos, uma vez que a maior parte dos solos da região, constituídos por areias quartzosas e lateritas hidromórficas, às vezes associadas a solos e a latossolos vermelhos e amarelos, só apresenta boa produtividade por meio de manejos desenvolvidos ou pelo menos semidesenvolvidos

Uma série de dificuldades, entre elas a precariedade de infra-estrutura no setor, problemas fundiários e má qualidade dos solos têm desencorajado não só a entrada de novos capitais na agricultura, como ainda estimulam o êxodo de trabalhadores rurais para as fazendas de criação ou para os garimpos, quando não para os centros urbanos

A mesorregião possui articulação com o Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País através da BR - 364; com o Médio Vale (BR - 319), Oeste (BR - 364) e Norte Amazônico (BRs - 319-174) e com países vizinhos como a Bolívia, pelas BRs - 364 e 425 e mais remotamente a Venezuela, pelas BRs - 319 e 174. O município de Costa Marques, porém, depende de navegação fluvial, sempre demorada, para se articular com as demais áreas da mesorregião, possuindo, todavia, através da BR - 429, ligação direta com o leste do Estado, fato esse que poderá futuramente causar seu direcionamento para esta área, apesar de, atualmente, fazer parte economicamente e culturalmente desta mesorregião

Linhas aéreas regionais interligam as sedes municipais com a capital do Estado e através desta, com as demais regiões do País

Dotada de uma considerável população indígena, a mesorregião abriga em seu território inúmeras áreas e parques indígenas registrando-se, porém, várias tensões entre esta população e grande número de posseiros e migrantes

Estão inseridas na mesorregião Madeira-Guaporé as microrregiões de Porto Velho e Guajará-Mirim

11 01 001 - MICRORREGIÃO DE PORTO VELHO

Trata-se de uma microrregião com múltiplas atividades, onde a mineração do ouro é principalmente da cassiterita só é superada em valor econômico pela soma da combinação entre a agricultura, o extrativismo vegetal e a pecuária bovina que, aliás, vem ocupando áreas não só de antigos seringais como também de lavouras desativadas. Cultivam-se arroz, mandioca, frutas diversas e coletam-se borracha e madeira.

A pesca constitui atividades complementar. O setor terciário está em franca expansão, na capital do Estado.

Porto Velho vem experimentando transformações em seu espaço urbano. Sua função de capital regional está se ampliando com o desenvolvimento econômico estadual e por sua localização estratégica em relação ao Acre e ao Vale do rio Madeira.

11 01 002 - MICRORREGIÃO DE GUAJARA-MIRIM

Sua principal atividade econômica consiste no extrativismo vegetal da borracha, madeira e castanha-do-pará comercializados em Guajará-Mirim.

A agricultura apresenta alguns sintomas de decadência, porém cultivam-se principalmente mandioca, arroz e café.

O criatório bovino apresenta tendências a expansão, recebendo, inclusive, gado boliviano para engorda.

São ainda peculiares, à microrregião, trocas comerciais e movimentos migratórios em ambos os sentidos, com o vizinho país boliviano.

11 02 - MESORREGIÃO DO LESTE RONDONIENSE

Ustentando-se pelo extrativismo vegetal e pela pequena lavoura de alimentos, a mesorregião do Leste Rondoniense assim permaneceu até a década de 60, quando então iniciou-se a construção da atual rodovia BR-364, a qual veio abrir espaço, especialmente nos anos 70, para uma forte corrente migratória, originada no Centro-Oeste, Sudeste e principalmente na Região Sul do País, atraída pela disponibilidade de terras e pelos programas do Governo Federal para a Amazônia, a partir do Plano de Integração Nacional.

Com um território correspondente às bacias dos altos cursos dos rios Jamari, Guaporé Branco, Roosevelt, São Miguel e Ji-Paraná, passou a ser ocupada, a partir do início do século XX, através da penetração de seringueiros, os quais, subindo o Vale dos rios Madeira, Ji-Paraná, Roosevelt e Guaporé, entre outros, foram responsáveis pelo surgimento de quatro localidades, das quais já se tem notícia desde a segunda década deste século: Vilhena, Pimenta Bueno, Urupá (atual Ji-Paraná) e Bom Futuro (atual Ariquemes)

Se o extrativismo vegetal foi a atividade pioneira da mesorregião, que é recoberta em cerca de 75% pela floresta úmida Amazônica, atualmente a agricultura comercial exercida por pequenos e médios produtores e a pecuária bovina para corte constituem as atividades mais valorizadas, embora a coleta da borracha, a extração da madeira e da cassiterita, ainda sejam expressivas em algumas áreas

Alguns problemas, porém, são observados no desenvolvimento da atividade agrícola: com exceção de certas áreas de terra roxa, com boa fertilidade natural, existente nos Municípios de Jaru e Ariquemes, predominam na mesorregião os solos podzólicos vermelho-amarelo distróficos puros ou associados com os latossolos vermelho-amarelo distróficos e que necessitam de manejos às vezes bastante dispendiosos, para proporcionarem boa produtividade. No Município de Vilhena, grandes manchas de areias quartzozas puras ou associadas aos latossolos vermelho-amarelo, limitam ainda mais o cultivo, em virtude de sua baixa fertilidade. Estes últimos tipos de solos, ocorrem também em outras áreas da mesorregião, correspondendo a trechos da Chapada dos Parecis. O Leste Rondoniense é também palco de sérios problemas fundiários, apesar dos esforços para a regularização das terras e dos projetos de colonização

Devido a diversos fatores, inclusive as questões de terra e fertilidade, observa-se um deslocamento de migrantes que não conseguem estabilização no campo e que procuram voltar às áreas urbanas as quais passam a sofrer problemas de absorção de mão-de-obra, muitas vezes desqualificada, para as atividades terciárias

A venda de terras, por vezes exauridas, dos pequenos produtores, para os pecuaristas, tem aumentado a plantação de pastos e o plantel bovino. A pecuária está se tornando uma atividade em expansão, não só pela incorporação de terras agrícolas desativadas como também pelo emprego de novos capitais

A atividade mineradora representada principalmente pela extração da cassiterita, e que já vem sendo exercida por algumas décadas no Município de Ariquemes, tem-se desenvolvido de uma forma quase que linear, porém com perspectiva de aumento da produção em virtude da recente descoberta de

ricas jazidas na localidade de Alto Paraíso, neste Município

A mesorregião possui diversos núcleos urbanos dotados de eficiente sistema bancário, serviço telefônico interurbano e internacional e transporte intermunicipal de passageiro por rodovia e por via aérea. Entre os principais centros urbanos, destacam-se Ji-Paraná, o mais bem equipado; Ariquemes, Jarú, Ouro Preto do Oeste, Cacoal, Rolim de Moura e Colorado do Oeste, devido ao movimento financeiro gerado por suas múltiplas atividades, e Vilhena, importante entroncamento rodoviário.

Intensa é a articulação do Leste Rondoniense com as demais regiões brasileiras, comunicando-se por via rodoviária com o Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País (BR-364), com o Médio Vale (BRs - 364-319), Oeste (BR-364) e Norte Amazônico (BRs - 364-319-174) e até com países vizinhos como a Bolívia (BRs - 364-425) e a Venezuela (BRs - 364-319-174), além de ligações diretas com as recentes áreas agrícolas do Estado de Mato Grosso (BR-174), atingindo através destas, o Baixo Vale Amazônico (BRs - 163-230).

Embora todas as sedes municipais estejam interligadas, nem todas as rodovias são pavimentadas, havendo problemas na época chuvosa, principalmente entre as estradas municipais.

A mesorregião conta também com linhas aéreas regionais, ligando os mais importantes centros urbanos entre si, com a capital do Estado e com a vizinha cidade de Cuiabá e através destas últimas com o restante do País.

Abriga ainda em seu território, inúmeros parques e áreas indígenas, além de unidades de preservação como o Parque Nacional de Picaás Novos e a Reserva Biológica do Jarú, evidenciando contrastes entre estas áreas reservadas e situadas quase sempre na periferia da mesorregião e o crescente dinamismo observado ao longo do eixo da rodovia BR-364 e seus diversos ramais, onde se situam as principais zonas de atividades produtivas desta parte do estado.

Estão inseridas, na mesorregião do Leste Rondoniense, as seguintes Microrregiões: Ariquemes, Ji-Paraná, Alvorada d'Oeste, Cacoal, Vilhena e Colorado do Oeste.

11 02 003 - MICRORREGIÃO DE ARIQUEMES

A microrregião de Ariquemes caracteriza-se por um quadro de múltiplas atividades, predominando, porém, uma orientação para a agricultura comercial onde se destacam as lavouras permanentes, representadas pelo café e o cacau, e

as lavouras temporárias de mandioca e milho

A pecuária bovina, o extrativismo vegetal de madeira para usos múltiplos, inclusive para lenha, e a extração de cassiterita, completam o elenco de atividades que podem ser consideradas também como expressivas para a microrregião

11 02 004 - MICRORREGIÃO DE JI-PARANA

A microrregião de Ji-Paraná está orientada para a agricultura comercial e para a pecuária bovina para corte

Entre os principais cultivos, destacam-se as lavouras permanentes de café e cacau bem como as lavouras temporárias de arroz, mandioca e milho, além de outros cultivos como os de feijão, banana, cana-de-açúcar, laranja, etc, constituindo esta combinação de lavouras uma característica desta área

Torna-se interessante notar que seu efetivo de bovinos é o maior do estado e a pecuária bovina para corte está em expansão

11 02 005 - MICRORREGIÃO DE ALVORADA D'OESTE

A microrregião de Alvorada d'Oeste, constituída por municípios emancipados entre 1986 e 1988, corresponde a uma área de expansão agrícola, facilitada pela abertura da rodovia BR-429. Está orientada para a lavoura comercial de produtos temporários, onde se destacam o arroz e o algodão, e de permanentes onde se destaca o café. A extração de madeiras ainda é atividade importante na microrregião

11 02 006 - MICRORREGIÃO DE CACOAL

A microrregião de Cacoal caracteriza-se por uma orientação para a lavoura comercial onde se destacam a lavoura permanente de café e as lavouras temporárias de mandioca, arroz e milho

A pecuária bovina para corte está em expansão e o extrativismo de madeira e látex ainda têm expressão

11 02 007 - MICRORREGIÃO DE VILHENA

Devido a problemas de fertilidade de grande parte de seu território, a microrregião de Vilhena não apresenta produção agrícola no mesmo nível que as demais microrregiões do Leste Rondoniense. Ainda assim, observam-se lavouras comerciais de milho, mandioca, arroz e feijão além da introdução da soja, atualmente em expansão, e a prática da agricultura mecanizada.

A microrregião caracteriza-se também pela existência de pecuária bovina para corte, uma atividade com indícios de expansão, e pela predominância, em área, de grandes estabelecimentos, sendo que este último fato é bastante tradicional nesta região.

11 02 008 - MICRORREGIÃO DE COLORADO DO OESTE

A microrregião de Colorado do Oeste, composta por municípios emancipados somente após o censo de 1980, compreende áreas que foram desbravadas com a finalidade de nelas serem instaladas colônias agrícolas.

Apresenta lavouras comerciais de café, mandioca, arroz, milho e banana, constituindo-se numa microrregião essencialmente agrícola, uma vez que seu rebanho bovino é modesto e o extrativismo de madeira é o menos desenvolvido de todo o estado.

A produção pesqueira, observada no distrito de Pimenteiras, onde existe sede de colônia de pesca, é atividade peculiar à microrregião, sendo exercida no rio Guaporé.

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ACRE

AUTOR: MIGUEL GUIMARÃES DE BULHÕES

12 - ACRE - AC

12 01 - Vale do Juruá

12 01 001 - Cruzeiro do Sul

1 Cruzeiro do Sul
2 Mâncio Lima

12 01 002 - Tarauacá

1 Feijó
2 Tarauacá

12 02 - Vale do Acre

12 02 003 - Sena Madureira

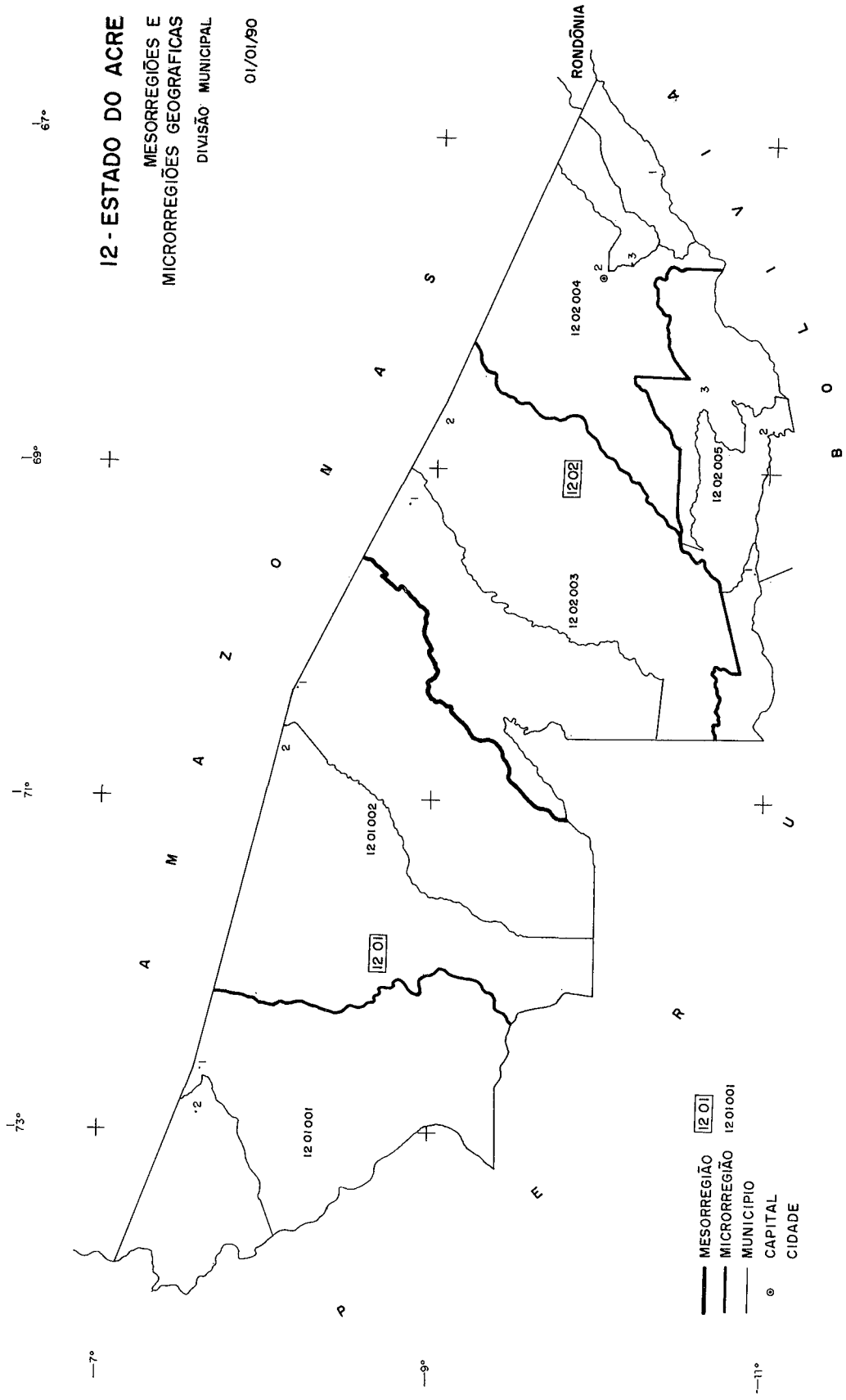
1 Manoel Urbano
2 Sena Madureira

12 02 004 - Rio Branco

1 Plácido de Castro
2 Rio Branco
3 Senador Guimard

12 02 005 - Brasiléia

1 Assis Brasil
2 Brasiléia
3 Xapuri



QUADRO COMPARATIVO DAS MESORREGIÕES E RESPECTIVAS MICRORREGIÕES

ESTADO DO ACRE

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MESORREGIÃO ACRE (02) Microrregião de Alto Juruá Microrregião de Alto Purus	MESORREGIÃO VALE DO JURUÁ (1201) Microrregião de Cruzeiro do Sul Microrregião de Tarauacá MESORREGIÃO VALE DO ACRE (1202) Microrregião de Sena Madureira Microrregião de Rio Branco Microrregião de Brasiléia

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

QUADRO COMPARATIVO ENTRE A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS,
E A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS,
SEGUNDO A COMPOSIÇÃO POR MUNICÍPIOS

ESTADO DO ACRE

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
ALTO JURUA (002) Cruzeiro do Sul Feijó Mâncio Lima Tarauacá	CRUZEIRO DO SUL (12 01 001) Cruzeiro do Sul Mâncio Lima TARAUACA (12 01 002) Feijó Tarauacá
ALTO FURUS (003) Assis Brasil Brasiléia Manoel Urbano Plácido de Castro Rio Branco Senador Guimard Sena Madureira Xapuri	SENA MADUREIRA (12 02 003) Manoel Urbano Sena Madureira RIO BRANCO (12 02 004) Plácido de Castro Rio Branco Senador Guimard BRASILÉIA (12 02 005) Assis Brasil Brasiléia Xapuri

12 01 - MESORREGIÃO DO VALE DO JURUÁ

Ocupada desde o início do século por levas de migrantes nordestinos que aí chegaram para o trabalho nos seringais, a mesorregião do Vale do Juruá, identificada nos vales do rio Juruá e vários de seus afluentes e formadores como o Moa, o Tarauacá e o Envira, ainda hoje tem como atividade mais valorizada, o extrativismo vegetal, onde a borracha predomina quase que totalmente (em média 85% do total da produção extrativa), sobre a coleta de madeiras nobres, lenha, licuri e açai, entre outros produtos

A atividade agrícola, a segunda força econômica da região e a pecuária, exercida em pastos plantados, ressentem-se da falta de transporte e por conseguinte da impossibilidade de se relacionarem, regularmente, com os possíveis mercados consumidores, fora de suas áreas de produção. Ainda assim, cultivam-se predominantemente a mandioca, além do arroz, milho, frutas diversas, guaraná e fumo, entre os produtos mais expressivos

Dependendo exclusivamente das condições de tráfego da rodovia BR-364, que se apresenta intransitável no período chuvoso (novembro a junho) e muito precária, mesmo no pouco tempo de relativa estiagem (julho a outubro), a mesorregião do Vale do Juruá passa muitos meses valendo-se do transporte fluvial para se abastecer em suas necessidades primordiais ou exportar seus produtos, principalmente os extrativos, sempre porém, neste caso, direcionando-se para o Estado do Amazonas e especialmente para a sua capital, uma vez que, em virtude da disposição dos traçados fluviais, ficam mais fáceis e mais rápidas as conexões com Manaus do que com a própria capital do Acre

Diante desses fatos, torna-se evidente a necessidade da regularização do tráfego dessa rodovia com seu subsequente asfaltamento, para que o Vale do Juruá fique totalmente integrado ao Estado, uma vez que o transporte aéreo existente é seletivo e dispendioso, embora mantenha o contato entre a região, a cidade de Rio Branco e o restante do País por linhas regulares e bisemanais e por aeronaves particulares ou fretadas

Torna-se interessante notar, ainda, que o término da construção da BR-364 até a localidade de Boqueirão da Esperança, na fronteira com o Peru e a sua correspondente continuação no país vizinho (78% já asfaltados e 22% em construção), abre um leque de oportunidades para a região, através do corredor de exportação que seria formado, visando ao porto de Callao, em Lima, no oceano Pacífico

Cruzeiro do Sul é o maior e mais antigo centro urbano da mesorregião, fundado em 1904, e principal comercializador de seus produtos extrativos. Entre outros serviços, dispõe de sistemas telefônicos tipo DDD e DDI.

O Vale do Juruá, desde a década de 70, recebendo incentivos governamentais, através das atuações do Pólo Acre, segmento regional do Programa Polamazônia, do PROBOR, do INCRA. Recentemente, o Governo Estadual procura elaborar um zoneamento geográfico com o objetivo de definir a ocupação às margens da rodovia BR-364, visando a um macrozoneamento agroecológico, ajudado pela utilização de imagens de satélites. Planeja, ainda, a construção de portos flutuantes e a organização do escoamento da produção dos seringais e dos assentamentos.

A mesorregião conta ainda com numerosa população indígena, vivendo livremente em meio à floresta úmida amazônica de terra firme ou em diversas áreas indígenas, onde se destaca por sua extensão, a Área Indígena Rio Humaitá, que ocupa toda a bacia do igarapé Iboiaçu.

Estão inseridas no Vale do Juruá, as seguintes microrregiões: Cruzeiro do Sul e Tarauacá.

12 01 001 - MICRORREGIÃO DE CRUZEIRO DO SUL

O extrativismo vegetal constitui-se na atividade econômica mais valorizada da microrregião de Cruzeiro do Sul. A coleta da borracha representa, em média, 80% do total da produção extrativa, contando inclusive com uma usina de beneficiamento, instalada em 1985. São extraídas, ainda, madeiras nobres, lenha, licuri, açaí, fibras de tucum e óleo de copaíba.

Embora apresentando resultados mais modestos, a agricultura mostra-se bastante diversificada, possuindo a peculiaridade de ser exercida por um grande número de arrendatários, fato pouco comum na Amazônia. Cultivam-se mandioca, arroz, guaraná, frutas diversas, milho, fumo, feijão e café, entre outros produtos.

A pecuária constitui atividade complementar, porém a microrregião apresenta um significativo rebanho suíno e a atividade pesqueira ocupa não só a posição de liderança, como também movimenta a maior frota de embarcações a motor, para uso na pesca, em todo o Estado.

12 01 002 - MICRORREGIÃO DE TARAUAÇA

A agricultura representa a principal atividade econômica da microrregião de Tarauacá. Seus valores de produção, porém, são os menores do Estado e o cultivo da mandioca constitui, em média, cerca de 80% do total produzido e que se completa com as culturas de milho, frutas diversas, cana de açúcar, fumo, feijão e arroz, entre os produtos que possuem algum significado.

A extração da borracha, exercida em numerosos seringueais nos vales dos rios Envira e Tarauacá, ainda possui uma histórica expressão, tendo sido instalada em 1988, uma usina de beneficiamento de látex.

Embora possuindo o maior rebanho bovino da mesorregião, o abate de animais ainda é reduzido.

12 02 - MESORREGIÃO DO VALE DO ACRE

Dotada de um sistema fluvial, formado pelos rios Acre, Iaco e Purus e que proporcionou, desde os primórdios de sua colonização, uma articulação natural bastante eficiente entre suas localidades, a mesorregião do Vale do Acre vem experimentando, a partir da década de 70, profunda transformação nas suas bases de produção, em virtude da implementação do Plano de Integração Nacional, a partir do qual foram construídas as rodovias BR-317 e 364 e que, em conjunto com rodovias estaduais, posteriormente implantadas, vêm favorecendo o avanço de migrantes e de capitais privados, modificando não só as relações de produção pré-existentes como também o rumo de suas atividades. A perda de liderança do extrativismo para a agricultura e para a pecuária foram conseqüências que logo se fizeram sentir, agravadas por problemas fundiários, decorrentes do confronto entre estruturas econômicas diferentes.

Procurando atenuar ou tentar resolver as questões sociais nessa área, o Governo Federal, por meio do INCRA, vem, desde a segunda metade da década de 70, realizando assentamento de colonos ao longo das rodovias e, mais recentemente, em conjunto com entidades oficiais, de classes e do mundo acadêmico, promovendo estudos com a finalidade de viabilizar a implantação de Projetos de Assentamento Extrativista, os quais garantem a colocação de diversas famílias em áreas tradicionalmente voltadas para o extrativismo vegetal, contrastando, assim, com os conhecidos loteamentos, empregados na colonização agrícola, quer oficial, quer privada.

A mesorregião tem sido, também, área de atuação de outros projetos e programas oficiais como o PROBOR, o Pólo Acre, segmento local do Programa Polamazônia e atualmente o PMACI - Programa de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas -, além de projetos em estudo pelo Governo Estadual

Inicialmente limitada à pequena produção de alimentos, a atividade agrícola tornou-se a mais valorizada da mesorregião, impulsionada pela implantação dos projetos de assentamento e pela organização de empresas rurais. Apesar desse tipo de política fundiária estar em pleno funcionamento (foram criados, em 1987, quatro projetos de assentamento e mais cinco estão sendo propostos), vários produtores que não conseguem se manter, vendem suas terras e migram para a capital, o que resulta numa certa irregularidade na oferta de produtos agrícolas, gerando a consequente importação de alimentos. Cultivam-se, na mesorregião, alimentos básicos como a mandioca, arroz, milho, feijão, banana, tomate, além de diversos tipos de frutas, bem como café, fumo e cacau.

A pecuária bovina atualmente expande sua área ocupada, constituindo-se na segunda mais importante atividade na estrutura econômica do Vale do Acre. Ao se utilizar de capitais privados, vem promovendo a plantação de pastos, cuja incorporação de terras vem se realizando, muitas vezes, a partir da compra de seringais ou áreas de lavouras desativadas.

O extrativismo vegetal concentra-se, principalmente, na coleta da borracha, além da extração de madeiras nobres, castanha-do-pará, lenha, etc. Através dos Projetos de Assentamento já mencionados e das áreas de Reservas Extrativistas que se procura criar, o extrativismo poderá sobreviver e mesmo desenvolver-se, transformando-se não só numa atividade economicamente viável, como também num meio de preservação florestal.

Para garantir a manutenção das atividades econômicas, a mesorregião dispõe de uma rede rodoviária que, apesar de modesta, atinge as sedes municipais e os centros de produção. Todavia, importantes trechos permanecem ainda interrompidos nas épocas chuvosas, como ocorre com os municípios de Sena Madureira e Manoel Urbano, que necessitam da rodovia BR-364, cuja principal função é a de servir de rodovia integradora a nível estadual. Há que destacar ainda o papel desempenhado pela BR-317, com aproximadamente 150 km asfaltados que faz a ligação da capital do Estado com as fronteiras boliviana e peruana e com as cidades do vale do rio Acre; para o norte, ela segue até Boca do Acre, no Estado do Amazonas, onde termina seu trecho já implantado. As demais rodovias têm importância apenas local, destacando-se a AC-090, que liga Rio Branco ao Médio Vale do rio Iaco.

Rio Branco é o maior centro urbano da mesorregião e do Estado. Fundada em 1882, desenvolveu-se a partir da exploração de seringais, exercida por numerosos migrantes nordestinos, especialmente cearenses, os quais deslocaram-se também para outras cidades da região como Sena Madureira, fundada em 1904 e Brasiléia, fundada em 1910. A influência da capital acreana se faz sentir em todo o Estado e até mesmo nos municípios amazonenses de Boca do Acre e Piauí. Seu espaço urbano, porém, tem recebido um número considerável de migrantes, inclusive aqueles que não tiveram sucesso no vizinho Estado de Rondônia e aqueles provenientes de seringais e lavouras desativadas, surgindo, por conseguinte, problemas administrativos diversos, além da dificuldade de absorção de mão-de-obra pouco qualificada para serviços tipicamente urbanos.

Algumas áreas indígenas são observadas na mesorregião, especialmente nos altos cursos dos rios locais, destacam-se a Área Indígena Mamoadate, cujo imenso território corresponde à bacia do alto curso do rio Iaco, confinando-se na sua parte oeste com o Peru e na sua porção sul, com a Reserva Ecológica do Rio Acre, situada nas cabeceiras desse rio que empresta seu nome à Mesorregião.

Estão inseridas na mesorregião do Vale do Acre, as seguintes microrregiões: Sena Madureira, Rio Branco e Brasiléia.

12 02 003 - MICRORREGIÃO DE SENA MADUREIRA

A atividade agrícola ocupa a posição de liderança na estrutura econômica da microrregião de Sena Madureira. Cultiva-se mandioca, arroz, milho, frutas diversas, feijão, fumo e cacau, entre outros produtos. No extrativismo vegetal, predomina a coleta da borracha, porém com alguma expressão a extração de lenha, castanha-do-pará e madeiras nobres.

Embora o número de abates de animais venha sendo muito pequeno, seu numeroso rebanho bovino representa considerável investimento.

A microrregião apresenta, ainda, uma produção pesqueira bastante significativa, contando com a segunda frota estadual de embarcações a motor, empregadas nessa atividade.

Dotada de serviços básicos e possuidora de uma pequena área de influência, a cidade de Sena Madureira ressent-se, porém, da irregularidade das condições de tráfego da rodovia BR-364. O município, contudo, ocupa a terceira posição no âmbito estadual, no que diz respeito ao número de salas de aula nos ensinos primário e médio.

12 02 004 - MICRORREGIÃO DE RIO BRANCO

A pecuária bovina orientada predominantemente para o corte, apresenta, porém, uma produção leiteira de considerável valor, correspondendo à atividade de maior valor econômico da microrregião de Rio Branco, que ainda na área de produção animal, destaca-se também por possuir o maior rebanho avícola, a maior produção de ovos de galinha e o maior efetivo de suínos do Estado. A atividade agrícola, a segunda força econômica da microrregião, apresenta-se bastante diversificada, embora, em valor, esteja aquém daqueles expressos pela produção animal. Cultivam-se mandioca, arroz, feijão, frutas diversas, milho, café, cacau, tomate, fumo, etc.

Embora ocupando a terceira posição na estrutura econômica da microrregião, o extrativismo vegetal ainda possui considerável valor, colocando-se na vice-liderança estadual nessa atividade. Coletam-se borracha, madeiras nobres, castanha-do-pará e lenha, entre outros produtos.

Na cidade de Rio Branco, são exercidas as tradicionais atividades administrativas e oferecidos os mais diversos serviços característicos de áreas urbanas, a maioria deles disponíveis apenas na capital, produzindo intensa circulação intermunicipal apoiada por diversas linhas de ônibus intra-estaduais. A microrregião dispõe ainda de cinco empresas de táxis-aéreos, além das companhias que exploram as linhas regulares.

12 02 005 - MICRORREGIÃO DE BRASILÉIA

A microrregião de Brasiléia possui o segundo rebanho bovino do Estado, porém o número de abates de animais tem sido pequeno e mesmo em conjunto com uma significativa produção leiteira, os resultados econômicos apresentados são superados tanto pela atividade agrícola voltada para a produção de alimentos e favorecida pela presença de rodovias com melhores condições de tráfego, como também pelo extrativismo vegetal, que embora seja uma atividade pioneira, ainda apresenta resultados expressivos.

Embora o cultivo da mandioca ocupe posição de liderança em valor de produção como acontece em outras áreas do Estado, as lavouras de arroz, milho e feijão são bastante representativas, observando-se, ainda, culturas de frutas de mesa, café, tomates, etc. Quanto ao extrativismo vegetal, esse é exercido principalmente através da extração da borracha, castanha-do-pará, lenha e madeiras nobres.

A microrregião mantém, ainda, relações típicas de

fronteira internacional não só com a Bolívia, especialmente por intermédio da cidade de Cobiya, como também com o Peru, por meio da rodovia BR-317, através da qual é possível alcançar o oceano Pacífico em conjunto com rodovias peruanas já em tráfego e com cerca de 80% asfaltados

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

AMAZONAS

AUTOR: MIGUEL GUIMARÃES DE BULHÕES

13 - AMAZONAS - AM

13 01 - Norte Amazonense

13 01 001 - Rio Negro

- 1 Barcelos
- 2 Novo Airão
- 3 Santa Isabel do Rio Negro
- 4 São Gabriel da Cachoeira

13 01 002 - Japurá

- 1 Japurá
- 2 Marãã

13 02 - Sudoeste Amazonense

13 02 003 - Alto Solimões

- 1 Amaturá
- 2 Atalaia do Norte
- 3 Benjamin Constant
- 4 Fonte Boa
- 5 Jutai
- 6 Santo Antonio do Içá
- 7 São Paulo de Olivença
- 8 Tabatinga
- 9 Tonantins

13 02 004 - Juruá

- 1 Carauari
- 2 Eirunepé
- 3 Envira
- 4 Guajará
- 5 Ipixuna
- 6 Itamarati
- 7 Juruá

13 03 - Centro Amazonense

13 03 005 - Tefé

- 1 Alvarães
- 2 Tefé
- 3 Uarini

13 03 006 - Coari

- 1 Anamã
- 2 Anorí
- 3 Beruri
- 4 Caapiranga
- 5 Coari
- 6 Codajás

13 03 007 - Manaus

- 1 Autazes
- 2 Careiro
- 3 Careiro da Várzea
- 4 Iranduba
- 5 Manacapuru
- 6 Manaquiri
- 7 Manaus

13 03 008 - Rio Preto da Eva

- 1 Presidente Figueiredo
- 2 Rio Preto da Eva

13 03 009 - Itacoatiara

- 1 Itacoatiara
- 2 Itapiranga
- 3 Nova Olinda do Norte
- 4 Silves
- 5 Urucurituba

13 03 010 - Parintins

- 1 Barreirinha
- 2 Boa Vista do Ramos
- 3 Maués
- 4 Nhamundá
- 5 Parintins
- 6 São Sebastião do Uatumã
- 7 Urucara

13 04 - Sul Amazonense

13 04 011 - Boca do Acre

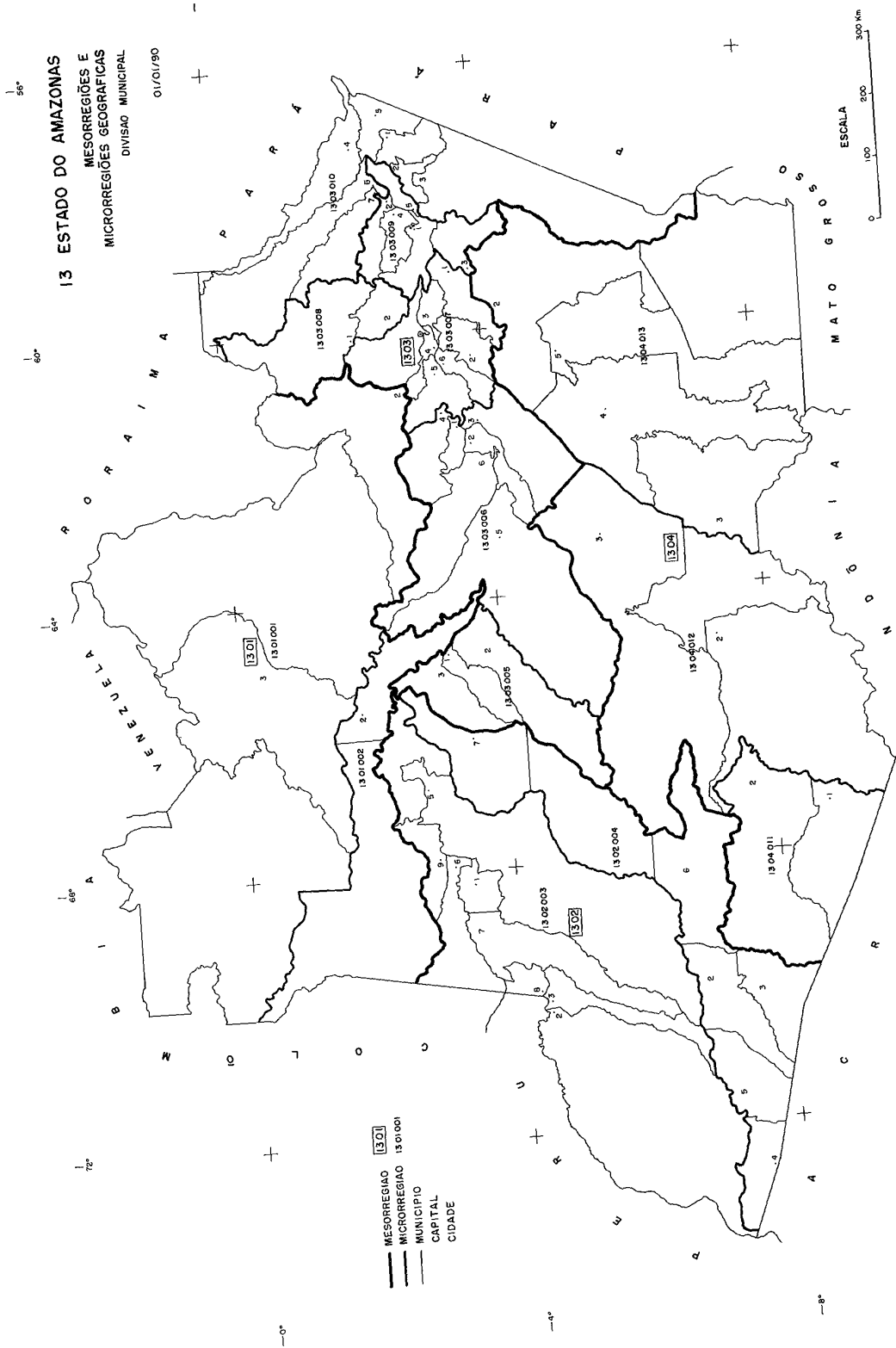
- 1 Boca do Acre
- 2 Pauini

13 04 012 - Purus

- 1 Canutama
- 2 Lábrea
- 3 Tapauá

13 04 013 - Madeira

- 1 Apui
- 2 Borba
- 3 Humaitá
- 4 Manicoré
- 5 Novo Aripuanã



IBGE/DGC/DEGE/DITER
IBGE/DGC/DEGE/DITE-SE2
BASE CARTOGRAFICA: CARTOGRAMA DA DIVISAO MUNICIPAL
DO AMAZONAS EXECUTADO PELO DGC/DEGE/DIPOR-SE3

QUADRO COMPARATIVO DAS MESORREGIÕES E RESPECTIVAS MICRORREGIÕES

ESTADO DO AMAZONAS

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MESORREGIÃO HILÉIA AMAZONENSE (03) Microrregião do Alto Solimões Microrregião do Juruá Microrregião do Purus Microrregião do Madeira Microrregião do Rio Negro Microrregião do Solimões-Japurá	MESORREGIÃO SUDOESTE AMAZONENSE (13 02) Microrregião do Alto Solimões Microrregião do Juruá MESORREGIÃO SUL AMAZONENSE (13 04) Microrregião de Boca do Acre Microrregião do Purus Microrregião do Madeira MESORREGIÃO NORTE AMAZONENSE (13 01) Microrregião do Rio Negro Microrregião do Japurá MESORREGIÃO CENTRO AMAZONENSE (13 03) Microrregião de Tefé Microrregião de Coari Microrregião de Manaus Microrregião de Rio Preto da Eva Microrregião de Itacoatiara Microrregião de Parintins
MESORREGIÃO MANAUS (04) Microrregião do Médio Amazonas	

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

QUADRO COMPARATIVO ENTRE A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS,
E A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS,
SEGUNDO A COMPOSIÇÃO POR MUNICÍPIOS

ESTADO DO AMAZONAS

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
ALTO SOLIMÕES (004) Amaturá Atalaia do Norte Benjamin Constant Fonte Boa Jutaí Santo Antônio do Içá São Paulo de Olivença Tabatinga Tonantins	ALTO SOLIMÕES (13 02 007) Amaturá Atalaia do Norte Benjamin Constant Fonte Boa Jutaí Santo Antônio do Içá São Paulo de Olivença Tabatinga Tonantins
JURUA (005) Carauari Eirunepé Envira Ipixuna Itamarati Juruá	JURUA (13 02 008) Carauari Eirunepé Envira Guajará Ipixuna Itamarati Juruá
PURUS (006) Boca do Acre Canutama Lábrea Pauini Tapauá	PURUS (13 04 006) Canutama Lábrea Tapauá BOCA DO ACRE (13 04 005) Boca do Acre Pauini

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ESTADO DO AMAZONAS

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MADEIRA (007) Borba Humaitá Manicoré Novo Aripuanã RIO NEGRO (008) Barcelos Novo Airão Santa Isabel do Rio Negro São Gabriel da Cachoeira SOLIMÕES-JAPURA (009) Alvarães Anamá Anori Coari Codajás Japurá Maraã Tefé Uarini	MADEIRA (13 04 007) Apuí Borba Humaitá Manicoré Novo Aripuanã RIO NEGRO (13 01 005) Barcelos Novo Airão Santa Isabel do Rio Negro São Gabriel da Cachoeira JAPURA (13 01 006) Japurá Maraã TEFÉ (13 03 009) Alvarães Tefé Uarini COARI (13 03 010) Anamá Anori Beruri Caapiranga Coari Codajás

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ESTADO DO AMAZONAS

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MÉDIO AMAZONAS (010)	MANAUS (13 03 001)
Autazes	Autazes
Barreirinha	Careiro
Beruri	Careiro da Várzea
Boa Vista do Ramos	Iranduba
Caapiranga	Manacapuru
Careiro	Manaquiri
Iranduba	Manaus
Itacoatiara	
Ipiranga	RIO PRETO DA EVA (13 03 002)
Manacapuru	Presidente Figueiredo
Manaquiri	Rio Preto da Eva
Manaus	
Maués	ITACOATIARA (13 03 003)
Nhamundá	Itacoatiara
Nova Olinda do Norte	Itapiranga
Parintins	Nova Olinda do Norte
Presidente Figueiredo	Silves
Rio Preto da Eva	Urucurituba
São Sebastião do Uatumã	
Silves	
Urucará	PARINTINS (13 03 004)
Urucurituba	Barreirinha
	Boa Vista do Ramos
	Maués
	Nhamundá
	Parintins
	São Sebastião Uatumã
	Urucará

13 01 - MESORREGIÃO DO NORTE AMAZONENSE

Extensos vales fluviais, grandes distâncias entre seus centros urbanos, na realidade modestos centros de comercialização e serviços, predomínio do transporte fluvial, ausência de rede rodoviária, baixa densidade demográfica, disponibilidade de terras, presença da tradicional atividade extrativista, numerosa população indígena, existência de várias áreas de preservação ecológica e a cobertura de sua superfície pela floresta úmida e superúmida amazônica de terra firme, várzea e igapó, são características básicas do norte amazonense. Tal identidade deve ser acrescida de outros aspectos igualmente peculiares a essa região. A existência de terras altas, na área da fronteira com a Venezuela, permite que sejam observadas altitudes superiores a 1 200m na serra de Tapirapecó e acima de 2 000m na serra Imeri, local onde está situado o Pico da Neblina, 3 014m, ponto culminante do Brasil. Em sua cobertura vegetal verificam-se nítidas modificações nos altos cursos dos rios Negro, Içaná e Uaupés, quando da floresta amazônica, passa-se para uma formação raquítica e espinhosa, embora ainda florestal, conhecida como **caatinga amazônica** ou **caatinga do Rio Negro**, que pouco ou nada guarda da fisionomia e da flora da caatinga nordestina, sendo considerada, controversas à parte, mais um produto de tipos arcaicos de solos locais, do que uma formação relacionada com o clima quente e superúmido dessa mesorregião, cujo território corresponde à bacia dos alto e médio cursos dos rios Negro e Japurá.

Ocupada desde o século XVII, quando foram implantadas algumas feitorias pelo elemento conquistador que também guerreava contra os índios, surpreendidos pela invasão dos seus territórios, passou a ser alvo de atenção de missões religiosas, inicialmente grupos carmelitas e jesuítas e mais recentemente, salesianos, os quais espalharam-se pela região, empreendendo atividades de catequese, educação geral e religiosa e assistência médica.

Sua posição geográfica, porém, apesar de situá-la em contacto com extensas áreas de fronteira, não pode ser enquadrada na categoria de corredores internacionais (em virtude, inclusive, da presença de cachoeiras e corredeiras, obstáculos à navegação fluvial), acabando por destinar para a mesorregião, um isolamento típico de áreas de **ponto final** e que se reflete nas suas atividades, bem modestas em termos econômicos e com poucas probabilidades de alcançarem qualquer dinamismo que justifique investimentos em suas bases produtivas. Levando em consideração basicamente problemas de isolamento geográfico, caracterizados tanto pela carência assistencial à população, como pela quase ausência de infra-estrutura de transportes, além de reconhecida necessidade da presença de representação oficial em áreas fronteiri-

ças tão extensas e desocupadas, o governo elaborou o Projeto Calha Norte. A área abrangida por essa política de ordenamento territorial traduz-se em núcleos de população que funcionam como frentes de trabalho. Territorialmente, o referido projeto estende-se por uma faixa semicontínua com largura de 160 km e que acompanha a fronteira internacional não só no Estado do Amazonas, a partir de Tabatinga, no Alto Solimões, como também em outros Estados como Roraima, Pará e Amapá, mas que têm concentrado suas principais operações na mesorregião em pauta. Coordenado, na sua implantação, pela SADEN - Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional, conta, ainda, com a participação de órgãos ligados aos Ministérios Militares, das Relações Exteriores, do Interior e da Justiça, entre outras entidades oficiais, além das prefeituras locais.

A principal articulação da região se faz predominantemente com a capital estadual por meio do transporte fluvial, pois as linhas aéreas privadas, além de onerosas, servem apenas às cidades de São Gabriel da Cachoeira e de Barcelos. Cabe, portanto, à aviação militar, o importante papel da comunicação mesorregional, principalmente depois que foi implantado o Projeto Calha Norte, quando aumentou o tráfego aéreo na região, em virtude das necessidades do mesmo, tornando possível inclusive, as ligações entre os vales fluviais, quebrando, por conseguinte, a tendência linear das tradicionais articulações ao longo desses mesmos vales.

Embora a agricultura seja a atividade econômica de maior expressão, o extrativismo vegetal ainda é dominante na mesorregião, constituindo ocupação característica da força de trabalho regional. Cultiva-se predominantemente a mandioca, além de culturas como o feijão e a cana-de-açúcar, praticamente para exclusivo consumo local. No tocante ao extrativismo vegetal, a diversificação é maior. Embora a extração de madeiras nobres seja a coleta mais valorizada, têm ainda expressão a sorva, a borracha e a piaçava, esta última bastante peculiar à mesorregião. A pecuária, porém, é muito pouco desenvolvida, principalmente no Vale do Japurá, onde o efetivo de bovinos tem sido o menor do Estado.

São Gabriel da Cachoeira é o maior centro urbano da região, comercializador de produtos agrícolas e sede das principais operações do Projeto Calha Norte. Barcelos e Novo Airão ocupam-se da exploração madeireira e novas localidades estão surgindo com a função de sede de batalhões de fronteira como Maturacá e São Joaquim e outras estão sendo revitalizadas em função do mesmo projeto, como Vila Bittencourt e Pari Cachoeira.

O norte amazonense é ainda reconhecido por seu potencial de reservas minerais, já havendo sido delimitadas áreas contendo cassiterita e zircônio, no Município de Novo Airão.

Estão inseridas na mesorregião do norte amazonense, as seguintes microrregiões: Rio Negro e Japurá

13 01 001 - MICRORREGIÃO DO RIO NEGRO

O extrativismo vegetal constitui a principal atividade econômica da microrregião do Rio Negro, predominando a extração de madeira, especialmente no Município de Novo Airão. Coletam-se, ainda, a sorva, a piaçava e a borracha. O cultivo da mandioca representa cerca de 90% da produção agrícola da área, que apresenta também uma pequena mas variada lavoura de frutas de mesa, onde se destaca o abacate.

Através do Projeto Calha Norte, a microrregião vem se beneficiando com a construção de unidades hospitalares e educacionais, asfaltamento de pistas de pouso, tráfego de embarcações fluviais de apoio às populações ribeirinhas, consolidação das comunicações, etc.

Torna-se interessante notar que aproximadamente 30% de seu território acham-se ocupados por áreas indígenas e unidades de preservação e conservação ecológica, destacando-se os Parques Nacionais do Rio Jau e do Pico da Neblina, a Reserva Florestal do Rio Negro e a Terra Indígena Yanomami, ao norte, cujo território continua pelo Estado de Roraima.

13 01 002 - MICRORREGIÃO DE JAPURÁ

A agricultura constitui-se na única atividade importante da microrregião de Japurá, uma vez que o extrativismo vegetal e a pecuária bovina, juntos, não chegam a alcançar 5% do valor total da produção vegetal. Cultiva-se primordialmente a mandioca, porém observa-se uma variedade de outros cultivos, embora modestos, inclusive alguns tradicionais como a juta e a malva.

O Vale do rio Japurá, no futuro, poderá ainda beneficiar-se da maior proximidade com o Vale do Solimões, e das melhores condições de tráfego fluvial que lhe permitirá, inclusive, se relacionar com certa facilidade com o vizinho país da Colômbia.

São bastante peculiares à microrregião, extensas áreas recobertas pela floresta úmida amazônica de igapó e de várzea, principalmente no Município de Maraã, superando inclusive nessa última área, os trechos de terra firme.

13 02 - MESORREGIÃO DO SUDOESTE AMAZONENSE

O domínio da floresta super-úmida amazônica de terra firme, que sob um regime climático super-úmido, sem estação seca, apresenta uma flora local bastante peculiar e exuberante, além da existência da floresta úmida amazônica de várzea ao longo de todo o vale do rio Juruá e de imensos igapós no curso do rio Solimões, constituem importantes características da mesorregião do Sudoeste Amazonense. A ausência de rodovias e uma vida de relações baseada nas linhas aéreas e principalmente no transporte fluvial, que possui não só caráter intra e interestadual como também internacional, podem ser enumerados como outros aspectos que asseguram uma identidade marcante à mesorregião, que apresenta ainda extensas áreas de fronteiras com o Peru, ao longo do rio Javari e uma parcela menor fronteira com a Colômbia, além de outras peculiaridades tais como apresentar resultados, expressos em valores de produção, de suas atividades agrícolas, superiores aos do extrativismo vegetal, tradicional ocupação da força de trabalho amazônica, em uma região tão escassamente povoada, com solos de baixa fertilidade, longe dos mercados consumidores e que não sugere maiores atrativos para o desenvolvimento de lavouras mas que já apresenta problemas de disputa de terras entre posseiros e indígenas.

Na verdade, a produção vegetal da mesorregião baseia-se quase totalmente no cultivo da mandioca, cerca de 80% em média do total da produção agrícola, restando aos demais cultivos, posições muito modestas, salientando-se, porém, a produção de frutas de mesa, cacau e fumo.

Mesmo tomando-se em consideração a predominância de apenas uma cultura vegetal, o extrativismo, especialmente de borracha, está muito aquém dos resultados da agricultura, constituindo-se, em média, cerca de 25% do total do valor da produção, tomando-se em consideração as duas atividades. O mesmo acontece com a pecuária da região, menos expressiva ainda do que a coleta vegetal.

Com uma ocupação muito antiga, datada do século XVI, a mesorregião abrigou levas de pioneiros vindos não só por meio de entradas oficiais luso-brasileiras, como também por navegadores estrangeiros que penetraram na região, provenientes do vizinho país do Peru e que se dirigiam ao Oceano Atlântico. Apesar de ser uma área caracterizada tipicamente como corredor de passagem, vocação exercida até hoje tanto do ponto de vista da navegação internacional como da navegação nacional, que chega a atingir o centro-oeste do

Estado do Acre, sua extensa superfície e as distâncias muito grandes entre seus próprios centros e entre estes e as demais áreas do estado, não têm animado nem os colonizadores nem os empresários, através dos anos, a investir nessas áreas, continuando a mesorregião a se situar num estado semi-embrionário de desenvolvimento. As pessoas e as mercadorias passam, mas pouco se estabelece na região, que apresenta articulações fluviais e aéreas essencialmente lineares, ao longo de seus extensos vales fluviais e com objetivos quase que exclusivos de alcançar a capital, Manaus e até mesmo Belém.

Mais recentemente, porém, o governo federal, através do Projeto Calha Norte, começa a intervir no alto Solimões, concentrando suas atenções no município de Tabatinga, com uma série de melhoramentos entre os quais se inclui a construção da Via da Amizade, rodovia que ligará a cidade de Tabatinga à cidade colombiana de Letícia. O governo estadual, por meio do PID-AM, Programa de Interiorização e Desenvolvimento do Estado do Amazonas, cuida também, entre outras providências, de instalar fábricas de gelo para apoio e desenvolvimento da atividade pesqueira e laboratórios para pesquisa de defesa animal, visando a melhoria do pequeno plantel bovino da região.

Entre os centros urbanos do Sudoeste Amazonense, destacam-se Tabatinga, por sua posição próxima à fronteira colombiana e por dispor de aeroporto internacional, servido por linha aérea regular, operada com aviões a jato e que fazem a ligação Iquitos (Peru) - Manaus-Benjamim Constant, cidade tradicional do alto Solimões e considerada como portal de entrada/saída internacional nas ligações Brasil-Peru; Carauari e Eirunepé, comercializadoras das maiores produções agrícolas e extrativas da mesorregião e servidas por linhas aéreas regionais que as ligam a Tefé e Manaus. Com exceção de Eirunepé, as demais cidades acima citadas, além dos serviços básicos, estão conectadas às redes telefônicas nacionais (DDD) e internacionais (DDI).

Numerosa população indígena vive em diversas áreas a ela destinadas, sendo o Sudoeste Amazonense habitado pela maior tribo indígena brasileira, os Ticunas, que somam cerca de 20 000 índios, espalhados em quase 70 aldeias ao longo do rio Solimões, entre os municípios de Tonantins e Tabatinga e que têm ramificações na Colômbia e no Peru (cerca de 10 000 índios). Essa tribo mantém vivo o seu próprio idioma, ensinado em 65 escolas, onde atuam cerca de 150 professores ticunas bilingües; possuem ainda a sua entidade "classista", o CGTT, Conselho Geral da Tribo Ticuna e sua economia tem por base a produção de farinha de mandioca e o cultivo de banana.

Estão inseridas na mesorregião do Sudoeste Amazonense, as seguintes microrregiões: Alto Solimões e Juruá.

13 02 003 - MICRORREGIÃO DO ALTO SOLIMÕES

A agricultura constitui a atividade mais valorizada da microrregião do Alto Solimões. Cultiva-se mandioca, frutas de mesa, fumo e cacau entre outros produtos de menor valor. Bem mais modesto, o extrativismo vegetal se resume na coleta de borracha e de madeiras, encontrando-se seringais até no médio e alto rio Javari, ao longo dos limites com o Peru.

São observadas ainda, fortes relações de fronteira com as cidades de Letícia na Colômbia, para onde brasileiros costumam se deslocar a fim de se abastecer de diversos produtos, e com Iquitos, cidade peruana, ligada ao Brasil por linha aérea regular.

Disputas de terras entre posseiros e indígenas da tribo Ticuna vêm preocupando as autoridades e a população do Alto Solimões.

13 02 004 - MICRORREGIÃO DO JURUÁ

Possuindo uma atividade agrícola mais desenvolvida do que a do alto Solimões, do ponto de vista econômico, apresenta predominância muito grande da cultura da mandioca, cerca de 90% em média do total da produção vegetal da microrregião, restando para as outras lavouras (frutas de mesa, cana-de-açúcar e fumo, entre outras), posições muito modestas em relação ao valor da produção.

Quanto ao extrativismo, ao lado da borracha, madeira e lenha, produtos tradicionais, observa-se uma maior diversificação dos produtos coletados, representada pela sorva, copaíba e açaí.

As linhas aéreas, embora que operadas por aviões de porte médio, mas exclusivas para as duas maiores cidades da microrregião, Carauari e Eirunepé (não se constituem em meras escalas), mostram a latente vitalidade do vale do Juruá, onde existe uma razoável porcentagem de terras férteis.

O município de Guajará, criado no final de 1987, acha-se ligado, porém, à área de influência de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre, por onde se comunica através de um pequeno trecho rodoviário já implantado e que faz parte da futura BR-307.

13 03 - MESORREGIÃO CENTRO AMAZONENSE

Enquanto espaço integrante das mudanças sócio-econômicas e espaciais ocorridas na Amazônia, com sua transformação em fronteira do capital, a mesorregião Centro Amazônica caracteriza-se, nos dias de hoje, pelo crescimento de seu setor secundário, em decorrência da criação da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), em 1967. Apesar da dependência desse setor secundário aos insumos, ao capital e aos mercados consumidores externos à região (haja vista a importância que vem assumindo o pólo eletrônico), a expansão do distrito industrial tem incentivado o surgimento de novas atividades urbanas, voltadas, principalmente, para o setor terciário, fortalecendo a posição de Manaus como metrópole regional da Amazônia Ocidental. De fato a autonomia deste centro, face ao comando de Belém, embora delineada ao tempo do boom da borracha, só se consolidaria, com a inserção da Amazônia no processo mais geral de expansão capitalista nacional, a partir da década de sessenta e propiciada por uma intensa participação do Estado. Essa participação se efetiva num conjunto de Planos Regionais, consubstanciados na criação de diversas instituições tais como, Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia - SPEVEA, criada em 1952; Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM; Programa POLOAMAZÔNIA, através do Polo Juruá - Solimões; Plano de Integração Nacional - PIN; Programa de Interiorização e Desenvolvimento do Estado do Amazonas - PID/AM e SUFRAMA. Nesse conjunto de medidas ressalta-se o fornecimento de infraestrutura, como energia e transporte, sendo indiscutível o papel que a abertura rodoviária vem desempenhando na reorganização das articulações espaciais. No caso do centro amazônico, destaca-se a construção da BR-174, interligando-o a Roraima, à Venezuela e à Guiana e a BR-319 que se conecta com a BR-364, em direção ao Centro-Oeste, ao Sudeste e ao Sul do País, além de trechos pavimentados da AM-254, AM-010 e da BR-040.

Embora se trate ainda de uma rede rodoviária reduzida e com sérios problemas de conservação, é indiscutível sua importância na quebra do isolamento de algumas áreas da mesorregião e na ampliação da influência de Manaus para além das populações ribeirinhas. Vale, contudo, ressaltar que, apesar da perda de hegemonia do tráfego fluvial, este continua bastante intenso. Por seu turno, as ligações aéreas ganharam relevância nas articulações regionais, nacionais e internacionais, associadas não só ao deslocamento de passageiros, mas cabendo-lhes parcela significativa no transporte de mercadorias, a exemplo das motocicletas, destinadas a São Paulo.

A abertura rodoviária e as mudanças na esfera pro-

ductiva, se por um lado contribuíram para a revitalização de Manaus ou para o surgimento de novas localidades, como a de Balbina, em função da construção da usina hidrelétrica do mesmo nome, por outro, vem repercutindo na perda de posição relativa de cidades tradicionais, surgidas ao longo do processo de ocupação da Amazônia, todas à margem dos rios

Percorrida desde o século XVI por desbravadores portugueses e espanhóis, somente a partir do século XVII é que se observa uma ocupação efetiva, inclusive por meio das missões religiosas, responsáveis pela fundação de cidades como Silves, Coari e Tefé. No século XVIII, o governo colonial intervém com maior firmeza na região, com o estabelecimento da capitania de São José do Rio Negro e no século XIX, o governo imperial cria a Província do Amazonas. Todas essas etapas foram responsáveis pelo aparecimento de vários centros urbanos de apoio à navegação e ao comércio dos produtos extrativos, agrícolas e da pecuária, como Parintins, Itacoatiara, Manacapuru e Codajás, entre outras, além da capital amazonense, fundada em 1792.

A produção primária da mesorregião, superada em importância econômica pela produção industrial, tem ainda nas atividades tradicionais, representadas pela extração de madeiras nobres e pela pecuária sua maior expressão, secundadas pelas lavouras comerciais de malva, guaraná, juta e cacau e pelos cultivos alimentares de feijão, arroz, milho e mandioca. Vinculada ao crescimento dos centros urbanos, particularmente Manaus; vem se expandindo a horticultura, a fruticultura e a produção de ovos e leite.

A potencialidade dos recursos minerais da mesorregião, representada pelas reservas de argila, ouro, bauxita, calcário, ferro, sal-gema e petróleo, sinaliza novas perspectivas de reorganização desse espaço. Outra atividade que vem se desenvolvendo é o turismo, estimulado pelo comércio de produtos estrangeiros da Zona Franca de Manaus e pelo atrativo que exerce a natureza da Amazônia, com sua pujante floresta, seus igarapés, sua fauna.

Estão inseridas na mesorregião do centro amazonense as seguintes microrregiões: Tefé, Coari, Manaus, Rio Preto da Eva, Itacoatiara e Parintins.

13 03 005 - MICRORREGIÃO DE TEFÉ

A agricultura corresponde à principal atividade da microrregião, que se constitui, porém, numa das menos produtivas do centro amazonense, uma vez que a lavoura, o extrativismo vegetal e a pecuária juntas representam um valor de produção que não tem alcançado 5% do total da mesorregião. A mandioca domina a produção e os outros cultivos como frutas, juta e malva são inexpressivos, superados, inclusive, em va-

lor da produção, pela extração de castanha-do-pará, borracha e madeiras nobres. O atual plantio do coco de dendê significa uma tentativa de diversificar as atividades dessa microrregião, na verdade, uma área de transição entre a microrregião de Japurá no norte amazonense e as áreas mais desenvolvidas do leste do Estado.

13 03 006 - MICRORREGIÃO DE COARI

A microrregião de Coari apresenta uma agricultura razoavelmente diversificada onde a fruticultura, a malva e a juta têm alcançado cerca de 45% do valor total da produção da microrregião. A mandioca ainda é o principal cultivo, em meio a outros de menor expressão como o cacau, o tomate e o guaraná. Entre os produtos extrativos destacam-se a castanha-do-pará e a borracha, constituindo-se a coleta vegetal, uma atividade complementar porém ainda expressiva.

A extração de petróleo no Vale do rio Urucu pode ser considerada como a atividade mais importante da microrregião. O seu escoamento está sendo feito por meio de balsas que levam o óleo até o rio Solimões, onde é realizado o transbordo para navios de maior porte, cujo destino é a REMAN - Refinaria de Manaus. Dependendo das reservas do atual campo petrolífero de Urucu, a Petrobrás poderá construir um oleoduto que irá substituir a etapa efetuada pelas balsas, através do rio Urucu.

13 03 007 - MICRORREGIÃO DE MANAUS

Individualiza-se no conjunto da mesorregião pela importância que nela assume a atividade industrial, responsável pela ascensão de Manaus à condição de metrópole regional da Amazônia Ocidental.

Contribui para esta situação a implantação da Zona Franca de Manaus que assegurou, via incentivos fiscais, a instalação de numerosas indústrias, competitivas em termos de preços, com a produção do Sudeste e Sul do País, em que pesem os sérios entraves representados pelas grandes distâncias aos mercados consumidores e a precariedade dos transportes. Basta ver que grande parte da produção é transportada, em aviões, chamando atenção o caso das motocicletas que são enviadas a São Paulo, por via aérea. O pólo eletrônico se destaca no parque industrial de Manaus, congregando o maior percentual do valor das vendas, com ênfase na produção de TV a cores, seguida de veículos de duas rodas, relógios, cutelaria, artigos de escritório, já se verificando, nos dias de hoje, maior diversificação do setor secundário com o surgimento da indústria têxtil.

No bojo desse crescimento industrial, Manaus ampliou seu setor terciário, que apesar de voltado, sobretudo, para a própria cidade, passou a atender a demanda regional. A concentração populacional nos centros urbanos, particularmente nas cidades capitais, tem se constituído numa peculiaridade do processo de transformações da Amazônia, destacando-se, neste contexto, o crescimento de Manaus, que de 152 432 habitantes, em 1960, passou para 283 685 habitantes, em 1970, alcançando, em 1980, a 611 763 habitantes; a população ocupada nas atividades industriais passou de 4 076, em 1960, para 8 606, em 1970, e 48 005 em 1980

O incremento das atividades secundária e terciária, e o conseqüente afluxo de migrantes, diferenciados econômica e socialmente, vem se refletindo na reestruturação interna da cidade, evidenciado no surgimento de condomínios e bairros planejados, para onde tem se deslocado a população de maior poder aquisitivo, enquanto a zona central e arredores vai sendo ocupada por escritórios, sedes de empresas, consultórios médicos, etc. Por sua vez, antigas áreas, ocupadas quase exclusivamente, pela classe média, estão sendo penetradas pela população de baixa renda, atraída pela possibilidade de ofertas de empregos, principalmente ao longo dos igarapés da cidade, como o Bittencourt e o Manaus onde são construídas toscas habitações sobre palafitas, modificando bastante a paisagem dessas áreas. O deslocamento da população de melhor poder aquisitivo para fora da zona central, vem repercutindo na melhoria dos transportes urbanos, com o aumento do número de linhas de ônibus e a introdução de microônibus, mais confortáveis, os chamados rotas, com passagens mais caras do que as dos ônibus comuns

Vale ainda mencionar o incremento que vem assumindo a atividade turística, favorecida pela intensificação das linhas aéreas domésticas e externas. Além da possibilidade de compras de produtos importados, o fascínio exercido pelos mini-safaris, através dos igarapés e da selva, e o encontro das águas, vem estimulando a proliferação de empresas turísticas, especializadas em passeios pela região. Nesse sentido, a ligação fluvial Manaus - Belém, feita por modernos navios, dotados de todo o conforto, é provavelmente o percurso mais atrativo e peculiar da Amazônia

As atividades primárias da microrregião incluem a agricultura, a pecuária e o extrativismo. Vinculada ao abastecimento de Manaus, a agricultura da microrregião é a mais desenvolvida e diversificada do Estado. Assim, além da malva, juta, guaraná, cacau, pimenta-do-reino, mandioca, batata-doce, milho, vem se expandindo a hortifruticultura. Por sua vez, a par do desenvolvimento da pecuária bovina de corte, vem ganhando expressão a criação de suínos e o rebanho avícola, este último concentrado nos Municípios de Iranduba e Careiro. Quanto ao extrativismo vegetal, a coleta de borracha, castanha-do-pará e madeiras nobres ainda possuem expressão comercial na economia da microrregião

13 03 008 - MICRORREGIÃO DE RIO PRETO DA EVA

Particulariza-se no contexto mesorregional pela presença da controversa hidrelétrica de Balbina. Construída para o fornecimento de energia à cidade de Manaus, que, até então, era abastecida por usinas termelétricas, deu origem à localidade do mesmo nome que passou a abrigar técnicos e funcionários da empresa. Além desse núcleo urbano, destacam-se os de Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva.

As atividades primárias pouco representam no conjunto da microrregião, representadas pela pecuária, pelo extrativismo e por diminuta produção agrícola.

13 03 009 - MICRORREGIÃO DE ITACOATIARA

Embora o alto valor de produção (acima de 75% do total da mesorregião), alcançado pela extração de madeiras nobres possa se revestir de caráter sazonal, não restam dúvidas sobre sua superioridade em relação à atividade agrícola, caracterizando-se a microrregião como voltada para o extrativismo, ainda que a coleta da borracha e da castanha-do-pará seja pouco expressiva. Ainda assim, a lavoura da região se apresenta bastante diversificada, destacando-se a fruticultura, os cultivos de mandioca, juta, cacau, guaraná, cana-de-açúcar e malva. A pecuária bovina para corte se mostra também representativa, não devendo ser considerada uma atividade complementar. O asfaltamento da rodovia entre Itacoatiara e Manaus, vem intensificando as ligações entre as duas cidades.

13 03 010 - MICRORREGIÃO DE PARINTINS

A microrregião de Parintins pode ser considerada como a segunda área agrícola do Estado, onde apesar da mandioca ser a lavoura mais importante, outros cultivos têm também representatividade quanto ao valor da produção, a exemplo do guaraná, tradicionalmente cultivado no Município de Maués. Destacam-se ainda as lavouras de juta, malva, cacau e milho, além da fruticultura. Quase tão importante como a atividade agrícola é a tradicional pecuária bovina para corte. O rebanho avícola também é bastante expressivo.

Seu território abriga a famosa ilha Tupinambarana, formada por extensos paranás, entre eles o paraná do Ramos, todos eles tributários do rio Amazonas e tributários entre si, além de numerosas lagoas, grandes áreas de várzeas fluviais e de floresta úmida amazônica, de várzea e de igapó.

A microrregião de Parintins possui, ainda, reservas de ouro, ferro, calcário e bauxita

13 04 - MESORREGIÃO DO SUL AMAZONENSE

A mesorregião do sul amazonense identifica-se com um vasto território constituído pela bacia do rio Madeira, entre os paralelos 4° e 8° S, pela bacia do rio Purus, a grosso modo, entre os paralelos 5° e 9° S e pela bacia do rio Sucunduri. As áreas de cerrados e de campos naturais existentes na mesorregião limitam-se a pequenas parcelas de seu território, nos Municípios de Lábrea, Humaitá e Manicoré, principalmente levando-se em consideração a imensa superfície ocupada pela floresta amazônica de terra firme, formação vegetal que não só predomina e caracteriza a região como também tem proporcionado a sobrevivência da população local, através de seus produtos extrativos.

De fato, já no século XVIII, pioneiros vindos pelo rio Amazonas, assim como outras levadas de desbravadores originados do Sudeste do País e que ao sul amazonense chegaram utilizando-se dos rios amazônicos, que possuem nascentes em Mato Grosso ou Rondônia, instalaram-se na região, à procura de ouro e mais tarde, para a exploração de produtos extrativos entre eles a borracha, especialmente no Vale do rio Aripuaná.

A natureza das oportunidades que o sul amazonense oferecia, porém, não foi suficiente para uma expansão populacional. Poucos são os centros urbanos, porém os existentes estão situados ao longo dos rios, até bem pouco tempo, a mais importante via de transporte disponível. Com o advento de diversos planos governamentais, entre eles, o de Integração Nacional, a mesorregião foi contemplada com a construção das rodovias BR-319, BR-317, BR-230 (Transamazônica) que, em conjunto com algumas rodovias estaduais, AM-364 e AM-356, interligam cerca de 60% de suas sedes municipais com a capital estadual e com o restante do País, constituindo-se na área amazônica mais bem servida por estradas de rodagem. O clima quente e úmido, sujeito a frequentes chuvas torrenciais, tem sido, entre outras, a causa de sérias dificuldades de manutenção dessas rodovias que poderiam prestar melhores serviços à região. A mesorregião apresenta fracas transformações em sua estrutura econômica e em sua subdivisão municipal. A criação, em 1988, do Município de Apuí, às margens da rodovia Transamazônica (BR-230), representou uma tentativa de expansão da atividade agrícola em áreas do referido Município. Até mesmo a rodovia BR-319, atualmente asfaltada (trecho Porto Velho - Manaus), sofre sérias inter-

rupções em seu tráfego, ocasionadas pela intensa pluviosidade que provavelmente tem superado as previsões técnicas dos projetos de construção rodoviária nessa região

Apesar dessas possibilidades de transporte, a irregularidade do tráfego e as grandes distâncias a serem percorridas até atingir os centros consumidores, podem ser considerados como os fatores responsáveis pela ocorrência de uma agricultura de modesta expressão econômica, embora represente a segunda maior área produtora do Estado, onde a mandioca ainda predomina absoluta (em média 80% da produção) sobre outros produtos, entre eles, as frutas de mesa, o arroz, o café, o milho, o cacau e a seringueira cultivada

O extrativismo vegetal ainda é praticado com bastante intensidade, distribuindo-se entre a coleta de borracha, castanha-do-pará, madeiras nobres e sorva. Recentemente, o governo federal deu partida para a criação efetiva de reservas extrativistas no sudoeste da mesorregião, com projetos de assentamentos de famílias oriundas do Estado do Acre

A pecuária bovina para corte, também a segunda em importância no estado, está concentrada no Alto Purus e intimamente ligada a áreas pecuaristas acreanas, por onde se comunica através da rodovia BR-317

Humaitá, na microrregião do Madeira, tornou-se o mais importante centro urbano da mesorregião, em virtude de sua localização geográfica, em meio a um entroncamento rodod-fluvial formado pelas rodovias BR-319 (trecho Porto Velho - Manaus), BR - 230 (Transamazônica) e pelo rio Madeira. A cidade dispõe dos principais serviços urbanos, inclusive ligações telefônicas tipo DDD e DDI, melhoramento que, aliás, se estende a 50% das sedes municipais do sul amazonense

Enquanto o Vale do rio Madeira dispõe da via rodoviária e da via fluvial para suas comunicações com o Estado e com o País, o Vale do rio Purus ainda permanece praticamente sob dependência de uma via fluvial, com qualidade de navegação inferior ao do Madeira. Apenas a cidade de Lábrea, no Médio Vale, possui ligação rodoviária antiga e precária (ponto final do trecho oeste da rodovia BR - 230, construído muito antes de sua existência como Transamazônica), além da comunicação terrestre com o Município de Boca do Acre. Naturalmente que ambos os vales dispõem de linhas aéreas regionais regulares, porém tal tipo de transporte é restrito devido ao alto custo de suas tarifas

Destacam-se, na microrregião, duas áreas indígenas de grande extensão, Coatá-Laranjal e Tenharim, além da Reserva Biológica Abufari e da Floresta Nacional Mapiá-Inauini, recentemente criada e que dispõe de oito áreas reservadas para o desenvolvimento extrativista

Estão inseridas na mesorregião do sul amazonense, as seguintes microrregiões: Boca do Acre, Purus e Madeira

13 04 011 - MICRORREGIÃO DE BOCA DO ACRE

Predomina na microrregião a pecuária bovina para corte, exercida em pastos plantados e diretamente ligada às áreas pecuaristas do Município de Rio Branco, no vizinho Estado do Acre

A coleta da borracha, embora normalmente suplantada em valor de produção, pela lavoura da mandioca e do café, ainda é atividade tradicional e atualmente com perspectivas de desenvolvimento, em virtude da escolha da área da microrregião para a implantação de reservas extrativistas, (Município de Pauini - Floresta Nacional Mapiá-Inauini), onde as primeiras famílias a serem assentadas (com um custo dez vezes menor do que o de um assentamento agrícola), pertencem à comunidade religiosa Santo Daime, oriundas de terras acreanas e que se dispõem a explorar racionalmente a seringueira e a castanha-do-pará, instalando ainda usinas de beneficiamento da borracha e um laboratório de pesquisas ecológicas

13 04 012 - MICRORREGIÃO DO PURUS

Apesar da atividade agrícola ser considerada como predominante na microrregião, este desempenho cabe apenas à lavoura de mandioca, em média quase 95% do total da produção agrícola

Os demais produtos como frutas de mesa, feijão, arroz, fumo, etc, praticamente não têm nenhuma expressão, sendo suplantadas, em valor de produção, até por produtos extrativos menos comuns como a sorva, que em conjunto com a coleta da borracha, da castanha-do-pará e de madeiras nobres, costumam alcançar valores correspondentes a 60% dos resultados econômicos obtidos pela mandioca

O condicionamento à via fluvial mesmo que na direção de Lábrea, que dispõe de precária ligação rodoviária, não leva a crer em modificações no quadro econômico dessa área, pois as dificuldades em se atingir a mercados consumidores, não animam os investimentos na microrregião do Purus

13 04 013 - MICRORREGIÃO DO MADEIRA

A principal atividade da microrregião, a agricultura, pode ser considerada como medianamente diversificada,

em que pese a alta produção de mandioca. Por outro lado, os problemas de transporte, face ao estado das rodovias, embora possam se tornar importante fator de limitação da expansão agrícola, não chegam a impedir totalmente que a microrregião seja considerada como a terceira área agrícola do Estado, uma vez que a rede de estradas de rodagem, embora precária, e em conjunto com a via fluvial (o rio Madeira), conseguem, de certo modo, garantir a comercialização de diversos outros produtos como o arroz, melancia, frutas cítricas, abacate, cacau, juta, milho, fumo, entre outros, inclusive a produção de borracha a partir de seringueiras cultivadas.

A atividade extrativa vegetal, desenvolvida na área, apresenta uma produção significativa no contexto mesorregional, sendo que a coleta de madeiras nobres, de borracha e de castanha-do-pará atingem resultados econômicos somente superados pela lavoura de mandioca.

Linhas de ônibus intermunicipais circulam pela microrregião, oferecendo um tipo de transporte que praticamente só existe no Vale do rio Madeira (à exceção de algumas áreas próximas à capital do Estado), apesar das limitações impostas pelo clima, atingindo a localidades bem distantes, no interior do Estado, como Apuí (município recém-criado) e Sucunduri.

Algumas peculiaridades podem ser citadas para o Município de Manicoré, como seu povoamento baseado, em parte, na vinda de grupos ciganos deportados do Reino Português e a existência de minério de cassiterita no seu território.

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

RORAIMA

AUTOR: MIGUEL GUIMARÃES DE BULHÕES

14 - RORAIMA -RR

14 01 - Norte de Roraima

14 01 001 - Boa Vista

- 1 Alto Alegre
- 2 Boa Vista

14 01 002 - Nordeste de Roraima

- 1 Bonfim
- 2 Normandia

14 02 - Sul de Roraima

14 02 003 - Caracarai

- 1 Caracarai
- 2 Mucajai

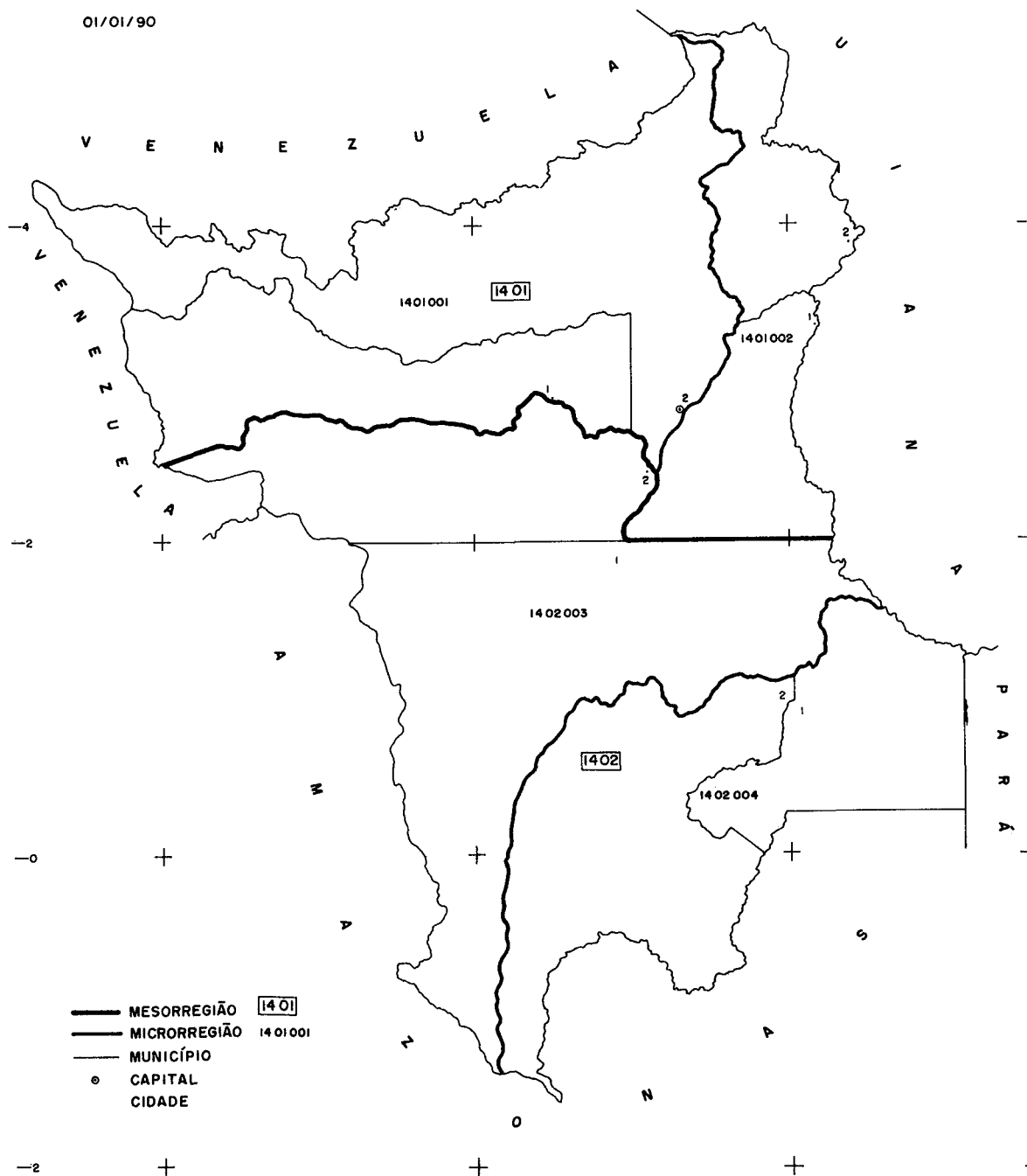
14 02 004 - Sudeste de Roraima

- 1. São João da Baliza
- 2 São Luiz

14 - ESTADO DE RORAIMA

MESORREGIÕES E
MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
DIVISÃO MUNICIPAL

01/01/90



IBGE/DGC/DEGEO/DITER
1986/DGC/DEGEO/DITPE SE2

BASE CARTOGRÁFICA CARTOGRAMA DA DIVISÃO MUNICIPAL
DE RORAIMA EXECUTADO PELO DGC/DECAR/DIPOR SE3

ESCALA
0 30 60 90 120 Km

QUADRO COMPARATIVO DAS MESORREGIÕES E RESPECTIVAS MICRORREGIÕES

ESTADO DE RORAIMA

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MESORREGIÃO RORAIMA (05) Microrregião de Roraima	MESORREGIÃO NORTE DE RORAIMA (14 01) Microrregião de Boa Vista Microrregião do Nordeste de Roraima MESORREGIÃO SUL DE RORAIMA (14 02) Microrregião de Caracarái Microrregião do Sudeste de Roraima

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

QUADRO COMPARATIVO ENTRE A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS,
E A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS,
SEGUNDO A COMPOSIÇÃO POR MUNICÍPIOS

ESTADO DE RORAIMA

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
RORAIMA (011)	BOA VISTA (14 01 001)
Alto Alegre	Alto Alegre
Boa Vista	Boa Vista
Bonfim	
Caracarai	NORDESTE DE RORAIMA (14 01 002)
Mucajai	Bonfim
Normandia	Normandia
São João da Baliza	
São Luiz	CARACARAI (14 02 003)
	Caracarai
	Mucajai
	SUDESTE DE RORAIMA (14 02 004)
	São João da Baliza
	São Luiz

14 01 - MESORREGIÃO DO NORTE DE RORAIMA

Identificada principalmente pelos seus aspectos físicos e humanos, tais como áreas florestais e grande população indígena, apresenta cerca de 30% de seu território, correspondente ao centro-norte do Estado, revestido por formações campestres que vão desde os campos naturais até a estruturas bastante semelhantes as dos cerrados densos, relacionadas com uma estação seca que dura cerca de 4 a 5 meses, em particular na porção nordeste da mesorregião.

Em face dessas particularidades, do meio físico, as áreas campestres foram as primeiras a serem visitadas por contingentes espanhóis (via rio Uriraquera) e holandeses/ingleses (via rio Tacatu), mas foram os portugueses, vindos do sul (rio Branco), que acabaram por iniciar a colonização da região, adotando como atividade principal a pecuária extensiva que perdura até hoje e que já se estende a áreas florestais limítrofes

Outro aspecto, porém, que logo se tornou importante na área, foi a exploração de ouro e de diamantes que, apesar de se constituir numa atividade de alto valor econômico, não esteve devidamente organizada a ponto de se reconhecer o norte de Roraima como uma área de pecuária e não de mineração

No decorrer da década de 80, porém, a descoberta de ricos filões de ouro em áreas de reservas indígenas, tornou a mesorregião uma das mais conhecidas do País, em virtude dos problemas e das transformações que experimentam estas regiões onde se desenrolam as corridas do ouro e, principalmente, no caso de Roraima, onde disputas entre indígenas e garimpeiros preocupam as autoridades e os habitantes locais. A legitimidade da posse da terra para as reservas indígenas e as características dos filões que exigem mecanização complexa e inversão de capitais, tem resultado em frustração e pobreza para grandes contingentes de garimpeiros, que se vêem até impedidos de voltar aos seus locais de origem, por falta de recursos para pagar o custo do transporte, 90% aéreo e realizado por pequenos aviões geralmente exigidos ao máximo em suas capacidades de voo

A agricultura, apesar de apresentar valores de produção que não chegam geralmente a 30% do montante apurado pela pecuária, é atividade de milhares de habitantes do norte de Roraima, muitas vezes organizados em colônias agrícolas, algumas das quais, criadas em meados da década de 40. Alguns produtos dentre os cultivados, visando ao abastecimento de Boa Vista, tomates e frutas diversas, destacam-se entre os tradicionais - arroz, mandioca, milho e feijão. Já o extrativismo vegetal não tem quase nenhuma expressão, limitando-se à coleta de madeiras, em parte para a produção de

lenha e carvão, fato que se expressa pelo seu valor de produção, normalmente abaixo de 1% do total da mesorregião

Através do transporte aéreo regular, o norte de Roraima se relaciona com todo o País e com o exterior. Suas maiores relações, porém, são exercidas com a cidade de Manaus, para onde são realizados três vôos diários. Inúmeros são os táxis-aéreos e aviões particulares servindo às fazendas e aos garimpos.

A mesorregião possui uma razoável rede rodoviária estadual, implantada nas áreas campestres e que liga as sedes municipais à capital do Estado. Através da rodovia BR-174, o norte de Roraima se relaciona com a Venezuela e com o restante do País; e por meio da BR-401, atinge o território da Guiana e, por conseguinte, o acesso ao porto de Georgetown.

Torna-se importante mostrar, porém, que não só esta rede rodoviária como todos os centros urbanos, sede de municípios e os principais distritos (vilas) situam-se nos limites desta área de predominância campestre, tornando-se a floresta úmida, como normalmente acontece, um fator restritivo à expansão populacional.

O governo federal tem atuado nesta região, por meio do Programa Polamazônia (Pólo Roraima) e, mais recentemente, através do Projeto Calha Norte, procurando integrar vastas áreas desabitadas ao Território Nacional.

A mesorregião abriga, ainda, em seu território, cerca de nove Estações Ecológicas além da Floresta Nacional de Roraima, dos Parques Nacionais da Serra Parima, da Pedra Pintada, da Serra Pacaraima e do Lago Caracaranã.

Uma considerável população indígena vive em seus territórios, ou em dezenas de áreas reservadas, destacando-se a Terra Indígena Ianomami, não só pela sua extensão como também pelo seu valor cultural no meio indígena.

Estão inseridas na Mesorregião do norte de Roraima, as seguintes microrregiões: Boa Vista e Nordeste de Roraima.

14 01 001 - MICRORREGIÃO DE BOA VISTA

A pecuária extensiva e tradicional é a atividade organizada mais importante da microrregião, apresentando alguns aspectos de modernização como a introdução de reprodutores selecionados, suplementação alimentar e plantação de pastos em algumas antigas áreas florestais.

A atividade agrícola supre as necessidades locais, com algumas tendências de especialização, visando ao abastecimento da capital do Estado. Cultivam-se arroz, frutas de mesa, mandioca, milho e tomate, entre outros produtos.

A atividade mineradora é exercida principalmente no vasto Município de Boa Vista, apresentando-se não só com uma organização precária, apesar do vulto atual dos negócios, como também dando origem a graves problemas entre indígenas e garimpeiros. Existem, porém, empresas organizadas e legalizadas, atuando na microrregião.

A capital do Estado está dotada de todos os principais serviços, inclusive comunicações telefônicas automáticas nacionais e internacionais (DDD e DDI), constituindo-se no principal centro urbano da microrregião e da mesorregião.

O transporte aéreo está bastante desenvolvido como acontece em todas as regiões de vasta extensão, apesar da rede rodoviária existente que, aliás, não é pavimentada, a exceção de pequeno trecho na direção de Manaus.

A microrregião abriga ainda a maioria das áreas indígenas e áreas naturais preservadas, como estações biológicas e parques nacionais.

14 01 002 - MICRORREGIÃO DO NORDESTE DE RORAIMA

Em virtude do fato de que cerca de 70% de seu território são recobertos por formações campestres, a pecuária bovina para corte tornou-se a principal atividade da área. Ela é exercida, porém, de uma maneira muito tradicional e extensiva, sem maiores cuidados com o plantel, utilizando-se pastos naturais, em muitos trechos já bastante desgastados, refletindo-se na qualidade inferior do rebanho, em relação às demais áreas da mesorregião.

Instaladas na parte florestal da microrregião, colônias agrícolas são responsáveis por uma produção de razoável valor econômico, considerada como a primeira da mesorregião, apoiada nas rodovias RR-170, RR-207 e BR-401, responsáveis pelo escoamento dos produtos, principalmente do Município de Bonfim, por onde se faz, também, a ligação com a Guiana e com o porto de Georgetown.

No Município de Normandia, está situado o Parque Nacional do Lago Caracaranã, muito procurado pela população da capital estadual como área de lazer.

14 02 - MESORREGIÃO DO SUL DE RORAIMA

Com um território quase que totalmente recoberto pela floresta úmida amazônica, a mesorregião do sul de Roraima apresenta características inerentes às grandes áreas florestais da Amazônia, ou seja, precariedade nas vias de transporte terrestre, transporte fluvial moroso, pouca concentração populacional e atividades pouco desenvolvidas. Até mesmo o transporte aéreo, sempre presente nestas áreas, neste caso específico, se limita a aviões particulares, não havendo sede municipal que possua ligação aérea regular, mesmo a nível regional.

A rodovia BR-174 que demanda a Manaus, ao se afastar do Vale do rio Branco, à altura de Caracarái, tornou o referido vale praticamente estagnado, se não até decadente, quando o mesmo já foi a principal via de penetração do Estado, época em que surgiram algumas vilas de apoio à navegação, hoje sem perspectiva de desenvolvimento. Os atuais centros urbanos situam-se ao longo das duas únicas rodovias da mesorregião, a BR-174, já citada, e a BR-210 (Perimetral Norte) que conta com cerca de 500 km construídos, no sentido leste-oeste.

Não se pode afirmar que haja preponderância da atividade agrícola sobre a pecuária ou vice-versa; tampouco pode-se dizer que a região apresenta perspectivas de crescimento econômico.

Apenas nas áreas ao longo dos eixos rodoviários é que se observam atividades rurais de expressivo valor econômico, ficando a maior parte da mesorregião e a de mais difícil acesso, limitada às atividades de extrativismo vegetal, predominantemente de madeiras, onde algum capital é investido na comercialização e exportação do produto. O extrativismo vegetal, porém, é também exercido em áreas de terra firme onde a coleta de castanha-do-pará ainda possui alguma expressão.

A pecuária se desenvolve de uma forma mais organizada que em outras áreas do estado, utilizando-se cercas, pastos plantados, importação de reprodutores e suplementação alimentar. A agricultura é exercida não só sob forma de colônias organizadas nas áreas mais antigas como também sob forma de colônias espontâneas, em terras devolutas, a partir do final da década de 70 e desenvolvidas por trabalhadores que vieram atuar na construção da perimetral Norte (BR-210) e que ficaram na região após a interrupção da mesma. Cultivavam-se arroz, milho, mandioca, frutas diversas, feijão e cana-de-açúcar, entre outros produtos.

Em comparação com norte de Roraima, são poucas as áreas reservadas para indígenas. A Terra Indígena Ianomami tem parte de seu território entre os limites da mesorregião que abriga, ainda, as estações ecológicas do Rio Negro, Rio Itã e da Serra do Repartimento, além de uma considerável porção do Parque Nacional do Rio Negro.

Estão inseridas na mesorregião do sul de Roraima, as seguintes microrregiões: Caracarái e Sudeste de Roraima.

14 02 003 - MICRORREGIÃO DE CARACARAI

Tanto a pecuária bovina para corte como a atividade agrícola tem expressão econômica na microrregião, embora, em termos de valor de produção, criatório bovino apresente ligeira superioridade, apoiado por técnicas mais modernas de criação, onde a importação de reprodutores mostra a preocupação na melhoria dos rebanhos e por conseguinte, do desfrute. A agricultura é exercida com mais intensidade no Município de Mucajaí, principalmente sob a forma de colônias, o que explica certa predominância, em área, de pequenos e médios estabelecimentos rurais. Cultivam-se arroz, milho, mandioca, frutas de mesa, cana-de-açúcar e tomate, entre outros produtos.

Caracarái, importante entroncamento rodovial, constitui-se no principal centro urbano da microrregião, dispondo entre outros serviços, de comunicações telefônicas tipo DDD e DDI.

14 02 004 - MICRORREGIÃO DO SUDESTE DE RORAIMA

Trata-se de uma microrregião essencialmente agrícola, formada por Municípios criados na década de 80 cujas terras de cultivo foram conquistadas às áreas florestais, através da prática do desmatamento.

Além de trabalhadores que atuaram na construção da BR-210, migrantes maranhenses aí se fixaram, constituindo uma estrutura onde se verifica numerosa presença de ocupantes e uma predominância, em área, de pequenos e médios estabelecimentos. Cultivam-se arroz, frutas diversas, mandioca, milho, feijão, entre outros produtos e a microrregião é a que apresenta o maior valor de produção agrícola do Estado.

Observam-se, ainda, tradicionais atividades extrativistas como a coleta da castanha-do-pará e a extração de madeiras, cujos valores de produção, embora modestos, são os maiores de Roraima.

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

PARA

AUTOR: MIGUEL GUIMARÃES DE BULHÕES

15 - PARA - PA

15 01 - Baixo Amazonas

15 01 001 - Óbidos

- 1 Faro
- 2 Juruti
- 3 Óbidos
- 4 Oriximiná

15 01 002 - Santarém

- 1 Alenquer
- 2 Monte Alegre
- 3 Prainha
- 4 Santarém

15 01 003 - Almeirim

- 1 Almeirim
- 2 Porto de Moz

15 02 - Marajó

15 02 004 - Portel

- 1 Bagre
- 2 Gurupá
- 3 Melgaço
- 4 Portel

15 02 005 - Furos de Breves

- 1 Afuá
- 2 Anajás
- 3 Breves
- 4 Curralinho
- 5 São Sebastião da Boa Vista

15 02 006 - Arari

- 1 Cachoeira do Arari
- 2 Chaves
- 3 Muaná
- 4 Ponta de Pedras
- 5 Salvaterra
- 6 Santa Cruz do Arari
- 7 Soure

15 03 - Metropolitana de Belém

15 03 007 - Belém

- 1 Ananindeua
- 2 Barcarera
- 3 Belém
- 4 Benevides

15 03 008 - Castanhal

- 1 Bujaru
- 2 Castanhal
- 3 Inhangapi
- 4 Santa Isabel do Pará
- 5 Santo Antônio do Tauá

15 04 - Nordeste Paraense

15 04 009 - Salgado

- 1 Colares
- 2 Curuçá
- 3 Magalhães Barata
- 4 Maracanã
- 5 Marapanim
- 6 Salinópolis
- 7 São Caetano de Odivelas
- 8 São João de Pirabas
- 9 Vigia

15 04 010 - Bragantina

- 1 Augusto Corrêa
- 2 Bonito
- 3 Bragança
- 4 Capanema
- 5 Igarapé-Açu
- 6 Nova Timboteua
- 7 Peixe-Boi
- 8 Primavera
- 9 Santa Maria do Pará
- 10 Santarém Novo
- 11 São Francisco do Pará

15 04 011 - Cametá

- 1 Abaetetuba
- 2 Baião
- 3 Cametá
- 4 Igarapé-Miri
- 5 Limoeiro do Ajuru
- 6 Mocajuba
- 7 Oeiras do Pará

15 04 012 - Tomé-Açu

- 1 Acará
- 2 Concórdia do Pará
- 3 Moju
- 4 Tailândia
- 5 Tomé-Açu

15 04 013 - Guamá

- 1 Capitão Poço
- 2 Garrafão do Norte
- 3 Irituia
- 4 Mãe do Rio
- 5 Ourém
- 6 São Domingos do Capim
- 7 São Miguel do Guamá
- 8 Viseu

15 05 - Sudoeste Paraense

15 05 014 - Itaituba

- 1 Aveiro
- 2 Itaituba
- 3 Rurópolis

15 05 015 - Altamira

- 1 Altamira
- 2 Medicilândia
- 3 Pacajá
- 4 Senador José Porfírio
- 5 Uruará

15 06 - Sudeste Paraense

15 06 016 - Tucuruí

- 1 Itupiranga
- 2 Jacundá
- 3 Tucuruí

15 06 017 - Paragominas

- 1 Bom Jesus do Tocantins
- 2 Dom Eliseu
- 3 Paragominas
- 4 Rondon do Pará

15 06 018 - São Félix do Xingu

- 1 Ourilândia do Norte
- 2 São Félix do Xingu
- 3 Tucumã

15 06 019 - Parauapebas

- 1 Curionópolis
- 2 Parauapebas

15 06 020 - Marabá

- 1 Brejo Grande do Araguaia
- 2 Marabá
- 3 São João do Araguaia

15 06 021 - Redenção

- 1 Redenção
- 2 Rio Maria
- 3 São Geraldo do Araguaia
- 4 Xinguara

15 06 022 - Conceição do Araguaia

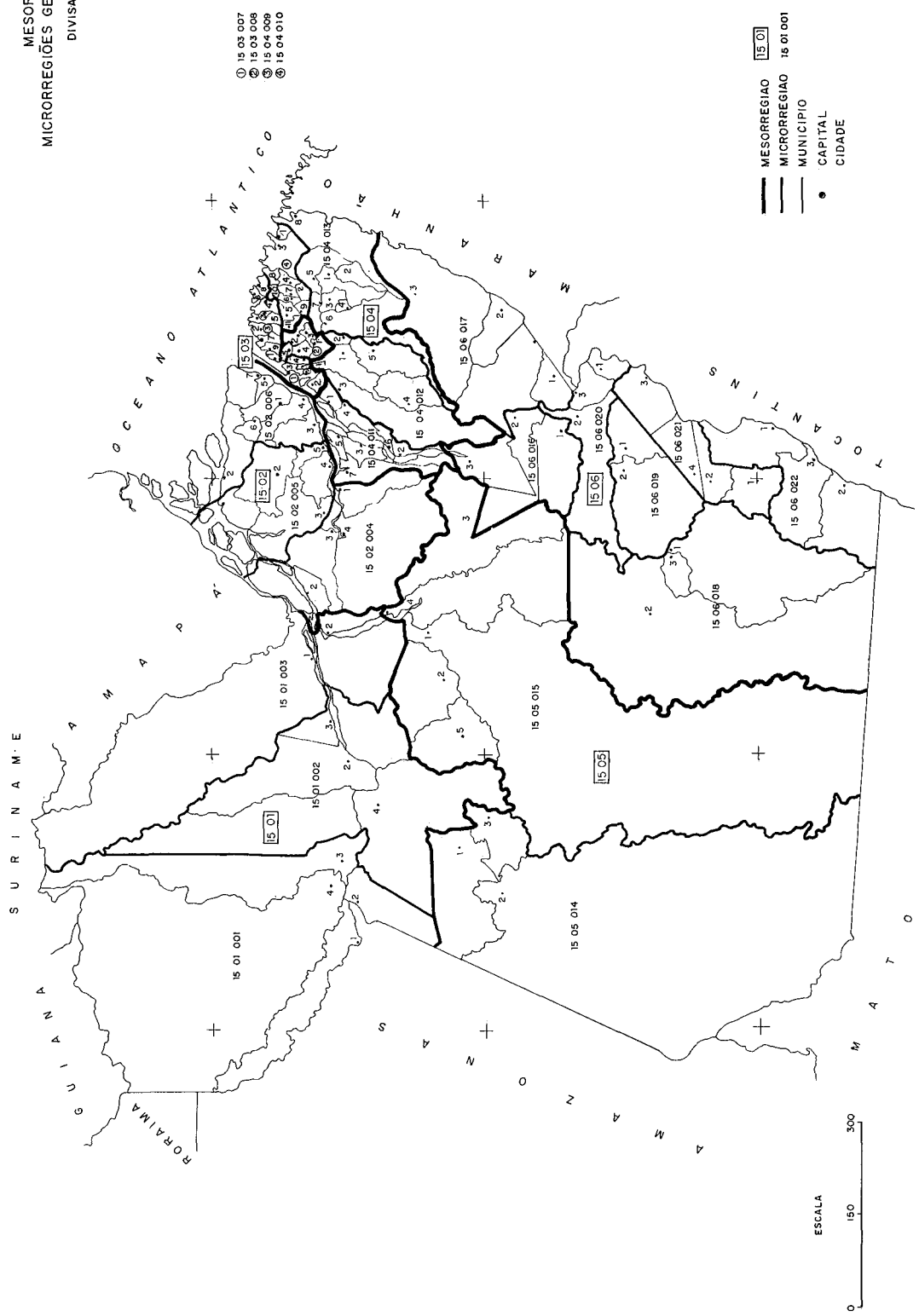
- 1 Conceição do Araguaia
- 2 Santa Maria das Barreiras
- 3 Santana do Araguaia

58° 54° 50° 46°

15 ESTADO DO PARÁ

MESORREGIÕES E
MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
DIVISÃO MUNICIPAL

01/01/90



BASE CARTOGRAFICA: CARTOGRAMA DA DIVISAO MUNICIPAL
DO PARA EXECUTADO PELA DGC/DEAR/DIPOR - SE 3

IBGE / DGC / DEBEO / DITER
IBGE / DGC / DEBEO / DITPE - SE 2

6 R O S S O

QUADRO COMPARATIVO DAS MESORREGIÕES E RESPECTIVAS MICRORREGIÕES

ESTADO DO PARA

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MESORREGIÃO HILÉIA PARAENSE (06) Microrregião do Médio Amazonas Paraense Microrregião do Tapajós Microrregião do Baixo Amazonas Microrregião do Xingu Microrregião do Araguaia Paraense	MESORREGIÃO BAIXO AMAZONAS (15 01) Microrregião de Óbidos Microrregião de Santarém Microrregião de Almeirim MESORREGIÃO SUDOESTE PARAENSE (15 05) Microrregião de Itaituba Microrregião de Altamira
MESORREGIÃO LESTE PARAENSE (07) Microrregião de Furos Microrregião de Campos de Marajó Microrregião do Baixo Tocantins Microrregião de Marabá Microrregião de Tomé-Açu Microrregião de Guajará Microrregião de Salgado Microrregião de Bragança Microrregião de Viseu	MESORREGIÃO MARAJÓ (15 02) Microrregião de Portel Microrregião dos Furos de Breves Microrregião do Arari MESORREGIÃO NORDESTE PARAENSE (15 04) Microrregião do Salgado Microrregião de Bragança Microrregião de Cametá Microrregião de Tomé-Açu Microrregião do Guamá
MESORREGIÃO BELÉM (08) Microrregião de Belém	MESORREGIÃO SUDESTE PARAENSE (15 06) Microrregião de Tucuruí Microrregião de Paragominas Microrregião de São Félix do Xingu Microrregião de Parauapebas Microrregião de Marabá Microrregião de Redenção Microrregião de Conceição do Araguaia MESORREGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (15 03) Microrregião de Belém Microrregião de Castanhal

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

QUADRO COMPARATIVO ENTRE A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS,
E A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS,
SEGUNDO A COMPOSIÇÃO POR MUNICÍPIOS

ESTADO DO PARÁ

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MÉDIO AMAZONAS PARAENSE (012)	ÓBIDOS (15 01 001)
Alenquer	Faro
Faro	Juruti
Juruti	Óbidos
Monte Alegre	Oriximiná
Óbidos	
Oriximiná	SANTARÉM (15 01 002)
Santarém	Alenquer
	Monte Alegre
	Prainha
	Santarém
TAPAJÓS (013)	ITAITUBA (15 05 014)
Aveiro	Aveiro
Itaituba	Itaituba
	Rurópolis
BAIXO AMAZONAS (014)	ALMEIRIM (15 01 003)
Almeirim	Almeirim
Porto de Moz	Porto de Moz
Prainha	
XINGU (015)	ALTAMIRA (15 05 015)
Altamira	Altamira
São Félix do Xingu	Medicilândia
	Pacajá
	Senador José Porfírio
	Uruará
	SÃO FÉLIX DO XINGU (15 06 018)
	Ourilândia do Norte
	São Félix do Xingu
	Tucumã

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ESTADO DO PARÁ

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
FUROS (016) Afuá Anajás Breves Curralinho Gurupá Melgaço Portel São Sebastião da Boa Vista Senador José Porfírio	MICRORREGIÃO DOS FUROS DE BREVES (15 02 005) Afuá Anajás Breves Curralinho São Sebastião da Boa Vista
CAMPOS DE MARAJÓ (017) Cachoeira do Arari Chaves Muaná Ponta de Pedras Salvaterra Santa Cruz do Arari Soure	PORTEL (15 02 004) Bagre Gurupá Melgaço Portel
BAIXO TOCANTINS (018) Abaetetuba Bagre Baião Barcarena Igarapé-Miri Limoeiro do Ajuru Mocajuba Moju Oeiras do Pará	ARARI (15 02 006) Cachoeira do Arari Chaves Muaná Ponta de Pedras Salvaterra Santa Cruz do Arari Soure
	CAMETÁ (15 04 011) Abaetetuba Baião Cametá Igarapé-Miri Limoeiro do Ajuru Mocajuba Oeiras do Pará

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ESTADO DO PARÁ

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MARABÁ (019) Itupiranga Jacundá Marabá São João do Araguaia Tucuruí	MARABÁ (15 06 020) Brejo Grande do Araguaia Marabá São João do Araguaia TUCURUI (15 06 016) Itupiranga Jacundá Tucuruí
ARAGUAIA PARAENSE (020) Conceição do Araguaia Redenção Rio Maria Santana do Araguaia Xinguara	CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA (15 06 022) Conceição do Araguaia Santa Maria das Barreiras Santana do Araguaia REDENÇÃO (15 06 021) Redenção Rio Maria São Geraldo do Araguaia Xinguara
TOMÉ-AÇU (021) Acará Tomé-Açu	TOMÉ-AÇU (15 04 012) Acará Concórdia do Pará Moju Tailândia Tomé-Açu

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ESTADO DO PARÁ

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
GUAJARINA (022) Bujaru Capitão Poço Irituia Ourém Paragominas Rondon do Pará São Domingos do Capim	GUAMA (15 04 013) Capitão Poço Garrafão do Norte Irituia Mãe do Rio Ourém São Domingos do Capim São Miguel do Guamá Vizeu PARAGOMINAS (15 06 017) Bom Jesus do Tocantins Dom Eliseu Paragominas Rondon do Pará PARAUPEBAS (15 06 019) Curionópolis Parauapebas
SALGADO (023) Colares Curuçá Magalhães Barata Maracanã Marapanim Primavera Salinópolis Santarém Novo Santo Antônio do Tauá São Caetano de Odivelas Vigia	SALGADO (15 04 009) Colares Curuçá Magalhães Barata Maracanã Marapanim Salinópolis São Caetano de Odivelas São João de Pirabas Vigia

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ESTADO DO PARÁ

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
BRAGANTINA (024) Augusto Corrêa Bonito Bragança Capanema Castanhal Igarapé-Açu Inhangapi Nova Timboteua Peixe-Boi Santa Isabel do Pará Santa Maria do Pará São Francisco do Pará São Miguel do Guamá	BRAGANTINA (15 04 010) Augusto Corrêa Bonito Bragança Capanema Igarapé-Açu Nova Timboteua Peixe-Boi Primavera Santa Maria do Pará Santarém Novo São Francisco do Pará CASTANHAL (15 03 008) Bujaru Castanhal Inhangapi Santa Isabel do Pará Santo Antônio do Tauá BELEM (15 03 007) Ananindeua Barcarena Belém Benevides
BELEM (025) Ananindeua Belém Benevides	
VIÇEU (026) Viçeu	

15 01 - MESORREGIÃO DO BAIXO AMAZONAS

A intervenção governamental, exercida principalmente através da atuação do GEBAM - Grupo Executivo para a Região do Baixo Amazonas - do Pólo Agromineral Trombetas, segmento local do Programa Polamazônia e representada também por outros projetos estatais cuja jurisdição atinge parte de seu território (Pólo Tapajós e Pólo Altamira), além da ação da iniciativa privada que se faz presente através do Projeto Jari, vem contribuindo para modificar a estrutura econômica do Baixo Amazonas, tradicionalmente baseada na pecuária e na agricultura de várzea. Caracteriza-se, sob o ponto de vista físico, pela existência da floresta úmida amazônica e por uma complexa disposição de numerosas ilhas e lagoas que acompanham a calha do rio Amazonas.

O povoamento da mesorregião iniciou-se a partir do século XVII, quando inúmeras incursões à procura de riquezas minerais e especiarias sertanejas deram origem a pequenas aglomerações ao longo do rio Amazonas. Algumas delas tinham objetivos mais explícitos como o de defesa do território, origem da cidade de Óbidos, ou da prática de catequese, empreendida por missões religiosas, ponto inicial das cidades de Alenquer, Monte Alegre e Santarém.

As dificuldades de transporte e abastecimento, as grandes distâncias a vencer e a insalubridade, entre outros fatores, fizeram com que seu desenvolvimento fosse muito lento, apesar de alguns fluxos migratórios, entre eles os de japoneses, que se fixaram em Monte Alegre, de milhares de nordestinos, e as tentativas de colonização organizada por volta da década de 40, terem procurado dar novo impulso à região.

A partir da década de 70, sob a filosofia do II PND - Plano Nacional de Desenvolvimento e do Plano de Integração Nacional, os projetos governamentais e a ação da iniciativa privada, ao lado do surto de construções rodoviárias que atingiu a mesorregião, através da BR-163, abriram novas perspectivas para a mesorregião do Baixo Amazonas que foi ainda contemplada com a construção da Hidrelétrica Curuá-Una, projetada para atender à demanda de energia da parte sul de seu território, correspondente à margem direita do rio Amazonas.

Todavia, apesar das diversas modificações que vêm ocorrendo no espaço mesorregional, a atividade agrícola possui a liderança na estrutura econômica da região, voltada para lavouras alimentícias e tipicamente amazônicas, representando em média 70% da produção total, onde predomina, em larga margem, a cultura da mandioca, seguida dos cultivos de frutas de mesa, milho, arroz e feijão. Entre as lavouras co-

merciais de exportação destacam-se o cacau, a pimenta do reino, a juta, o café e a malva

A atividade, porém, que acena com as maiores perspectivas futuras, vem a ser a mineração. Atualmente são extraídos caulim no vale do rio Jari e bauxita no rio Trombetas, empreendimentos altamente organizados, dispondo, inclusive, de ferrovia e centros urbanos para moradia de funcionários

A mesorregião possui, porém, outras áreas com potencial mineral, sendo que na sua parte nordeste, especialmente na serra de Ipitinga, ao longo dos limites com o Estado do Amapá, foi criada, em 1984, a Reserva Nacional do Cobre, baseada em resultados de vários projetos de prospecção que apontaram a existência de formações conhecidas como **gre-enstone belt**, originadas no período pré-cambriano e caracterizadas como depósitos de diversas reservas minerais

A pecuária bovina constitui atividade tradicional exercida em pastos naturais, nas várzeas. É considerável, no entanto, o rebanho bubalino existente na região, em virtude da sua rusticidade e capacidade de resistência, durante as cheias fluviais. A produção leiteira pode ser considerada como a terceira do Estado, abastecendo as principais cidades do Baixo Amazonas

O extrativismo vegetal ainda é exercido com certa intensidade, predominando a coleta de madeiras sobre a castanha-do-pará, a lenha e a maçaranduba. A região é, ainda, a maior produtora de sementes de cumaru, no Estado

Um capítulo à parte é representado pelo reflorestamento, utilizado como matéria prima para o fabrico de celulose. Empregam-se espécies de eucaliptos, gmelinas e pinus americanos. São plantados, ainda, com outras finalidades, espécies nativas de cedro, jacarandá, ucuuba e ipê, que representam, porém, menos de 1% do total das árvores existentes

O Baixo Amazonas possui a menor rede de estradas de rodagem de todo o Estado. Uma delas, porém, a BR-163, rodovia que, vindo do vale do rio Trombetas e passando por Alenquer e Santarém, atinge a Região Sul, é suficiente para articular a mesorregião com todo o País, não só através do seu próprio traçado como também por meio de diversas rodovias que a atravessam ou a ela se conectam. Paralela à margem esquerda do rio Amazonas, a PA-254 e seus ramais, em conjunto com a mesma BR-163, permitem a ligação entre as cidades da área, com exceção de Faro que depende, exclusivamente, do transporte fluvial. Urge, porém, que sejam asseguradas, a essas rodovias, condições de tráfego durante todo o ano, sem as quais essa articulação não poderá ser feita com regularidade, restando ao transporte fluvial, com seus problemas já

conhecidos, a tarefa de interligar a mesorregião com a Amazônia e com a capital do Estado

Bastante seletivo por suas características, o transporte aéreo liga as cidades de Belém e Manaus a Santarém e às localidades de Monte Dourado, sede do Projeto Jari, e de Porto Trombetas, no Município de Oriximiná, na área de mineração de bauxita

Santarém é o maior centro urbano do Baixo Amazonas e a segunda cidade do Estado, em população. Situada em posição privilegiada na calha do rio Amazonas, possui tradicional porto internacional e comanda uma área bem povoada em termos amazônicos e de considerável expressão agrícola

Todos os demais centros urbanos são comercializadores de seus produtos rurais, destacando-se óbidos, por suas relações internacionais diretas, na exportação de castanha-do-pará

O desenvolvimento do Projeto Jari, no Município de Almeirim, fez surgir a localidade de Monte Dourado, criada para abrigar seus funcionários e dotada de serviços básicos de boa qualidade, para atendê-los. Outras localidades surgiram em função do mesmo empreendimento, destacando-se, porém, a de Beiradão, predominantemente sobre palafitas, dotada de diversos serviços, inclusive sistemas de telefonia tipo DDD e DDI e que apesar de se situar já no estado do Amapá, às margens do rio Jari, em frente a Monte Dourado, está intimamente ligada ao Projeto Jari, abrigando numerosa população que gravita em torno da Empresa, constituindo área livre e especulativa, fora dos padrões estabelecidos para a localidade que serve como sua sede oficial

A mesorregião conta com numerosa população indígena, parte dela abrigada na Área Indígena Nhamundá-Mapuera e no Parque Indígena do Tumucumaque, um dos maiores da Amazônia

Estão previstas, ainda, a construção da Hidrelétrica da Cachoeira de Santo Antônio no rio Jari e da Hidrelétrica de Cachoeira Portela, no rio Trombetas

Estão inseridas na Mesorregião do Baixo Amazonas, as seguintes microrregiões: óbidos, Santarém e Almeirim

15 01 001 - MICRORREGIÃO DE ÓBIDOS

A extração da bauxita e sua exportação para além mar, corresponde à atividade mais valorizada da microrregião de óbidos, dispondo de porto próprio para embarque do minério no rio Trombetas, na localidade de Porto Trombetas, si-

tuada no município de Oriximiná e servida por linha aérea regular

A pecuária bovina para corte situa-se em segundo plano na estrutura econômica da microrregião, porém a produção leiteira ocupa posição de liderança na mesorregião

A atividade agrícola vem logo a seguir, liderada pelas culturas de frutas de mesa, onde se destacam a laranja e a banana, cultivando-se ainda a juta e a malva, lavouras tradicionais, além da mandioca e do milho

O extrativismo vegetal apresenta valores muito modestos, porém é bastante peculiar a coleta da castanha-do-pará, exportada internacionalmente e diretamente através do porto de Óbidos

15 01 002 - MICRORREGIÃO DE SANTARÉM

A agricultura representa a atividade mais valorizada da microrregião de Santarém, que, por si só, vem constituindo, em média, 90% do valor total da produção agrícola da mesorregião, demonstrando, por conseguinte, a superioridade dessa área no contexto agrícola, tendo a seu favor o fato de ser servida pela BR - 163 e por uma pequena rede rodoviária estadual, em parte asfaltada. Cultiva-se mandioca, cacau, pimenta-do-reino, banana, frutas cítricas, milho, café, arroz e juta, entre outros produtos de menor valor

A pecuária orientada para corte, representada não só pelo rebanho bovino, o maior da mesorregião, como também por um considerável contingente de búfalos, é uma atividade consolidada e em expansão. A microrregião destaca-se, ainda, por uma considerável produção leiteira, pelo seu rebanho avícola, o terceiro do Estado e pela sua indústria têxtil e frigorífica

A extração de madeiras ainda tem bastante expressão local, bem como a coleta de castanha-do-pará e de sementes de cumaru, bastante peculiares e essa área Santarém, tradicional cidade do Baixo Amazonas, muito se beneficiou com a chegada da BR-163, rodovia que põe em contato com cerca de 70% do País. Possui amplo espectro de serviços, inclusive autolocadoras e agências turísticas

15 01 003 - MICRORREGIÃO DE ALMEIRIM

Na microrregião de Almeirim, são desenvolvidas várias atividades, entre as quais se destacam aquelas exercidas no âmbito do Projeto Jari, como a mineração de caulim, o reflorestamento, a pecuária bubalina para corte e a produção de celulose, considerada como de alta qualidade entre as fa-

bricadas mundialmente

A agricultura constitui atividade pouco expressiva principalmente em virtude da desativação, sob a alegação de fortes prejuízos da lavoura de arroz, uma das atividades do já citado Projeto Jari. Cultiva-se mandioca, juta, frutas de mesa e pimenta do reino, entre outros produtos

O extrativismo de madeiras ainda tem algumas expressão na microrregião, porém a pecuária é umas das mais modestas do Estado

15 02 - MESORREGIÃO DE MARAJÓ

Ao lado de um traço cultural tão valioso como a cerâmica Marajoara, campos limpos e campos inundáveis a leste, florestas super-úmida amazônica a oeste, além de "furos", "igarapés", "paranás" e diversos tipos de canais fluviais, são características inconfundíveis desta mesorregião predominantemente insular, identificada com a imensa área que corresponde à foz do rio Amazonas e onde se destaca a ilha de Marajó. Apesar de tradicional e nacionalmente conhecida como área de pecuária bovina e bubalina, o extrativismo vegetal ainda constitui atividade altamente valorizada e mais recentemente, a extração de gás natural e de petróleo mostra-se bastante promissora, na mesorregião

Sua colonização iniciou-se no século XVII, com a chegada, à parte leste da ilha marajoara, de jesuítas, capitaneados pelo padre Antonio Vieira, os quais tirando proveito das condições naturais campestres, organizaram fazendas de gado bovino, visando o abastecimento das áreas já ocupadas no continente. Com a saída dos religiosos no século XVIII, suas terras foram doadas ou vendidas a pessoas influentes, as quais construíram uma sociedade pecuarista que perdura até hoje e onde a agricultura é atividade complementar, visando o abastecimento local

A procura de especiarias e a necessidade da defesa do território à entrada do rio Amazonas, foram fatores responsáveis pelo surgimento de núcleos de população nas demais áreas da mesorregião, essencialmente florestais, insulares e dotadas de inúmeros braços, canais e "baías" fluviais. A inclusão dos municípios de Bagre e Portel nesta mesorregião, se deve principalmente a estas características fluviais, em que pese a extensão continental de sua superfície

Nestas áreas florestais, o extrativismo vegetal continua a ser, até hoje, a atividade mais valorizada, sendo exercida principalmente através da extração de madeiras, palmito, açaí e borracha entre outros produtos.

É interessante notar, porém, que apesar do vulto e do tradicionalismo da pecuária, o extrativismo vegetal vem se mantendo através dos tempos, como a atividade que apresenta o maior valor da produção, no total da mesorregião, superando o criatório bovino, mesmo se considerando em conjunto, inclusive com outros tipos de rebanho, pois a região possui uma posição de liderança no estado, entre os plantéis suínos, equinos e caprinos, além de ostentar a segunda posição no que diz respeito ao rebanho ovino. Cerca de 40% do efetivo de animais para corte, são constituídos por búfalos, animais que resistem melhor às condições adversas durante as inundações das áreas campestres na época chuvosa. A introdução dos búfalos, porém, se deveu ao acaso que eles aportaram à ilha de Marajó, salvando-se de um naufrágio.

Ainda com atividade tradicional e desenvolvida desde o século XVII, a pesca apresenta-se pouco organizada, embora sua produção se destine à capital do estado, cujo potencial consumidor é considerável.

A atuação governamental na área, foi planejada através do POLO MARAJÓ, segmento local do programa POLAMAZÔNIA, com os objetivos de sanear áreas alagadiças, construir estradas, fazer inventários florestais para melhor conhecimento de seus recursos naturais, incentivar a rizicultura, aumentar a produtividade dos rebanhos e desenvolver um projeto integrado de auxílio à pesca, implantando infraestrutura necessária para a melhoria da produção e comercialização do pescado.

A articulação entre a região, o Estado do Amapá e as demais áreas do Estado do Pará, se faz quase que exclusivamente por demoradas e perigosas viagens fluviais, em virtude da ausência de rodovias, cuja construção exigiria um alto investimento de capitais, em face das características físicas do local, com muitos obstáculos fluviais a serem transpostos, além da floresta amazônica, não só na parte oeste de Marajó como também na porção não insular correspondente a parte dos municípios de Portal e Bagre. Algumas sedes municipais na ilha de Marajó mais próximas das margens do rio Pará, Soure, Salvaterra e Cachoeira do Arari, estão ligadas entre si por rodovia estadual de expressão apenas local, a PA - 154, assim como algumas localidades próximas a elas como Cajauna, Joanes (o primeiro núcleo urbano da ilha), Camará, etc. Algumas rodovias, de caráter bem prático, estão planejadas para a mesorregião, destacando-se a PA - 159 (Chaves - Breves), a PA - 368 (Portel - Cametá) e a BR - 417 (Ponta de Pedras - Anajás - Afuá).

A ENASA - Empresa de Navegação da Amazônia SA, possui linhas regulares ligando as cidades de Gurupá, Breves e Soure à capital do estado, de onde partem também embarcações para Chaves e Afuá, entre outros municípios; a SENA -

Superintendência de Navegação do Amapá, mantém linha semanal entre Macapá, Breves e Belém. O DER - Departamento de Estrada de Rodagem do Pará, faz circular uma balsa que recebe veículos e que faz a ligação entre a localidade de Câmara, no município de Salvaterra e a localidade de Icoarací no município de Belém.

Apenas o município de Breves possui linha aérea regular que o liga a Belém e a Santarém. Existe, porém, tráfego aéreo de aviões particulares ou fretados, inclusive para turismo, atividade em organização e expansão.

Breves e Soure podem ser considerados como os dois maiores centros urbanos da mesorregião, ambos equipados com serviços básicos como energia elétrica, rede de água domiciliar, telefone local e interurbano via DDD, serviço bancário, hotelaria, etc. Breves, centro comercializador de produtos extrativos, situa-se a meio caminho da navegação para o Amapá e para o interior do Amazonas. Soure, centro exportador de carne bovina e bubalina, tem no turismo, fonte de renda em expansão, devido à sua proximidade a Belém e às suas belas paisagens naturais.

As demais cidades têm função principal de comercializar seus produtos, especialmente os extrativos, como Gurupá e Afuá ou a produção de carne bovina e bubalina, em Chaves, ao norte da ilha de Marajó.

Não há áreas ou reservas indígenas na mesorregião; a catequese iniciada por jesuítas no século XVII, acabou por incorporá-los ao modo de vida dos colonizadores. São muito importantes, porém, os traços culturais deixados pela nação indígena marajoara, principalmente através da cerâmica, e que até hoje continuam a ser revelados, por diversas descobertas arqueológicas. Outros hábitos culturais já modificados no continente, podem ser encontrados preservados na ilha de Marajó, como a dança do carimbó, de origem africana e que ainda pode ser apreciada entre as comunidades do município de Soure.

A mesorregião conta ainda com a Floresta Nacional de Caxiuna, no município de Portel, e um sem número de aves e animais em estado selvagem e que sobrevivem em virtude das dificuldades de acessibilidade a estas áreas, quase que refúgios, principalmente nos trechos insulares.

Estão inseridas na mesorregião de Marajó, as seguintes microrregiões: Portel, Furos de Breves e Arari.

15 02 004 - MICRORREGIÃO DE PORTEL

A atividade mais valorizada da microrregião de Portel é, por larga margem, o extrativismo vegetal, principalmente o de madeiras, além da coleta de palmito, borracha,

maçaranduba, açaí e castanha do pará

Apesar de exibir uma pecuária pouco expressiva, nota-se a introdução de rebanhos de búfalos em áreas não estritamente campestres, como no município de Gurupá, onde o plantel bubalino supera o bovino, considerado menos resistente às adversidades climáticas

Áreas tipicamente continentais, ao sul da microrregião, servidas pela BR - 230, estão se emancipando do território "mater", tendo se verificado em 1988 a criação do município de Pacajás que por várias características, não mais se enquadra na microrregião de Portel, tendo sido incorporado ao sudoeste Paraense. Nestas áreas em processo de emancipação é que se verifica a maior produção agrícola outrora atribuída ao município de Portel e por conseguinte, à mesorregião de Marajó

15 02 005 - MICRORREGIÃO DOS FUROS DE BREVES

Nesta microrregião, observa-se o domínio total do extrativismo vegetal sobre as outras atividades, que podem ser consideradas como inexpressivas em face do vulto da extração de madeiras, palmito, borracha, açaí e maçaranduba

O valor dos negócios gerados pelo extrativismo, especialmente o madeireiro, vem a ser de magnitude idêntica aos produzidos pela pecuária de corte das áreas campestres da ilha marajoara

A microrregião de Furos de Breves é a única que possui linha aérea regular ligando-a com a capital do estado, através da cidade de Breves

15 02 006 - MICRORREGIÃO DO ARARI

A pecuária bovina e bubalina para corte, vem a ser a atividade não só tradicional como a de maior valor da microrregião do Arari. Através dela, são abastecidos os mercados de Belém e Macapá. Existem ainda na área, rebanhos de equinos, caprinos, suínos e ovinos, todos bem posicionados quanto aos totais do estado

As outras atividades, embora complementares, possuem aspectos peculiares tais como a existência de um extrativismo vegetal de madeiras, açaí, palmito e borracha, com valores bastante expressivos para esta área e o desenvolvimento de uma agricultura que vem a ser a de maior valor da mesorregião, apesar de situada em área pecuarista, onde além de lavouras alimentares tradicionais para consumo local, destacam-se os cultivos de coco da baía e de abacaxis

A tradicional atividade pesqueira que continua com seu objetivo secular de abastecer o mercado da capital, possui potencial que poderia desenvolvê-la no sentido de uma industrialização visando outros mercados

Uma nova atividade porém está se expandindo na microrregião: o turismo, organizado por agências sediadas em Belém e que promovem pequenas e médias viagens utilizando-se dos sistemas navios - ônibus, ou avião - ônibus, nos casos mais sofisticados, todos porém com os objetivos de dar a conhecer ao visitante, o singular modo de vida dos habitantes da ilha de Marajó, suas paisagens, danças e festas, entre elas as famosas corridas de búfalos

15 03 - MESORREGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

Esta mesorregião está identificada não só com a Região Metropolitana de Belém, instituída pela Lei Complementar nº 14 de 08 de junho de 1973, como também, com áreas próximas a esta região e que apresentam atividades bastante ligadas às necessidades da Capital. Trata-se de uma área com alta densidade demográfica e de colonização bem antiga, datada do século XVII, e que foi sendo ocupada em função do crescimento da cidade de Belém, fundada em 12 de janeiro de 1615

As funções administrativas e os incentivos governamentais de várias origens, promoveram uma considerável expansão da atividade industrial, atualmente bastante diversificada e que visa não só o mercado local de alimentos e de bens de consumo, como também a exportação para o território nacional e o de além mar, tornando-se, portanto, a atividade mais valorizada da região

Apesar de parte de seu território possuir solos concrecionários lateríticos ou lateritas hidromórficas, praticamente sem qualquer aptidão agrícola, em outras áreas dotadas de latossolo amarelo, existem lavouras nitidamente orientadas para o abastecimento da mesorregião como a mandioca, frutas de mesa, arroz e feijão, observando-se, porém, algumas culturas comerciais de exportação, como as de pimenta do reino, cacau, malva e dendê e que representam, em média, cerca de 30% da produção total desta área

Como em todo ambiente amazônico típico, ainda subsiste o extrativismo vegetal, onde se destaca a extração de madeiras e do açaí.

Todas as suas sedes municipais são servidas por rodovias asfaltadas, entre as principais a BR-316 e a PA-140, havendo, ainda, serviços de ônibus intermunicipais dotados de várias viagens diárias, ligando-as com a capital do estado

Na cidade de Belém, concentram-se as atividades administrativas, industriais e serviços da região e sua influência se faz sentir em todo o estado, apesar da rede rodoviária atual permitir que grande parte do território paraense se relacione com diversas regiões do país sem a antiga dependência da Capital e do transporte flúvio-marítimo. É porém uma cidade cosmopolita, ligando-se com o mundo através do seu porto e do seu aeroporto

Castanhal, caracterizada como centro sub-regional subordinada a Belém, é a segunda mais importante cidade da mesorregião

Estão inseridas na Mesorregião Metropolitana de Belém as seguintes microrregiões: Belém e Castanhal

15 03 007 - MICRORREGIÃO DE BELÉM

Compreende a Região Metropolitana de Belém e o município de Barcarena. As atividades urbanas caracterizam o espaço microrregional e a indústria é a atividade mais representativa, embora observem-se atividades agrícolas típicas do entorno de área de concentração urbana como a horticultura e a fruticultura, para o abastecimento da capital do estado

Já em Barcarena, planeja-se a construção de um novo porto com maior capacidade para atender à imensa área de influência da capital do estado. Este município desponta como importante área industrial onde, além da produção de alumínio, acha-se em fase final de implantação, a indústria de alumina que utilizará como matéria-prima, parte da bauxita proveniente do baixo Amazonas. Ambos os empreendimentos empregam mão-de-obra em sua maior parte residente em Belém e que se utiliza do transporte fluvial, por meio de lanchas, em seus deslocamentos pendulares diários através do rio Pará

São ainda peculiares à microrregião, o plantio, o beneficiamento e a exportação do óleo de dendê, o plantio de seringueiras e a extração do açaí

15 03 008 - MICRORREGIÃO DE CASTANHAL

A microrregião de Castanhal caracteriza-se por uma agricultura diversificada onde são observadas não só culturas alimentares destinadas ao abastecimento de Belém, entre elas a mandioca, o arroz, o feijão e as frutas de mesa com destaque para o cultivo do mamão, como também culturas comerciais de exportação como a pimenta do reino, o cacau, a malva, etc

Ainda como reflexo da demanda requerida pela capital paraense, nota-se tanto o desenvolvimento da avicultura como da atividade industrial, esta última representada, principalmente, pelos gêneros têxteis e de produtos alimentares. Por seu turno, o município de Santa Isabel do Pará se apresenta como o maior produtor de ovos de galinha e como detentor do maior rebanho avícola do estado

A pecuária bovina constitui atividade complementar, onde alguns municípios apresentam uma produção leiteira acima da média normal existente em outras áreas paraenses

Castanhal é o principal centro urbano da microrregião, face à sua posição em relação ao eixo rodoviário representado pela BR-316, centralizador de passageiros e mercadorias das regiões circunvizinhas que aí fazem suas baldeações para os mais diversos pontos do país

15 04 - MESORREGIÃO DO NORDESTE PARAENSE

A pioneira e tradicional atividade da Mesorregião do Nordeste Paraense, a agricultura, continua a ser, nos dias de hoje, a sua maior força econômica, a despeito de três séculos de colonização com sistemas de cultivo arcaicos e predatórios e que resultaram no empobrecimento de seus solos, predominantemente do tipo latossolo amarelo, cuja aptidão é apenas regular para qualquer tipo de cultura

Sua ocupação iniciou-se a partir do século XVII, em áreas hoje identificadas com a Mesorregião Metropolitana de Belém, estendendo-se em todas as direções, dadas as necessidades de abastecimento da capital paraense. O estabelecimento de praças militares para a defesa do território (Vigia, Ourém, Vizeu) e a interiorização de missões religiosas (Bragança, Cametá), foram responsáveis pelo aparecimento de vários centros urbanos existentes até os dias de hoje

O objetivo de colonizar para fins agrícolas, porém, sempre foi o mais forte fator de ocupação da mesorregião e entre os acontecimentos mais marcantes, destacam-se a imigração de nordestinos e espanhóis para a Zona Bragantina,

de japoneses para o vale dos rios Acará, Acará-Mirim e para a colônia de Guamá e os sírios e libaneses que se interiorizaram, estes, porém ocupando-se nas mais diversas atividades ligadas ao comércio, inclusive de produtos agrícolas

Atualmente, a orientação da agricultura modificou-se sensivelmente em relação a épocas passadas. Culturas de exportação representadas principalmente pela pimenta-do-reino, malva, cacau e algodão, representam, em média, cerca de 65% da produção agrícola. Na produção de alimentos, além da tradicional cultura da mandioca, o cultivo de frutas de mesa, assume notável posição à frente de não menos tradicionais culturas de arroz, feijão e milho. Cultiva-se, principalmente, mamão, banana, laranja, abacate e coco da bahia

O extrativismo vegetal, embora apresentando valores bem menores do que os apresentados pela área agrícola, situa-se como a segunda força atida da região e é exercida principalmente em sua parte oeste, no baixo vale do rio Tocantins, onde a chegada da rodovia se fez mais recentemente, apesar do secular transporte fluvial vincular essa área à capital do estado. Coleta-se madeira, açaí, lenha, castanha-do-pará, borracha e palmito

A pecuária, apesar de modesta entre as atividades da mesorregião, apresenta não só valores bem superiores aos observados em outras áreas do estado, como também indícios de expansão

São observadas, ainda, jazidas de calcário, argila, caulim, pirofilita e ferro, algumas em exploração, embora sem grandes investimentos e destinadas a mercados locais

O Nordeste Paraense possui a melhor rede rodoviária do estado. Cerca de 90% de suas sedes municipais estão interligadas por rodovias asfaltadas e os restantes 10% correspondem não só ao extremo oeste de seu território, separado da parte principal pelo obstáculo natural que vem a ser o rio Tocantins e que só é vencido à altura de Tucuruí, já na Mesorregião Sudeste do Pará, como também ao centro-sul e sudoeste da região, correspondente aos altos cursos dos rios Capim, Mojú, Açuacú e Carari, áreas caracterizadas por baixa densidade demográfica. Ainda assim, esses locais se articulam diretamente com a área de Carajás, através das rodovias PA-150 e PA-156, deixando-se entrever uma possível e relativa independência em relação às áreas mais desenvolvidas da mesorregião. Sua estrutura de produção, porém, é bem diferente da do Sudeste Paraense, onde situa-se a região de Carajás que, aliás, está a considerável distância desses locais menos povoados, apesar das ligações rodoviárias acima referidas

Na parte do território cuja rede rodoviária é densa e de boa qualidade, observa-se intensa articulação não só entre as sedes municipais como também com a área metropoli-

tana de Belém e com o estado do Maranhão e através desse, com o restante do país Destacam-se entre outras, as rodovias PA-242, uma típica transversal auxiliar da Bragantina, que já é percorrida pela BR-316 (Pará-Alagoas), a BR-010, a verdadeira Belém-Brasília e a PA-124, que, vinda do litoral, percorre a região no sentido norte-sul A proximidade da cidade de Belém e a natureza de sua rede rodoviária faz com que a parte mais desenvolvida da mesorregião não seja servida por linhas aéreas regulares Existem, porém, alguns campos de pouso utilizados pela aviação particular ou fretada, como nas cidades de Vizeu, Bragança, Oeiras do Pará, Salinópolis, etc

Através da via fluvial, a mesorregião articula-se com a Capital do estado, com a ilha de Marajó, com o Estado do Amapá e com toda a vasta região percorrida pelo rio Amazonas e seus afluentes

A comercialização de produtos agrícolas ou extrativos é responsável pela existência de numerosos centros urbanos como Abaetetuba, Igarapé-Miri, São Domingos do Capim, Acará, Tomé-Açu, Irituia, Capitão Poço e São Miguel do Guamá, entre outros, onde a pimenta-do-reino é o principal produto cultivado e exportado Cametá, Limoeiro do Ajuru e Mocajuba, são centros comercializadores de produtos extrativos onde se destacam as madeiras nobres e o açaí Destacam-se, ainda, cidades situadas em importantes entroncamentos rodoviários como Santa Maria do Pará, Capanema e Igarapé-Açu, além da cidade praiana de Salinópolis, para onde se dirige boa parte da classe média de Belém, durante seus períodos de férias

Bragança constitui-se na maior e mais tradicional cidade da mesorregião Apesar de não estar situada em nenhum dos principais eixos rodoviários, as rodovias PA-242 e PA-112 garantem sua ligação com os mesmos, facilitando o escoamento da diversificada produção agrícola do município.

Um dos reflexos que dá a medida da importância da atividade agrícola na mesorregião, e transparece com nitidez nas áreas onde ela se mostra com maiores valores é a transformação de estruturas sociais tradicionais, com rebatimento na forma de gestão do território Um exemplo dessas transformações foi a criação, no ano de 1988 de quatro novos municípios, a saber, Tailândia, Concórdia, Mãe do Rio de e Garrafão do Norte Entretanto, predominam ainda na mesorregião estruturas sociais tradicionais, especialmente em locais de baixa densidade demográfica Nesse caso encontra-se a maioria dos antigos contingentes indígenas aculturados em virtude da colonização que a região vem experimentando desde épocas remotas, em locais ainda pouco povoados, e em algumas áreas destinadas a sua proteção Destaca-se nesse conjunto de áreas com predomínio de estruturas tradicionais, a Reserva Indígena Alto do Rio Guamá, de considerável extensão, chegando a limitar-se com o estado do Maranhão

Estão inseridas na Mesorregião do Nordeste Paraense, as seguintes microrregiões: Salgado, Bragantina, Cametá, Tomé-Açu e Guamá

15 04 009 - MICRORREGIÃO DO SALGADO

A produção agrícola vem a ser a principal atividade da microrregião do Salgado, constituindo-se, porém, do ponto de vista econômico, na mais modesta combinação de culturas da mesorregião. Destacam-se os cultivos da pimenta-do-reino, mandioca, frutas de mesa, arroz, milho e feijão. Sendo, todavia, uma microrregião essencialmente litorânea, onde 65% de suas sedes situam-se literalmente à beira-mar, conta com um movimento turístico voltado para o lazer praiano, especialmente no município de Salinópolis. Sua posição geográfica, entre o rio Pará, baía de Marajó e o Oceano Atlântico, é reconhecidamente estratégica para a navegação e se reflete na existência de diversos faróis de apoio ao tráfego marítimo.

15 04 010 - MICRORREGIÃO BRAGANTINA

Embora com graves problemas de esgotamento de solos em virtude de longa exploração da terra, a agricultura ainda representa a mais valorizada atividade da Microrregião Bragantina, considerada como a segunda área agrícola do Nordeste do Pará. Apresenta uma considerável combinação de culturas com mais de dez cultivos expressivos, onde assumem importância a pimenta do reino, a mandioca e as frutas de mesa, com destaque para o mamão, além do feijão, arroz, milho e algodão.

A pecuária e o extrativismo vegetal são atividades complementares, porém a coleta de fibras de buriti e de castanha de caju, embora bem modesta, é bastante peculiar a essa área.

A microrregião conta, ainda, com grandes reservas de calcário.

15 04 011 - MICRORREGIÃO DE CAMETÁ

O extrativismo vegetal traduz-se na mais importante atividade da microrregião de Cametá, e a coleta do açaí representa, em média, 60% da produção extrativa. Destacam-se, ainda, outros produtos como as madeiras nobres, lenha, palmito, borracha, castanha do Pará, andiroba, maçaranduba e ucuuba.

A atividade agrícola, porém, não pode ser considerada como complementar, uma vez que seu valor de produção vem se situando, através dos anos, em níveis bem próximos aos do extrativismo vegetal, faltando, talvez, facilidades de transporte para a sua expansão. Cultiva-se, principalmente, produtos comerciais como a pimenta-do-reino e o cacau, além da mandioca, arroz, feijão e frutas de mesa, com destaque para a produção de banana.

15 04 012 - MICRORREGIÃO DE TOME-AÇU

A agricultura comercial lidera uma combinação de cultivos a qual vem a ser o aspecto mais importante na estrutura da produção da microrregião de Tomé-Açu. Tradicionalmente exportadora de pimenta-do-reino, ainda mantém em grau elevado essa atividade, embora não mais em posição de liderança na mesorregião, em que pesem seus valores de produção bastante expressivos. Seguem-se os cultivos de mandioca, cacau, frutas de mesa, arroz e milho, entre os de maior destaque.

Extensas áreas de seu território ainda pouco ocupadas, são responsáveis pela liderança da extração de madeiras, na região. Coleta-se, ainda, castanha-do-pará, além de diversos produtos extrativos de menor valor, entre eles o urucu e a balata.

A microrregião conta ainda com o segundo rebanho bovino do Nordeste do Pará.

15 04 013 - MICRORREGIÃO DO GUAMA

O espaço geográfico correspondente à microrregião do Guamá e que se situa em torno dos dois principais eixos rodoviários da Região, as BR-010 e BR-316, encerra excelentes facilidades de transporte, refletindo-se numa intensa atividade agrícola, caracterizada não só pelo maior valor de produção como também pelo maior número de cultivos expressivos da mesorregião.

Em razão desses fatos, a microrregião assume posição de liderança, no Nordeste do Pará, no que diz respeito às culturas de pimenta-do-reino, mandioca, malva, milho, feijão, algodão, cana-de-açúcar e frutas de mesa, com destaque para a produção de banana, laranja e abacate.

As demais atividades, embora complementares, apresentam níveis de produção bastante expressivos.

A pecuária bovina, orientada para corte e que ocupa também posição de liderança na mesorregião, apresenta ainda uma produção leiteira considerada como a terceira no estado e o rebanho avícola vem se mantendo na posição de vice-liderança, no território paraense, evidenciando o fato de que a microrregião do Guamá é a que apresenta o maior desenvolvimento do Nordeste do Pará, ajudada pela extração de madeiras e pela coleta do açaí, entre outros produtos extrativos de menor valor

São observadas, ainda em seu território, reservas de argila, caulim, ferro e pirofilita

15 05 - MESORREGIÃO DO SUDOESTE PARAENSE

Apesar de ser considerada como a mais amazônica de todas as mesorregiões paraenses, onde o extrativismo mineral e vegetal, se considerados em conjunto, ainda superam em valor de produção a atividade agrícola, o Sudoeste Paraense identifica-se como uma parcela da ampla área de fronteira de recursos, que vem se expandindo desde a década de 70, na região amazônica, sob supervisão governamental, apoiada pela complementação e abertura de estradas, com o assentamento de famílias de migrantes através da distribuição de terras e com a inversão de capitais nas mais diversas atividades

A procura do ouro, das especiarias do sertão e a penetração de ordens religiosas, origem aliás, da cidade de Altamira, foram os principais fatores de ocupação da mesorregião que se caracteriza ainda por uma imensa superfície, recoberta pela floresta úmida amazônica de terra firme e envolvida pelas bacias dos médios baixos cursos dos rios Tapajós e Xingú

A partir do início dos anos 70, uma considerável intervenção federal se faz sentir nesta área quando, a partir da construção das rodovias BR-230 (Transamazônica) e BR-163 (trecho conhecido como Cuiabá-Santarém) ambas inseridas no Plano de Integração Nacional, promoveu-se, sob tutela do INCRA, uma colonização planejada, doando-se terras à migrantes, principalmente nordestinos, aproveitando-se, inclusive, para povoar áreas amazônicas, a partir de excedentes populacionais originados nas grandes secas nordestinas

Mais tarde, já na metade da década e sob a coordenação da SUDAM, foram instituídos os programas Polo Tapajós e Polo Altamira, segmentos locais do Programa POLAMAZÔNIA, com uma série de procedimentos, visando o farto emprego de capitais, inclusive particulares, em projetos agro-pecuários

e industriais, em produção de energia, no desenvolvimento da navegação fluvial e no apoio aos programas de colonização do INCRA

Apesar dos diversos contratempos de origem técnica e social, observados nas agrovilas estruturadas ao longo da BR-230 e resultantes de uma intensa reestruturação do espaço mesorregional, a atividade agrícola vem se firmando no Sudoeste Paraense, em virtude, inclusive, da existência de diversas áreas com solos de boa fertilidade. Cultivam-se cacau, arroz, pimenta-do-reino, mandioca, milho e frutas diversas

A mesorregião conta ainda com a extração de madeiras, lenha, borracha, castanha do pará, açaí, ouro, calcário, cassiterita, etc. O efetivo de bovinos, porém, é um dos menores do estado

Altamira e Itaituba são os dois maiores centros urbanos da região, refletindo o avanço da fronteira agrícola, responsável por expressivo adensamento populacional que deu origem à criação de quatro novos municípios, no decorrer do ano de 1988

Altamira situa-se numa posição estratégica que a coloca em contato com as áreas mais desenvolvidas do estado. É importante o fluxo populacional e de mercadorias que demandam, não só, ao oeste do estado, como para o baixo vale amazônico. Itaituba, devido à sua localização mais no interior, se ressentindo de problemas causados pelas distâncias maiores e pelas condições de tráfego das estradas. O asfaltamento da BR-163 ou pelo menos a garantia do fluxo de veículos durante o ano todo, proporcionará a Itaituba, tanto a ligação direta com o Centro Oeste do país, como o também com o Estado do Amazonas, graças à proximidade do eixo rodoviário (BR-230) que demanda para oeste mas que depende de rigorosa manutenção em face do clima úmido da região

É portanto evidente a importância das já citadas rodovias BRs-163 e 230, que em conjunto com a PA-370, são as responsáveis pela articulação da mesorregião com outros estados brasileiros, com o sudeste, leste e nordeste do estado e com o baixo Amazonas

Diversos pontos do território nacional estão ligados à cidade de Altamira, por rotas aéreas de caráter nacional. Linhas aéreas regionais, operadas por aparelhos de menor capacidade, atingem a cidade de Itaituba e a localidade de Jacareacanga, neste mesmo município. A navegação fluvial, quer através do rio Xingú, a jusante do porto de Vitória, no município de Altamira, quer com o rio Tapajós, à jusante de Itaituba, permite tráfego fluvial em direção ao rio Amazonas, aumentando as possibilidades de articulação da mesorregião

Fazem parte do território do Sudoeste do Pará, o Parque Nacional da Amazônia, a Reserva Florestal de Mundurucânia, a Floresta Nacional do Tapajós, diversas áreas e reservas indígenas e a área militar da serra do Cachimbo.

Torna-se interessante lembrar ainda, que a grande maioria das atividades da região, está concentrada na sua parte norte, principalmente ao longo dos traçados rodoviários, restando portanto extensas superfícies com ocupação muito rarefeita ou mesmo inexploradas

Estão inseridas na mesorregião do Sudoeste do Pará, as seguintes microrregiões: Itaituba e Altamira

15 05 014 - MICRORREGIÃO DE ITAITUBA

O extrativismo vegetal e mineral ainda mantém uma posição de liderança no quadro de atividades da microrregião, de onde são extraídas madeiras, lenha, castanha do Pará, açaí, borracha, ouro, calcário e cassiterita, entre outros produtos

A irregularidade das condições de tráfego rodoviário, apesar do caráter estratégico das estradas e as grandes distâncias dos centros consumidores, entre outros problemas, podem estar limitando o desenvolvimento agrícola da área, apesar do planejamento oficial. Ainda assim, cultivam-se arroz, mandioca, pimenta do reino, cacau e milho

A microrregião conta ainda com reservas de sal-gema e com uma pecuária para corte de proporções modestas em relação às demais atividades

15 05 015 - MICRORREGIÃO DE ALTAMIRA

Beneficiada por uma melhor infraestrutura em transportes nas áreas de produção e pela maior proximidade dos centros consumidores, a microrregião de Altamira tem na agricultura sua atividade mais valorizada, seguida de perto pela pecuária bovina predominantemente para corte, mas com uma parcela orientada para a produção de leite, de certo modo relevante para a área em que é exercida. Cultivam-se cacau, pimenta do reino, frutas diversas, mandioca, arroz e milho, entre outros produtos de menor valor

A extração mineral e a vegetal, se consideradas em conjunto, ainda são revestidas de certa importância como atividades complementares e longe de serem extintas em face da existência de áreas escassamente povoadas e sem qualquer via de transporte de razoável qualidade, que possa garantir

investimentos em outras atividades. Para a região, estão planejadas duas usinas hidro-elétricas mas que já estão causando polêmica em virtude de suas implicações com o meio-ambiente.

A microrregião conta ainda com um rebanho avícola e com uma produção de ovos de galinha, bastante significativa no contexto de suas atividades.

15 06 - MESORREGIÃO DO SUDESTE PARAENSE

Embora sua ocupação tenha se iniciado efetivamente no século XVIII, através da garimpagem e da pecuária extensiva, somente na segunda década do século XX é que se observa, na mesorregião do Sudeste Paraense, um contingente populacional pequeno mas estável, originado na coleta da castanha-do-pará, e que fez de Marabá, a mais importante cidade desta época, na região, posição que, aliás, ocupa até hoje. A chegada, porém, de maciços investimentos, que começaram a penetrar em seu território, identificado com parte do leste e especialmente com o sudeste do estado, através das rodovias BR-010/153, conhecidas como "Belém - Brasília", transformou a mesorregião numa das áreas de maior dinamismo da Amazônia, não só do ponto de vista da variedade de atividades, como também das tensões e problemas originados com a chegada dos grandes capitais.

De fato, a partir do final da década de 50, ao ser reconhecida como fronteira de recursos, a mesorregião vem experimentando uma intensa revitalização, apoiada pela implantação de infraestrutura (energia, ferrovia e rodovias) e por diversos programas governamentais entre os quais se destacam a política de incentivos fiscais coordenada pela SUDAM e os financiamentos especiais obtidos através do PROTERRA e do POLAMAZÔNIA. A elaboração do Programa Grande Carajás, representa o ponto alto desses regimes especiais de incentivos tributários e financeiros, extrapolando sua atuação e influência física para fora dos limites da mesorregião e economicamente, complementando elos com regiões de além-mar. O atual Projeto Ferro Carajás da Cia Vale do Rio Doce, delineado ainda na década de 70 e baseado na existência de determinados terrenos do período Pré-Cambriano, reconhecidos como portadores de notável potencial mineral, representado por jazidas de ferro, ouro, manganês, níquel, cobre, bauxita e cassiterita, entre outros minerais, se constitui no principal empreendimento deste Programa, que ainda compreende outros projetos de agricultura, pecuária, pesca, agro-indústria, reflorestamento, beneficiamento de madeiras, indústria siderúrgica, aproveitamento de fonte energética, etc.

Facil de se imaginar o impacto de todos estes acontecimentos se desenrolando em uma área dominada pela floresta úmida Amazônica de terra firme e que se sustentava até então, pelo extrativismo vegetal, pela pecuária extensiva às margens do rio Araguaia, por uma modesta agricultura de alimentos e por diversos garimpos de ouro, espalhados em sua imensa superfície: graves tensões entre os habitantes pioneiros e os que chegam em ciclos sucessivos conforme o avanço da fronteira, cada um com problemas característicos, entre eles, as modificações nas relações de produção, as questões fundiárias e ambientais, o estabelecimento de novas tecnologias, a disponibilidade de numerosa mão-de-obra após a implantação dos grandes projetos e o êxodo rural estimulado por novas atividades assalariadas

É interessante notar, porém, que embora com todos esses problemas resultantes das rápidas transformações, nem sempre bem planejadas ou efetivadas sem que se conheça bem o local onde estarão atuando, a região apresenta uma crescente diversificação de atividades e uma posição geográfica privilegiada que lhe facilita suas comunicações com todo o país, baseadas numa rede de rodovias que constituem estratégicos eixos de circulação de que dispõe a mesorregião para a sua vida de relações: a PA-150, no sentido norte/sul a principal via de transporte, pois interliga direta ou indiretamente todas as suas sedes municipais, com exceção do município de Paragominas, às margens da BR-010; a BR-158, continuação da PA-150 e que penetra no estado de Mato Grosso; a BR-230, Transamazônica, que interliga a mesorregião com o Nordeste, com o estado do Tocantins e com o restante da Amazônia; a PA-279, que liga os vales dos rios Xingu e Araguaia; a PA-275, que serve à área de Serra Pelada e às minas de Carajás e a BR-222, que faz a conexão entre a Belém-Brasília e o vale do Tocantins

O Sudeste Paraense conta ainda com a E F Carajás, com bitola de 1,60m, construída sob excepcionais condições técnicas e portadora de grande capacidade de transporte de cargas e passageiros, além do transporte de minério de ferro. Sua ligação com os portos de Ponta da Madeira e de Itaqui em São Luís (MA), proporciona perspectivas ilimitadas para o desenvolvimento da mesorregião. Linhas aéreas nacionais e regionais partem para todos os pontos do país, servindo inclusive a várias sedes municipais e outras localidades como Serra Pelada e o núcleo habitacional de Carajás

Marabá constitui-se no maior centro urbano da região, o mais bem equipado, além de funcionar como entroncamento rododiferroviário. Sua influência se faz sentir em toda a mesorregião, estendendo-se, já, às áreas vizinhas dos estados do Maranhão, Piauí e Tocantins. Paragominas foi a primeira cidade, das que foram fundadas no decorrer do avanço da fronteira de recursos, que se desenvolveu rapidamente e

devido à sua posição geográfica, no extremo nordeste e nos limites da mesorregião, se relaciona também e diretamente com outras áreas do estado do Pará e do Maranhão, alcançando uma certa independência em relação à subordinação que os demais centros urbanos têm à estrutura organizacional do Sudeste Paraense. Essa estrutura urbana, aliás, tem-se mostrado com uma considerável vitalidade e um dos sintomas desse dinamismo, é o fato de que em sua superfície, estão situados 50% dos novos municípios criados em 1988, em todo o estado. Torna-se necessário levar-se em consideração, porém, que apesar de toda essa vitalidade proporcionada por maciços investimentos, uma das importantes atividades da mesorregião, a agricultura, necessita se valer de manejos criteriosos de solo, uma vez que, exceto em determinadas áreas do município de São Félix do Xingu, dotadas de terra-roxa, com fertilidade natural, predominam solos podzólicos vermelho-amarelos, latossolos amarelos e solos litólicos, caracterizados por uma baixa produtividade.

Numerosa população indígena vive no Sudeste Paraense e várias são as áreas e reservas a ela destinadas. Destaca-se como uma das maiores da Região Amazônica, a Área Indígena Caiapó.

Estão inseridas na mesorregião do Sudeste Paraense, as seguintes microrregiões: Tucuruí, Paragominas, São Félix do Xingu, Parauapebas, Marabá, Redenção e Conceição do Araguaia.

15 06 016 - MICRORREGIÃO DE TUCURUÍ

A estrutura da produção da microrregião de Tucuruí, ainda relembra o modelo pioneiro amazônico, já que o extrativismo vegetal constitui uma atividade bastante valorizada, especialmente a extração de madeiras, além da castanha-do-pará e do açaí. A agricultura constitui atividade de menor valor de produção; cultiva-se mandioca, arroz e banana.

A cidade de Tucuruí possui uma série de equipamentos urbanos em função da usina hidrelétrica e a produção de energia é distribuída não só para o estado do Pará, bem como para os estados do Maranhão e do Tocantins.

15 06 017 - MICRORREGIÃO DE PARAGOMINAS

A microrregião de Paragominas caracteriza-se não só pela pecuária bovina para corte como ainda pode ser considerada a principal área produtora de leite no estado. A extração de madeiras também constitui uma atividade altamente valorizada e a agricultura comercial, embora apresentando

valores de produção mais baixos, revela-se numa força econômica semelhante ou mesmo superior à de outras áreas paraenses. Cultiva-se a mandioca, o arroz, o milho e a cana-de-açúcar, esta última, como matéria prima para a produção de álcool.

A microrregião possui, também, grandes reservas de bauxita, ainda inexploradas. Visando seu futuro transporte, já se cogita da construção de um ramal ferroviário da E F Carajás.

15 06 018 - MICRORREGIÃO DE SÃO FÉLIX DO XINGU

Orientada para a implantação de projetos agropecuários de caráter empresarial, a microrregião de São Félix do Xingu, tem na pecuária para corte, em expansão, ao lado das culturas de milho, mandioca, arroz, feijão, banana e abacaxi, as principais atividades econômicas.

Apesar de considerar-se o extrativismo como atividade complementar, a coleta vegetal é exercida com certa importância, inclusive sob a forma de projetos e a garimpagem ainda é prática generalizada na região. São extraídas madeiras nobres, entre elas o mogno, além da borracha, castanha-do-pará e, mais recentemente, o jaborandi.

O município de São Félix do Xingu, se constitui num destacado contribuinte do IUM (Imposto Único sobre Minerais) e o município de Tucumã recém emancipado (1988), se formou a partir de antiga sede de empresa agropecuária, já dotada de aeroporto e serviços bancários.

A rodovia PA-279, é fator primordial para a integração desta área à mesorregião do Sudeste Paraense.

15 06 019 - MICRORREGIÃO DE PARAUAPEBAS

A microrregião de Parauapebas abriga em seu interior, o complexo industrial da Cia Vale do Rio Doce e as grandes áreas de garimpagem, entre elas, as de Serra Pelada e Serra da Cotia. A atividade mineradora vem a ser, portanto, a mais valorizada da área.

As atividades terciárias, porém, constituem considerável ocupação alternativa para a população local, atendendo a uma intensa migração em torno das áreas de mineração, facilitada pelo transporte ferroviário que funciona mesmo durante a época de chuvas intensas.

A atividade mineradora, aliás, foi a responsável não só pelo surgimento das cidades de Parauapebas (apoio a

Carajás) e Curionópolis (apoio a Serra Pelada) como também outras localidades como Rio Verde, Eldorado e a própria Serra Pelada, servida inclusive por linha aérea regular

15 06 020 - MICRORREGIÃO DE MARABÁ

A microrregião de Marabá possui considerável plantel bovino, o que torna a pecuária para corte, sua principal atividade. A agricultura consiste numa força complementar, voltada para a produção de alimentos. Cultiva-se mandioca, arroz, feijão e milho. A castanha-do-pará, outrora o principal produto extrativo da área, vem perdendo expressão ano a ano; porém a produção de carvão vegetal para alimentar as usinas siderúrgicas em início de produção, tende a aumentar.

A implantação de um distrito industrial na cidade de Marabá, acena com a industrialização da região, aproveitando-se principalmente da existência da E F Carajás e de inúmeras rodovias que partem em várias direções.

A variedade de vias de transporte, inclusive a fluvial, e sua posição geográfica que atualmente a situa como ponto de passagem para os diversos fluxos que chegam ou demandam a todas as áreas da mesorregião, inclusive as importantes regiões minerais, e o traçado da rodovia Transamazônica (BR-230) que atravessa seu território pondo-a em contato com o vasto interior amazônico, fazem de Marabá a principal cidade da mesorregião.

15 06 021 - MICRORREGIÃO DE REDENÇÃO

Na microrregião de Redenção, a extração de madeiras é a atividade que apresenta maior valor de produção, porém a agricultura e a pecuária para corte, esta última exercida não só em grandes estabelecimentos como em numerosas pequenas propriedades, não podem ser consideradas como atividades complementares, pois estão em franca ascensão. Cultivam-se milho, arroz, mandioca, feijão, cacau e frutas.

Formada por localidades mais tarde transformadas em sedes municipais, e que surgiram na década de 70, em plena expansão da fronteira agrícola, tem sido palco, mais do que outras áreas da mesorregião, de sérios problemas de ordem fundiária e de intensa movimentação de migrantes.

15 06 022 - MICRORREGIÃO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA

A microrregião de Conceição do Araguaia está orientada para a pecuária bovina para corte, exercida em

pastos plantados e apoiada por indústrias frigoríficas locais

Áreas florestais ainda existentes no território da microrregião, respondem pela extração de madeiras, atividade em nível de considerável importância, superando economicamente a atividade agrícola, em que pese a diversificação da finalidade de seus cultivos, seja para a produção de alimentos ou de matéria prima industrial, como é o caso do plantio da cana-de-açúcar, destinada às usinas de álcool combustível

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

AMAPA

AUTOR: MIGUEL GUIMARÃES DE BULHÕES

16 - AMAPA - AP

16 01 - Norte do Amapá

16 01 001 - Oiapoque

1 Calçoene

2 Oiapoque

16 01 002 - Amapá

1 Amapá

2 Tartarugalzinho

16 02 - Sul do Amapá

16 02 003 - Macapá

1 Ferreira Gomes

2 Macapá

3 Santana

16 02 004 - Mazagão

1 Laranjal do Jari

2 Mazagão

54

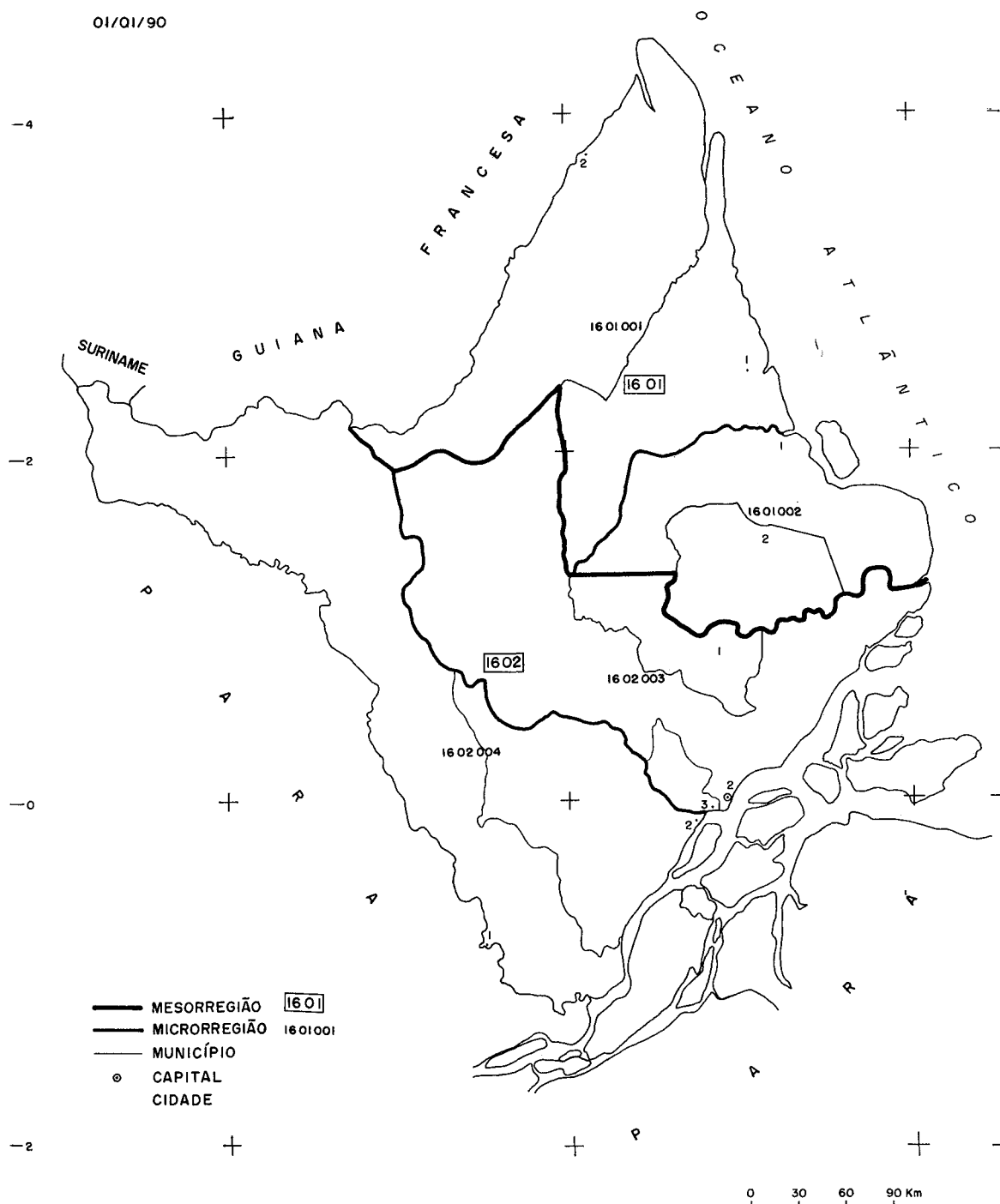
52

50

16 - ESTADO DE AMAPÁ

MESORREGIÕES E
MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
DIVISÃO MUNICIPAL

01/01/90



IBGE/DGC/DEGEO/DITER
IBGE/DGC/DEGEO/DITPE SE 2

BASE CARTOGRÁFICA CARTOGRAMA DE DIVISÃO MUNICIPAL
DO AMAPÁ EXECUTADO PELO DGC/DECAR/DIPOR SE 3

QUADRO COMPARATIVO DAS MESORREGIÕES E RESPECTIVAS MICRORREGIÕES

ESTADO DO AMAPÁ

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MESORREGIÃO AMAPÁ (09) Microrregião de Macapá Microrregião de Amapá e Oiapoque	MESORREGIÃO NORTE DO AMAPÁ (16 01) Microrregião de Oiapoque Microrregião de Amapá MESORREGIÃO SUL DO AMAPÁ (16 02) Microrregião de Macapá Microrregião de Mazagão

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

**QUADRO COMPARATIVO ENTRE A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS,
E A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS,
SEGUNDO A COMPOSIÇÃO POR MUNICÍPIOS**

ESTADO DO AMAPÁ

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MACAPÁ (027) Macapá Mazagão	MACAPÁ (16 02 003) Ferreira Gomes Macapá Santana
	MAZAGÃO (16 02 004) Laranjal do Jari Mazagão
AMAPÁ E OIAPOQUE (028) Amapá Calçoene Oiapoque	OIAPOQUE (16 01 001) Calçoene Oiapoque
	AMAPÁ (16 01 002) Amapá Tartarugalzinho

16 01 - MESORREGIÃO DO NORTE DO AMAPÁ

O isolamento em que vive a mesorregião, ditado não só pelas grandes distâncias que a separam da capital do Estado dos demais centros consumidores, como também pela insuficiência de vias de transporte terrestres e pela irregularidade da maioria das linhas de transporte marítimo, influi negativamente no desenrolar das atividades do norte do Amapá, que acaba por apresentar resultados econômicos muito modestos, agravados ainda pela presença quase impenetrável da floresta úmida amazônica de terra firme e pela existência de um litoral oceânico inóspito, lodoso e difícil de ser abordado

Com exceção de alguns núcleos de povoamento de apoio à garimpagem, à coleta vegetal e de defesa militar, estabelecidos anteriormente ao século XX, somente no início desse século, no final da questão de limites com a Guiana Francesa, é que foi fundada a Colônia Militar de Clevelândia que, embora não tenha evoluído como sede de município, foi ponto de partida para o surgimento da cidade de Oiapoque, a mais setentrional do Estado

Atualmente, a ocupação da mesorregião continua ainda bastante lenta, à espera da melhoria dos meios de transporte e à procura de mercado consumidores que justifiquem investimentos em sua extensa área, identificada com a bacia dos rios Oiapoque, Uaçá, Cassiporé, Calçoene, Amapá Grande e parte da bacia do rio Araguari

A centenária extração do ouro e a pecuária para corte constituem as atividades mais valorizadas dessa área, ao passo que a agricultura e o extrativismo são quase que insignificantes

É reconhecido, porém, o excelente potencial pesqueiro de suas costas oceânicas, especialmente no que diz respeito à captura de camarões

A mesorregião articula-se mais intensamente com a capital estadual, utilizando-se da rodovia BR-156, bastante problemática durante o período mais chuvoso, e de maneira pouco frequente, com o Estado do Pará, diretamente por via marítima. Mantém ainda relações típicas de fronteira internacional com a cidade de Saint Georges, na Guiana Francesa. A insuficiência de transporte terrestres reflete-se nas ligações aéreas regulares e frequentes entre a cidade de Oiapoque e as cidades de Belém (6 viagens semanais) e Macapá (12 viagens semanais), ainda que exercidas por aviões de pequena capacidade

Os principais centros urbanos, Amapá, Calçoene e Oiapoque, que são comercializadoras de seus produtos rurais e estão sob a influência da capital do Estado na sua vida de relações. Oiapoque mantém suas atribuições militares, sendo sede de Base Aérea e Tartarugalzinho, Município recém-eman- cipado, situa-se em meio a mais importante área pecuarista da mesorregião.

O norte do Amapá, situado na área de atuação do Projeto Calha do Norte, abriga considerável população indí- gena, vivendo livremente e no interior da Área Indígena Ua- çã. O Parque Nacional do Cabo Orange, tem como finalidade preservar as áreas de campos de várzea e floresta úmida ama- zônica também de várzea, assim como a Reserva Biológica do Lago Piratuba, cuja finalidade vem a ser a proteção das áre- as lacustres e de campos inundáveis.

Estão inseridas na mesorregião do norte do Amapá, as seguintes microrregiões: Oiapoque e Amapá.

16 01 001 - MICRORREGIÃO DE OIAPOQUE

A extração do ouro, apesar de não mais representar o que já foi em épocas passadas, ainda se constitui na ati- vidade mais valorizada da microrregião de Oiapoque.

A pecuária bovina para corte situa-se em segundo plano, na sua estrutura econômica, enquanto a agricultura, predominantemente de mandioca, e a extração de madeiras são atividades complementares e pouco importantes em meio a uma área escassamente povoada.

A Base Aérea Militar, os diversos postos indígenas da FUNAI e uma extensa fronteira com a Guiana Francesa são aspectos peculiares a essa microrregião.

16 01 002 - MICRORREGIÃO DE AMAPÁ

A pecuária orientada para corte, exercida espe- cialmente nas áreas não florestais, representa a principal atividade da microrregião do Amapá. Seu rebanho bovino é o maior do Estado sendo também expressivo o efetivo de búfa- los, animais mais resistentes às inundações. A lavoura e o extrativismo vegetal são atividades complementares. Culti- va-se mandioca e banana e coleta-se madeira e lenha.

Nessa microrregião, crescem em extensão as áreas campestres inundáveis e as superfícies recobertas por cerra- dos, reduzindo-se para cerca de 50% a parte de seu territó- rio onde viceja a floresta úmida amazônica de terra firme.

16 02 - MESORREGIÃO DO SUL DO AMAPÁ

A exploração do manganês, a partir do final da década de 50, deu início à revitalização da economia da mesorregião do sul do Amapá, constituindo ponto de partida para o estabelecimento de novas atividades, enriquecendo o seu relacionamento dentro e fora do Estado e consolidando sua área de influência, pela multiplicidade de seus serviços, que passaram a ser exigidos pela população que direta ou indiretamente gravita em torno da extração mineral

Identificada no território situado entre os rios Araguari e Jari, e recoberta em sua maior parte pela floresta úmida amazônica de terra firme, e por consideráveis áreas de cerrados e campos de várzea, teve sua ocupação iniciada a partir do final do século XVII, quando foram expulsos os últimos remanescentes estrangeiros que aí haviam se estabelecido, fundando-se povoados e sedes de destacamentos militares, para defesa contra as invasões

Apesar de o governo colonial ter estimulado a colonização para acelerar o povoamento da área, além da relativa movimentação à época áurea da borracha, da fundação de algumas colônias agrícolas e da organização administrativa da região com a criação do Território Federal do Amapá, em 1942, diversos fatores, entre eles, a ausência de um mercado consumidor e o isolamento geográfico fizeram com que somente um forte estímulo externo, como a extração do manganês, tenha movimentado e transformado a economia local, que passou a ser palco inclusive de atuação governamental, a partir da década de 70, quando a mesorregião foi incluída no Programa Polamazônia (Pólo Amapá) e na área de atuação do GEBAM - Grupo Executivo para a Região do Baixo Amazonas

Sem sombra de dúvida, a mineração vem a ser a atividade mais importante não só da mesorregião como de todo o Estado. E suas probabilidades de expansão afiguram-se ilimitadas uma vez que pesquisas efetuadas na região, reconhecem a existência de formações tipo **greestone belt**, originadas no período pré-cambriano e caracterizadas como portadoras de diversas jazidas minerais. A Reserva Nacional do Cobre, criada em 1984, atinge a consideráveis áreas a oeste e a sudoeste da mesorregião

O extrativismo vegetal situa-se em segundo plano na estrutura econômica local, beneficiado por extensas áreas florestais praticamente desocupadas. Coletam-se madeiras nobres, lenha, palmito, açaí, castanha-do-pará e borracha, entre outros produtos de menor valor

Embora haja um certo movimento, à semelhança da fronteira agrícola ao longo dos trilhos da Estrada de Ferro Amapá e de uma pequena rede rodoviária que atinge as áreas de produção, as diversas lavouras da região carecem, contudo, de maior demanda para seu pleno desenvolvimento, ainda que o porto de Santana possa ser utilizado para a exportação de culturas comerciais, fora da região. O principal produto cultivado é a mandioca, seguindo-se o arroz, frutas diversas, pimenta-do-reino, milho e feijão, todos porém apresentando fracos valores de produção. A pecuária é atividade complementar, em virtude da existência de outras áreas do Estado a ela dedicadas. Limita-se a atuar no abastecimento de Macapá.

O Sul do Amapá articula-se primordialmente com o Estado do Pará, tanto por via aérea como por via fluvial. A SENA - Superintendência de Navegação do Amapá, mantém linha regular semanal com a cidade de Belém, existindo, também, uma razoável circulação entre localidades ribeirinhas, através do canal norte do rio Amazonas e comunicações irregulares, por via fluvio-marítima, com as cidades do norte do Estado e com a Guiana Francesa.

A posição geográfica do porto de Santana abre amplas possibilidades de articulação da mesorregião não só com o vasto *hinterland* amazônico como também com o mundo exterior.

Ainda por via aérea, o Sul do Amapá mantém ligação semanal com Caiena, na Guiana Francesa, cidade que conta com um razoável contingente de brasileiros que para lá emigrou à procura de emprego e de melhores oportunidades.

A rodovia BR-156 é a principal via de transporte da mesorregião e que vindo de Oiapoque, passa próximo a Macapá e se dirige para oeste. Quando terminada, irá atingir o Estado do Pará, às margens do rio Jari. A BR-210, Perimetral Norte, parte da capital do Estado, atinge a serra do Navio e penetra cerca de 80 km adiante. As demais rodovias são estaduais, destacando-se a AP-070, que percorre parte da periferia dos campos de várzea e campos inundáveis a leste, AP-010 que margeia o canal norte do rio Amazonas desde Macapá até a localidade de Marzagão Velho e diversos ramais de importância local.

A Estrada de Ferro Amapá, via de transporte pioneira e que promoveu a penetração sertão a dentro, embora construída para escoar o minério de manganês, transporta também carga geral e passageiros, desde sua inauguração em 1957.

Macapá constitui-se no maior centro urbano da mesorregião, comandando todo o Estado, ainda que o período

chuvoso crie problemas de acessibilidade para os pontos mais extremos, ao norte Santana, município novo, criado em 1987, abriga o principal porto do Estado, por onde é exportado o manganês proveniente da serra do Navio. As demais cidades limitam-se a comercializar seus produtos rurais, destacando-se Marzagão, centro exportador de produtos extrativos.

Um capítulo à parte, porém, é a localidade de Beiradão, no Município de Laranjal do Jari, situada em frente a Monte Dourado, às margens do rio Jari, e que abriga toda uma população destinada a oferecer serviços complementares à sede do Projeto Jari, funcionando ainda como área de concentração e triagem de migrantes que lá chegam à procura de emprego naquele empreendimento e como área de lazer e de abastecimento de produtos essenciais para os garimpeiros e viajantes do Vale do rio Jari. Construída sobre palafitas, existe a segunda população do Estado e dispõe de serviços telefônicos tipo DDD e DDI.

Estão inseridas na mesorregião do Sul do Amapá as seguintes microrregiões: Macapá e Marzagão.

16 02 003 - MICRORREGIÃO DE MACAPÁ

Múltiplas atividades caracterizam a estrutura da produção da microrregião de Macapá.

A extração do manganês, porém, constitui a maior força econômica dessa área, sustentando, ainda, uma linha de serviços diversos, surgidos em decorrência dessa atividade, culminando com a construção de modernas instalações portuárias, o porto de Santana, o qual veio a se tornar o principal escoadouro dos produtos da região.

O extrativismo vegetal representa a segunda atividade mais valorizada da microrregião, lembrando significativamente a sua condição tipicamente amazônica. Coletam-se madeiras nobres, lenha, palmito, açaí,, castanha-do-pará e borracha, entre outros produtos. A agricultura e a pecuária têm como objetivo o abastecimento local e a mandioca é o produto mais cultivado, seguindo-se, com valores bem modestos, o arroz, o milho, frutas diversas e, entre as lavouras comerciais, a pimenta-do-reino.

A cidade de Macapá, capital estadual, apresenta-se com típicas atividades urbanas e administrativas, porém, atividades industriais estão se instalando no vizinho e recém emancipado Município de Santana, onde se situam as atividades portuárias e a estação inicial da Estrada de Ferro Amapá.

16 02 004 - MICRORREGIÃO DE MARZAGÃO

O extrativismo vegetal representa a principal atividade da microrregião de Marzagão. Coletam-se madeiras nobres, lenha, borracha e castanha-do-pará, entre outros produtos de menor valor.

A agricultura e a pecuária constituem atividades complementares e muito pouco significativas. Cultiva-se mandioca, frutas diversas, arroz e milho.

Essa microrregião abriga a localidade de Beiradão, no Município de Laranjal do Jari, ligada intimamente, porém, ao Projeto Jari e à sua localidade sede, Monte Dourado, já no Estado do Pará, da qual está separada pelo rio Jari. O governo estadual cuida de ligar Beiradão a Macapá, por via rodoviária, AP-020, aproveitando parte do traçado da BR-156, rodovia federal ainda não totalmente construída.

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

TOCANTINS

AUTOR: ELIANE RIBEIRO DA SILVA

17 - TOCANTINS - TO

17 01 - Ocidental do Tocantins

17 01 001 - Bico do Papagaio

- 1 Ananás
- 2 Araguatins
- 3 Augustinópolis
- 4 Axixá do Tocantins
- 5 Buriti do Tocantins
6. Itaguatins
7. Nazaré
- 8 Praia Norte
- 9 Sampaio
- 10 São Sebastião do Tocantins
11. Sítio Novo do Tocantins
12. Tocantinópolis

17 01 002 - Araguaina

- 1 Araguaina
- 2 Arapoema
- 3 Babaçulândia
- 4 Colinas do Tocantins
5. Filadélfia
6. Nova Olinda
- 7 Wanderlândia
8. Xambioá

17 01 003 - Miracema do Tocantins

- 1 Araguacema
- 2 Barrolândia
- 3 Bernardo Sayão
- 4 Caseara
- 5 Couto de Magalhães
6. Divinópolis do Tocantins
- 7 Dois Irmãos do Tocantins
- 8 Goianorte
9. Guarai
10. Itaporã do Tocantins
- 11 Marianópolis do Tocantins
12. Miracema do Tocantins
- 13 Miranorte
- 14 Pequizeiro
15. Colméia
16. Presidente Kennedy

17 01 004 - Rio Formoso

1. Araguaçu
2. Cristalândia
- 3 Dueré

4. Fátima
5. Formoso do Araguaia
- 6 Nova Rosalândia
- 7 Paraíso do Tocantins
8. Pium

17 01 005 - Gurupi

- 1 Aliança do Tocantins
2. Alvorada
3. Brejinho de Nazaré
4. Figueirópolis
- 5 Gurupi
- 6 Palmeirópolis
7. Peixe

17 02 - Oriental do Tocantins

17 02 006 - Porto Nacional

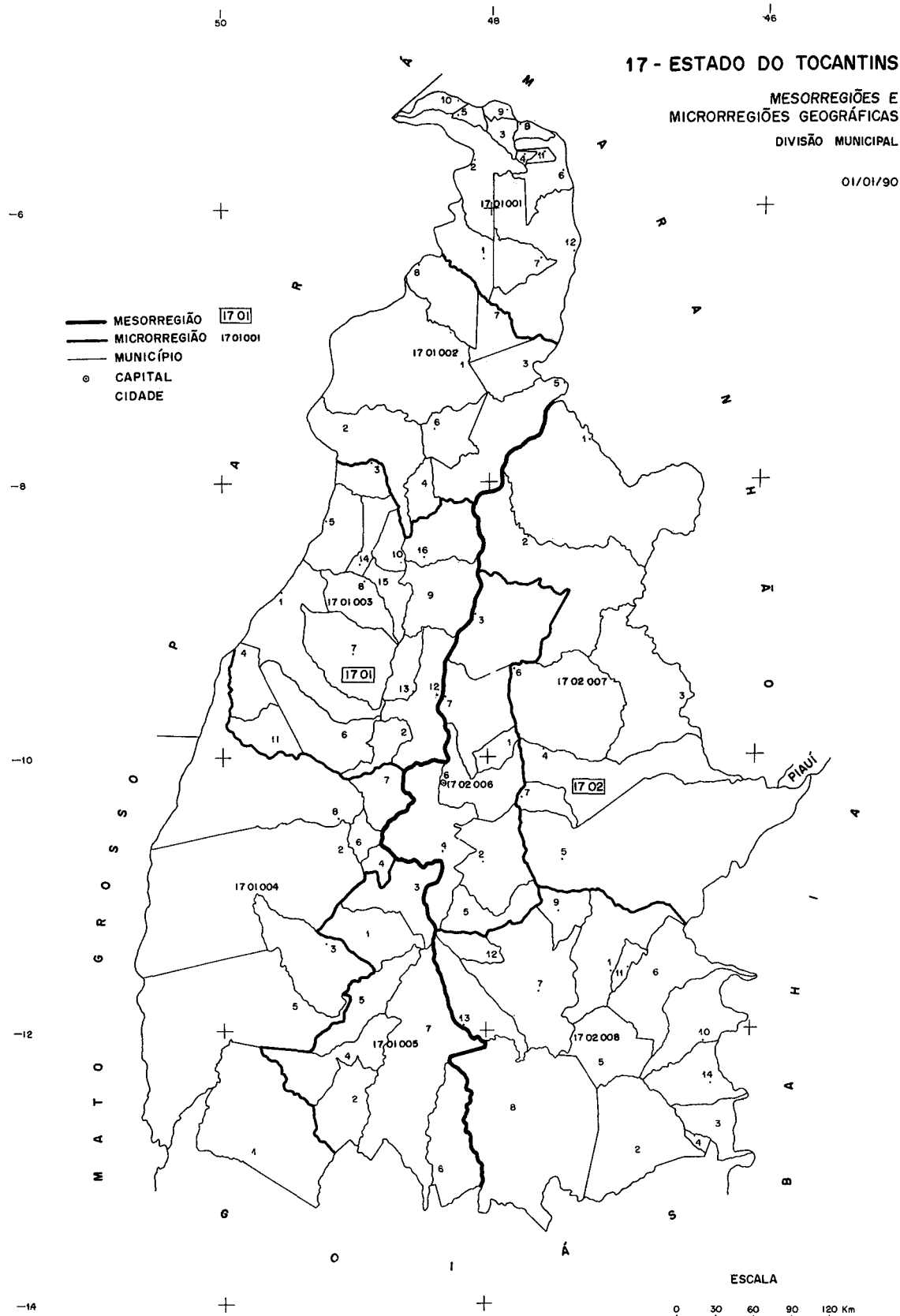
- 1 Aparecida do Rio Negro
2. Monte do Carmo
3. Pedro Afonso
- 4 Porto Nacional
5. Silvanópolis
6. Palmas
7. Tocantínea

17 02 007 - Jalapão

1. Goiatins
- 2 Itacajá
- 3 Lizarda
4. Novo Acordo
- 5 Ponte Alta do Tocantins
- 6 Rio Sono
7. Santa Tereza do Tocantins

17 02 008 - Dianópolis

1. Almas
2. Arraias
3. Aurora do Tocantins
- 4 Combinado
5. Conceição do Tocantins
6. Dianópolis
- 7 Natividade
- 8 Parana
9. Pindorama do Tocantins
10. Ponte Alta do Bom Jesus
- 11 Porto Alegre do Tocantins
12. Santa Rosa do Tocantins
13. São Valério da Natividade
14. Taguatinga



IBGE/DGC/DEGEO/DITER
IBGE/DGC/DEGEO/DITPE SE 2

BASE CARTOGRÁFICA CARTOGRAMA DA DIVISÃO MUNICIPAL
DO TOCANTINS EXECUTADO PELO DGC/DEAR/DIPOR SE 3

QUADRO COMPARATIVO DAS MESORREGIÕES E RESPECTIVAS MICRORREGIÕES

ESTADO DO TOCANTINS

MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS(*)	MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
MESORREGIÃO NORTE GOIANO Microrregião do Extremo Norte Goiano Microrregião do Baixo Araguaia Goiano Microrregião de Tocantina de Pedro Afonso Microrregião do Médio Tocantins-Araguaia Microrregião da Serra Geral de Goiás	MESORREGIÃO OCIDENTAL DO TOCANTINS (17 01) Microrregião do Bico do Papagaio Microrregião de Araguaína Microrregião de Miracema do Tocantins Microrregião do Rio Formoso Microrregião de Gurupi MESORREGIÃO ORIENTAL DO TOCANTINS (17 02) Microrregião de Porto Nacional Microrregião do Jalapão Microrregião de Dianópolis

(*) Desmembradas do Estado de Goiás

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

**QUADRO COMPARATIVO ENTRE A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS,
E A DIVISÃO REGIONAL EM MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS,
SEGUNDO A COMPOSIÇÃO POR MUNICÍPIOS**

ESTADO DO TOCANTINS

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS (*)	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
EXTREMO NORTE GOIANO (345) Ananás Araguaína Araguatins Augustinópolis Axixá de Goiás Babaçulândia Filadélfia Itaguatins Nazaré Nova Olinda São Sebastião do Tocantins Sítio Novo de Goiás Tocantinópolis Wanderlândia Xambioá	BICO DO PAPAGAIO (17 01 001) Ananás Araguatins Augustinópolis Axixá do Tocantins Buriti do Tocantins Itaguatins Nazaré Praia Norte Sampaio São Sebastião do Tocantins Sítio Novo do Tocantins Tocantinópolis ARAGUAÍNA (17 01 002) Araguaína Arapoema Babaçulândia Colinas do Tocantins Filadélfia Nova Olinda Wanderlândia Xambioá
BAIXO ARAGUAIA GOIANO (346) Araguacema Arapoema Colinas de Goiás Couto de Magalhães Dois Irmãos de Goiás Itaporã de Goiás Colméia	MIRACEMA DO TOCANTINS (17 01 003) Araguacema Barrolândia Bernardo Sayão Caseara Couto de Magalhães Divinópolis do Tocantins Dois Irmãos do Tocantins Goianorte Guaraí Itaporã do Tocantins Marianópolis do Tocantins Miracema do Tocantins Miranorte Pequizeiro Presidente Kennedy

(*) Microrregiões Homogêneas Desmembradas do Estado de Goiás

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ESTADO DO TOCANTINS

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
TOCANTINA DE PEDRO AFONSO (347) Goiatins Itacajá Lizarda Novo Acordo Pedro Afonso Ponte Alta do Norte Rio Sono Tocantínia	JALAPÃO (17 02 007) Goiatins Itacajá Lizarda Novo Acordo Ponte Alta do Tocantins Rio Sono Santa Tereza do Tocantins PORTO NACIONAL (17 02 006) Aparecida do Rio Negro Monte do Carmo Palmas Pedro Afonso Porto Nacional Silvanópolis Tocantínia
MÉDIO TOCANTINS-ARAGUAIA (348) Alvorada Brejinho de Nazaré Cristalândia Dueré Fátima Figueirópolis Formoso do Araguaia Guaraí Gurupi Miracema do Norte Miranorte Monte do Carmo Paraíso do Norte de Goiás Peixe Pium Gurupi Porto Nacional Presidente Kennedy Silvanópolis	RIO FORMOSO (17 01 004) Araguaçu Cristalândia Dueré Fátima Formoso do Araguaia Nova Rosalândia Paraíso do Tocantins Pium GURUPI(17 01 005) Aliança do Tocantins Alvorada Brejinho de Nazaré Figueirópolis Palmeirópolis Peixe

DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL EM MESORREGIÕES E MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS

ESTADO DO TOCANTINS

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS	MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS
SERRA GERAL DE GOIÁS (349) Almas Arraias Aurora do Norte Campos Belos Conceição do Norte Dianópolis Monte Alegre de Goiás Natividade Palmeirópolis Paraná Pindorama de Goiás Ponte Alta de Bom Jesus Taguatinga	DIANÓPOLIS (17 02 008) Almas Arraias Aurora do Tocantins Combinado Conceição do Tocantins Dianópolis Natividade Paraná Pindorama do Tocantins Ponte Alta do Bom Jesus Porto Alegre do Tocantins Santa Rosa do Tocantins São Valério da Natividade Taguatinga

17 01 - MESORREGIÃO OCIDENTAL DO TOCANTINS

A Mesorregião Ocidental do Tocantins apresenta, em vastas áreas, uma paisagem natural bastante alterada, muito embora o processo de ocupação tenha se acelerado a partir de meados do século atual. Desse modo, a vegetação original paulatinamente erradicada, tem cedido espaços para as rodovias, cidades, projetos agrícolas e, sobretudo, para as pastagens.

No cotidiano tocantinense a rede hidrográfica assume particular importância, com destaque para os rios Tocantins e Araguaia. A navegação, a pesca e o lazer constituem alguns dos benefícios usufruídos pela população dos vários núcleos urbanos localizados às margens. No médio Araguaia, descortina-se extensa planície oriunda da acumulação fluvial, correspondente à Ilha do Bananal e terras contíguas, sujeitas a inundações entre os meses de dezembro e abril. Os solos dessa área são utilizados, via de regra, pela pecuária extensiva em pastagens naturais e pelas culturas irrigadas, como a do arroz. A Ilha do Bananal, apontada como a maior ilha fluvial do mundo, abriga os Parques Nacional do Araguaia e Indígena do Araguaia. Uma outra área marcante por suas especificidades físicas corresponde ao extremo norte da mesorregião, formada pela confluência dos rios Tocantins e Araguaia e conhecida como Bico do Papagaio. Nesse espaço, a cobertura vegetal caracteriza-se pela existência de matas que penetram pelo Vale do rio Araguaia e cerrados que recobrem as chapadas e babaçuais, no Vale do rio Tocantins. No Bico do Papagaio os derrames de rochas basálticas dão origem aos solos mais férteis da mesorregião.

O povoamento desse segmento territorial ocorreu em diferentes períodos. Para a sua efetivação contribuíram diversos fatores resultando numa ocupação do tipo rarefeita e principiada com a maior participação de migrantes nordestinos oriundos, notadamente do Maranhão, Piauí e Bahia. A agropecuária tradicional, servindo de esteio às demais atividades econômicas sempre atuou como elemento povoador, embora tivesse a função precípua de abastecer a população local. A pecuária extensiva revelou-se um importante veículo na disseminação da população, assumindo posteriormente a liderança na vida econômica regional, enquanto a agricultura apresentava um quadro menos expressivo. Em meados do século XIX, o extrativismo vegetal com ênfase na coleta do babaçu propiciou o início da ocupação do Bico do Papagaio. Nos anos 40-50, do presente século, a exploração do cristal de rocha ocorreu em vários locais sendo responsável pela edificação de cidades como Pium e Cristalândia.

Na década de 1960, a fundação de Brasília e a abertura da rodovia Belém-Brasília colaboraram para minimi-

zar o isolamento da mesorregião e acelerar o processo de transformação deste espaço. A rodovia, além de facilitar o escoamento da produção agropecuária regional, permitiu o surgimento de vários núcleos urbanos. Alguns desses centros, como Araguaína e Gurupi, destacam-se por sua atividade econômica e pelo papel desempenhado como pólos de convergência de população.

Na década de 1970, os incentivos fiscais provenientes dos programas implantados por iniciativa federal - POLAMAZÔNIA (Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia) e POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados) - promoveram o aumento do espaço produtivo, acelerando o processo de modernização agrícola com a introdução de cultivos irrigados, como do arroz e da soja e a pecuária desenvolvida em moldes empresariais. Contudo, se de um lado, o uso de tecnologia moderna trouxe maior dinamismo para o setor agropecuário desta área de fronteira, de outro lado, como é notório, acentuou a concentração fundiária e as disputas de terras, culminando, não raro, com a expulsão de pequenos produtores para a periferia dos centros urbanos.

Nos dias de hoje, a mesorregião vem passando por rápidas e marcantes transformações, reflexo direto da criação do Estado do Tocantins, ao final do ano de 1988. A implantação do referido Estado foi precedida de vários movimentos em prol de sua emancipação. Alguns deles tão antigos quanto a história de seu povoamento, tornaram-se mais fortes neste século. O novo Estado veio reforçar as esperanças da população tocantinense para um maior desenvolvimento social e econômico. A cidade de Miracema do Tocantins constitui exemplo dos mais expressivos das recentes mudanças no espaço tocantinense, em razão de ter desempenhado as funções de capital provisória do Estado a partir de 13/12/1988 até a instalação em 01/01/1990 da atual capital, a cidade de Palmas, ora em construção. Um outro exemplo consiste na divisão acentuada da malha municipal do Estado de Tocantins, sendo a mesorregião em foco, aquinhoadada, até o momento, com o maior número de novos municípios.

Outras alterações poderão ocorrer num futuro próximo, neste espaço geográfico, se for concluída a construção da ferrovia Norte-Sul. Este empreendimento tem recebido o apoio de diversas autoridades governamentais, pois segundo seus adeptos, promoverá o desenvolvimento agrário em grandes áreas do Estado. A ferrovia, com extensão prevista de 1.570 quilômetros, ligando as cidades de Açailândia (MA) a Anápolis (GO), teve seu primeiro trecho - Açailândia (MA) a Imperatriz (MA) - inaugurado em abril de 1989. Entretanto, desde a fase de projeto, a estrada de ferro suscitou grande polêmica entre diversos segmentos da sociedade, tendo em vista a ferrovia obedecer o mesmo sentido da rodovia Belém-Brasília, bem como a possibilidade do rio Tocantins ser transformado em hidrovía.

Na mesorregião ocidental do Tocantins, a integração espacial ainda torna-se difícil em virtude do reduzido número de estradas, insuficientes para estabelecer relações mais intensas em seu território. A rodovia Belém-Brasília constitui-se no principal eixo de articulação entre os vários centros urbanos locais e os mercados, como os de Belém, Brasília, Goiânia e São Paulo. Os centros mais prósperos e de melhor equipamento funcional e que atuam como localidades centrais são Tocantinópolis, pertencentes à região de influência de Imperatriz (MA); Araguaína, Gurupi e Miracema do Tocantins, inseridos na região de influência de Goiânia.

Na Mesorregião, as peculiaridades espaciais possibilitaram a identificação de cinco microrregiões, a saber: Bico do Papagaio, Araguaína, Miracema do Tocantins, Rio Formoso e Gurupi.

17 01 001 - MICRORREGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO

No século XIX, muitas famílias de nordestinos, sobretudo maranhenses, foram atraídas pela riqueza vegetal da região, constituída não só por madeiras de lei como o cedro e o mogno, mas também, por extensos babaçuais. Na atualidade, o extrativismo do babaçu tem sido alvo de constantes ameaças, por parte de grandes pecuaristas que destroem as palmeiras com queimadas e plantam capim. O fato não é de todo estranho neste espaço conhecido por graves conflitos e violência, gerados na disputa pela posse da terra.

Na realidade, trata-se de uma área pobre, que tem na pecuária bovina de corte sua principal fonte econômica. No desenvolvimento da atividade criatória, via de regra, as pastagens plantadas superam as atuais. A agricultura emprega, basicamente, a mão-de-obra familiar sendo implementada com reduzido número de arados e tratores. O arroz e o milho são as culturas de maior relevância. O Município de Tocantinópolis distingue-se pelo valor auferido na produção agrícola, bem como, pelo maior uso da mecanização. O referido Município, além dos cultivos já citados, produz a cana-de-açúcar, processada em seu território visando a fabricação do álcool.

17 01 002 - MICRORREGIÃO DE ARAGUAÍNA

A bovinocultura de corte, desenvolvida predominantemente em pastos plantados, constitui a mais importante atividade produtiva da área. Destacando-se, por apresentar um numeroso rebanho bovino, o Município de Araguaína implementa a pecuária em estabelecimentos de grandes dimensões,

com relevante utilização de mão-de-obra temporária e permanente. Nesta microrregião o setor agrícola é pouco expressivo. Dentre os principais cultivos, cita-se o milho, a mandioca e a cana-de-açúcar.

Na cidade de Araguaína, está localizado o frigorífico Frimar e, por receber o gado para o abate, consagrou-se como a capital do boi gordo. A carne destina-se não só ao mercado estadual, mas também, quando resfriada, segue em caminhões frigoríficos para Belém e o nordeste do País. O centro urbano de Araguaína, nascido junto à rodovia Belém-Brasília, há aproximadamente três décadas, detém as funções de centro sub-regional.

17 01 003 - MICRORREGIÃO DE MIRACEMA DO TOCANTINS

Na maioria dos Municípios que compõem a microrregião, a população urbana apresenta-se bastante reduzida, implicando na concentração da população economicamente ativa no setor primário da economia. A atividade criatória constitui a maior fonte de renda da área, onde o rebanho bovino especializado para o corte, desenvolve-se, principalmente, em pastos naturais. Na agricultura praticada com limitado emprego de tecnologia, sobressai a cultura do arroz, vindo a seguir a banana, o milho e o feijão.

A cidade de Miracema do Tocantins, a mais importante da microrregião edificada junto ao rio Tocantins, comunica-se com a rodovia Belém-Brasília através de um percurso de vinte e três quilômetros por estrada asfaltada. Miracema do Tocantins vivenciou, recentemente, momentos de intensa movimentação, quando durante o ano de 1989, abrigou a capital provisória do Estado, tornando-se, mesmo que temporariamente, o centro das decisões político-administrativas do governo estadual. Deste modo, o incremento populacional, a especulação imobiliária, a construção de prédios públicos, comerciais e residenciais são alguns dos fatores que contribuíram para as mudanças no panorama urbano. No entanto, com a transferência da capital para Palmas, a cidade de Miracema do Tocantins começou a apresentar evidentes sinais de declínio, como a redução nas vendas do comércio de materiais de construção, ou mesmo, por obras públicas que não saíram da fase de projeto.

17 01 004 - MICRORREGIÃO DO RIO FORMOSO

A pecuária bovina de corte é a principal atividade econômica deste espaço, onde, dominam as áreas ocupadas com

pastagens naturais Na agricultura, destaca-se o cultivo do arroz, vindo em seguida a soja e a banana Nos Municípios de Araguaçu e Cristalândia são encontradas grandes fazendas, que empregam técnicas modernas de plantio

No cenário rural, a microrregião individualiza-se por abrigar em suas terras o Projeto Rio Formoso O Projeto criado pelo governo estadual, no início da década de 1980, localizado na planície do Médio Araguaia, tem como um dos objetivos, desenvolver cultivos em áreas irrigadas. O referido Projeto é gerenciado por cooperativas consideradas, atualmente, como verdadeiras empresas agrícolas, que trabalham a terra com o emprego de tecnologia moderna resultando na excelente produtividade das culturas do arroz e da soja

Na microrregião, o Município de Paraíso do Tocantins, particulariza-se por apresentar uma população economicamente ativa, voltada, majoritariamente, para as atividades urbanas, nos setores terciário e secundário da economia

17 01 005 - MICRORREGIÃO DE GURUPI

A área em questão teve seu crescimento vinculado à construção da rodovia Belém-Brasília, o que ensejou o aparecimento de centros urbanos como Aliança do Norte, Gurupí e Figueirópolis e, facilitou o escoamento da produção agropecuária

A vida econômica da microrregião está voltada, primordialmente, para a pecuária bovina de corte Na atividade agrícola, destaca-se pelo valor da produção, o cultivo do arroz, seguido da soja Já no Município de Peixe, detentor de destilaria de álcool, sobressai a cultura canavieira destinada a fabricação deste produto Os Municípios de Alvorada, Gurupi e Peixe beneficiaram-se das linhas de crédito federais, através do POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados) resultando no maior uso da mecanização e utilização de adubos na prática agrícola

O centro urbano de Gurupi, o mais bem equipado da microrregião, atua como distribuidor de bens e serviços à população O setor industrial de Gurupi apresenta-se em crescimento devido à recente implantação do PAIG (Parque Agroindustrial de Gurupi)

17 02 - MESORREGIÃO ORIENTAL DO TOCANTINS

O processo de ocupação da Mesorregião Oriental do Tocantins foi desencadeado, no século XVIII, com a exploração do ouro, possibilitando a concentração de população em pequenos núcleos urbanos, responsáveis pelo surgimento de cidades como Arraias e Dianópolis. Paralelamente ao surto aurífero, a pecuária extensiva fincou raízes permanecendo, até a época presente, como a atividade de maior expressão econômica. Contudo, é preciso considerar que a implantação dessas atividades pioneiras resultou numa ocupação descontínua e rarefeita. Na realidade, somente com a construção da rodovia Belém-Brasília (BR-153), na década de 1960, esta área de fronteira passou a integrar-se à economia de mercado. A BR-153, de traçado longitudinal, não corta a mesorregião, embora esta última seja beneficiada por sua relativa proximidade. Assim várias rodovias da área demandam a Belém-Brasília, a mais importante via de acesso aos centros dinâmicos de produção e consumo do País.

A rede hidrográfica - composta pelo rio Tocantins e seus afluentes - também exerceu um papel decisivo no povoamento, pois até a implantação das rodovias, os rios constituíam as principais vias de circulação, que ao mesmo tempo, permitiam o acesso às novas terras e o escoamento da produção. Ao longo do rio Tocantins floresceram diversas cidades, dentre as quais, Porto Nacional e Pedro Afonso, relevantes para a vida de relações locais. Além disso, somam-se à importância da navegação fluvial, as opções de turismo e lazer, especialmente em suas inúmeras praias.

No quadro físico mesorregional destacam-se outros elementos, como o relevo escarpado em seus limites orientais, representado pela Chapada das Mangabeiras e pela Serra Geral de Goiás, contrapondo-se às formas de modelado suave dominantes. A cobertura vegetal típica é de cerrado, enquanto as florestas-galeria surgem nas margens dos rios. No decorso das atividades econômicas introduzidas neste espaço a ação antrópica tem provocado sensíveis alterações na paisagem original, embora alguns lugares permaneçam com baixas densidades populacionais, ocorrendo verdadeiros vazios demográficos, a exemplo da Região do Jalapão, onde estão localizadas as reservas indígenas como a dos Craões nos Municípios de Goiatins e Itacajá e dos Xerentes em Tocantínia. Nesta área em que há predominância dos solos de baixa fertilidade natural, a agricultura rudimentar e a pecuária extensiva compõem um painel econômico não muito próspero.

A estrutura produtiva da mesorregião está calcada, de modo geral, na pecuária bovina de corte. No uso da terra, a área destinada às lavouras é bastante restrita, sobres-

saindo a rizicultura por apresentar maior valor da produção. Apenas em sua porção meridional há maior diversificação da produção, pois distinguem-se na pauta agrícola além do arroz, os cultivos do milho, mandioca, soja e cana-de-açúcar.

As cidades de Porto Nacional, Pedro Afonso, Dianópolis e Arraias, pertencentes à área de influência de Goiânia, atuam como localidades centrais atendendo à população da mesorregião, ainda que de modo precário, pois o sistema viário pouco desenvolvido, com seu reduzido número de estradas de rodagem, na maioria não pavimentadas, dificulta a interação espacial. No entanto, a instalação da cidade de Palmas, capital do Estado de Tocantins, que está sendo edificada a uma distância de 65 km da cidade de Porto Nacional pretende, segundo as autoridades governamentais, funcionar como centro irradiador de modernidade para o território tocatinense.

A mesorregião oriental do Tocantins é integrada por três microrregiões, a saber: Porto Nacional, Jalapão e Dianópolis.

17 02 006 - MICRORREGIÃO DE PORTO NACIONAL

Na paisagem agrária da microrregião dominam as áreas ocupadas com pastagens, notadamente, as naturais, onde emerge, como principal atividade econômica, a pecuária bovina de corte. Na área dedicada às lavouras, embora muito reduzida, sobressaem os cultivos de arroz, soja, mandioca e banana. O Município de Porto Nacional merece destaque tanto no que se refere ao valor da produção auferido no setor primário, quanto ao maior emprego de tratores e uso de adubos na prática agrícola. Este município, o mais urbanizado da área, é o único cuja população economicamente ativa, em sua maior parte, está envolvida em atividades dos setores secundário (nos gêneros industriais de produtos alimentares, transformação de produtos de minerais não metálicos e madeira) e terciário da economia.

A origem da cidade de Porto Nacional, data do final do século XVII. Localizada na margem direita do rio Tocantins desenvolveu-se graças à navegação fluvial e ao ouro que escoava pelas águas do rio em direção à Metrópole Portuguesa. Nos dias de hoje, Porto Nacional atua como localidade central comunicando-se com os municípios circunvizinhos através das rodovias e por via fluvial, cujo transporte é menos oneroso para a população.

17 02 007 - MICRORREGIÃO DO JALAPÃO

Na microrregião predomina o relevo plano ou levemente ondulado, modelado em estrutura geológica constituída, basicamente, por rochas sedimentares. Estas deram origem a solos arenosos e pobres recobertos, em sua maioria, pela vegetação de cerrados. Assim, em seu ambiente natural pouco favorável para a prática agrícola tem se mantido, ao longo dos anos, formas tradicionais do uso do solo.

A vida econômica desse espaço está estreitamente vinculada à atividade criatória. Desse modo, na utilização das terras prevalecem as áreas com pastagens nativas ocupadas pelo rebanho bovino voltado, essencialmente, para o corte. Já as lavouras detêm parcela reduzida da área total dos estabelecimentos, sendo o arroz o cultivo de maior valor da produção, seguido do milho, mandioca e banana.

A pobreza da área pode ser evidenciada pela ausência de centros urbanos que exerçam a função de localidade central e, também, pela precariedade de sua rede viária que dificulta, sobremaneira, a articulação entre os centros, devido à carência de estradas asfaltadas.

17 02 008 - MICRORREGIÃO DE DIANÓPOLIS

Os solos de baixa fertilidade ocupando vastos espaços e também, a rede viária constituída por reduzido número de rodovias federais e estaduais não pavimentadas são fatores que têm contribuído para a cristalização dos métodos tradicionais de produção.

A pecuária bovina de corte constitui a maior fonte de renda da microrregião, sendo praticada, sobretudo, em pastagens naturais. Na agricultura há uma diversidade de culturas, destacando-se o arroz, seguido do milho, soja, mandioca, banana e feijão. Já o cultivo da cana-de-açúcar é bastante representativo no Município de Arraias, que possui usina produtora de álcool. Uma outra atividade econômica expressiva, diz respeito ao extrativismo da madeira, efetuado, mormente, nos Municípios de Aurora do Tocantins e Conceição do Tocantins, proporcionando, nesta área, o desenvolvimento da indústria madeireira.

As cidades de Dianópolis e Arraias, nascidas no século XVIII, com a exploração do ouro, são centros locais de distribuição de bens e prestação de serviços à população.